

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE ARTES E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Gabriela Souto Alves

**PORTUNHOL SELVAGEM: UMA (IN)CÔMODA RESISTÊNCIA  
POÉTICA**

Santa Maria, RS  
2019

**Gabriela Souto Alves**

**PORTUNHOL SELVAGEM: UMA (IN)CÔMODA RESISTÊNCIA POÉTICA**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para a obtenção do título de **Doutor em Letras**.

Orientadora: Dra. Amanda Eloina Scherer

Alves, Gabriela  
Portunhol Selvagem: uma (in)cômoda resistência poética  
/ Gabriela Alves.- 2019.  
187 p.; 30 cm

Orientadora: Amanda Eloina Scherer  
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa  
Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação  
em Letras, RS, 2019

1. Portunhol Selvagem 2. Resistência 3. Análise de  
Discurso 4. Modalidades do Funcionamento Subjetivo I.  
Scherer, Amanda Eloina II. Título.


O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

**Gabriela Souto Alves**

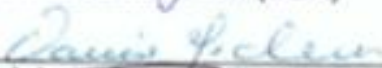
**PORTUNHOL SELVAGEM: UMA (IN)CÔMODA RESISTÊNCIA POÉTICA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Doutor Letras**.

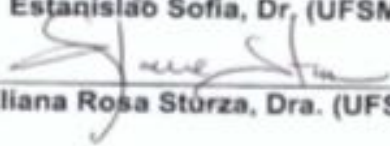
**Aprovado em 18 de outubro de 2019:**

  
\_\_\_\_\_  
**Amanda Eloina Scherer, Dra. (UFSM)**  
(Presidente/Orientadora)

  
\_\_\_\_\_  
**Mara Ruth Gluzman, Dra. (UBA)**

  
\_\_\_\_\_  
**Vanise Gomes de Medeiros, Dra. (UFF) - Videoconferência**

  
\_\_\_\_\_  
**Estanislao Sofia, Dr. (UFSM)**

  
\_\_\_\_\_  
**Eliana Rosa Stürza, Dra. (UFSM)**

*A pedra que os construtores rejeitaram  
veio a ser a mais importante de todas.  
(Salmos 118:22)*

Agradeço o meu privilégio de classe, o qual, apesar dos muitos tropeços da vida, me conferiu a oportunidade de dedicar tempo para pensar as coisas de Letras.

*Mais que importante, é algo prazeroso escrever numa língua que não existe como idioma, mas existe como fala e como escritura, é como inventar uma língua dentro das línguas em que se está tradicionalmente inscrito, é também um gesto político: não escrever como um bom aluno obediente à língua oficial do Estado, es como escrever en la tierra de ninguém, de lo indeterminado, de lo imprevisível. De modo que penso que escrever num idioma híbrido tem mais delícias que importâncias.*

(Douglas Diegues)



## RESUMO

### PORTUNHOL SELVAGEM: UMA (IN)CÔMODA RESISTÊNCIA POÉTICA

AUTOR: Gabriela Souto Alves  
ORIENTADOR: Amanda Eloina Scherer

A partir do objeto teórico cerne desta reflexão científica, o qual compreende o discurso em e sobre portunhol selvagem, é desenvolvida a temática de uma língua amalgamada como possível manifestação poética de resistência. Para tanto, a questão de pesquisa abrange os efeitos de sentido da designação selvagem e as contradições que a poética desse portunhol produz ao se colocar como resistência. O objetivo principal é problematizar o lugar autoafirmado de resistência, pensando nas falhas e equívocos constitutivos do funcionamento discursivo em e sobre portunhol selvagem. Os objetivos específicos envolvem explorar a nomeação portunhol selvagem, bem como sua consequente designação, já que esse gesto envolve movimentos semânticos – o processo de designação – e movimentos discursivos – a identificação e a subjetivação. A delimitação do objeto analítico se dá, especialmente, em torno de algumas declarações dadas pelo escritor Douglas Diegues, elas são recortadas de entrevistas, sendo que o escritor responde a questões sobre o portunhol selvagem em portunhol selvagem, sempre de forma escrita. Considerando o elo indissociável entre oralidade, escrita e literatura como constitutivo do portunhol selvagem, é feita uma relação desse objeto com a tríade sujeito-discurso-ideologia, e o aparato teórico desta tese envolve, sobretudo, a teoria materialista do discurso, especialmente conforme mobilizada por Michel Pêcheux na Análise de Discurso francesa (AD). As conclusões indicam por que essa resistência é considerada (in)cômoda para esta tese, pois, do ponto de vista social, cultural, econômico e histórico, ela se apresenta conveniente e exequível ao sujeito do portunhol selvagem ao mesmo tempo em que perturba e desafia padrões linguísticos, poéticos e literários tradicionalmente estabelecidos.

**Palavras-chave:** Portunhol Selvagem; Resistência; Análise de Discurso; Modalidades do Funcionamento Subjetivo.

## ABSTRACT

### “PORTUNHOL SELVAGEM”: AN (IN)CONVENIENT POETIC RESISTANCE

AUTOR: Gabriela Souto Alves  
ORIENTADOR: Amanda Eloina Scherer

From the theoretical object of this scientific reflection, which includes the discourse in and on "portunhol selvagem", the theme of this amalgamated language is developed as a possible poetic manifestation of resistance. For this, the research question covers the effects of meaning of the "selvagem" designation and the contradictions that the poetics of this portunhol produces when putting itself as resistance. The main objective is to problematize the self-asserted place of resistance, thinking about the failures and misconceptions constitutive of the discursive functioning in and on "portunhol selvagem". Specific aspects involve exploring the "portunhol selvagem" naming, as well as its subsequent designation, since this gesture involves semantic movements - the designation process - and discursive movements - identification and subjectivation. The delimitation of the analytic object occurs especially around of some statements given by the writer Douglas Diegues, they are cut out of interviews, and the author answers questions about "portunhol selvagem" in "portunhol selvagem", always in written form. Considering the indissociable link between orality, writing and literature as constituting the "portunhol selvagem", a relation of this object is made with the triad ideology-subject-discourse, and the theoretical apparatus of this thesis involves, above all, the materialist theory of discourse, especially as mobilized by Michel Pêcheux in the French Discourse Analysis. The conclusions indicate why this resistance is called (in)convenient, since, from the social, cultural, economic and historical point of view, it is convenient and comfortable for the subject of the "portunhol selvagem" at the same time that it disturbs and challenges traditionally established linguistic, poetic and literary standards.

**Keywords:** Portunhol Selvagem; Resistance; Discourse Analysis; Subjective Functioning Modalities.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Glossário I .....	54
Figura 2 – Glossário II .....	55
Figura 3 – Glossário III .....	56
Figura 4 – Glossário IV .....	56
Figura 5 – Glossário V .....	57
Figura 6 – Capa 1 .....	78
Figura 7 – Capa 2 .....	79
Figura 8 – Capa 3 .....	80
Figura 9 – Capa 4 .....	81
Figura 10 – Interior do livro .....	82
Figura 11 – Yiyi Jambo em produção .....	83

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro I – Manifesto Selvagem .....	37
-------------------------------------	----

# SUMÁRIO

<b>PRIMEIRAS PALAVRAS: APRESENTAÇÃO</b> .....	14
<b>MOVIMENTO I – SOBRE UMA SELVAGERIA PRODUZIDA: O POLÍTICO</b> .....	<b>28</b>
1.1 LÍNGUA, DISCURSO E CONTRADIÇÃO.....	30
1.2 PORTUNHÓIS .....	33
1.3 O POLÍTICO: CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO E RAÍZES COLONIAIS.....	40
<b>1.3.1 A identificação na relação sujeito/língua</b> .....	<b>43</b>
<b>1.3.2 Língua indígenas: selvagens para quem?</b> .....	<b>46</b>
<b>MOVIMENTO II – SOBRE UMA SELVAGERIA POÉTICO-LITERÁRIA: LÍNGUA EM EFERVESCÊNCIA</b> .....	<b>59</b>
2.1 POSIÇÃO SUJEITO: UMA REDE DE LUGARES DISCURSIVOS .....	61
2.2 LÍNGUA, ESCRITA E MODELO IMPERATIVO DE LÍNGUA: UMA POLÍTICA DA ARTE.....	64
2.3 PRÁTICAS POÉTICAS E PRÁTICAS POLÍTICAS .....	70
<b>2.3.1 A literatura e os critérios extraliterários: editoras cartoneras</b> .....	<b>74</b>
<b>MOVIMENTO III – SOBRE UMA SELVAGERIA DISCURSIVA: A (IN)CÔMODA RESISTÊNCIA DO PORTUNHOL SELVAGEM</b> .....	<b>86</b>
3.1 RESISTÊNCIA: A INSUBORDINAÇÃO COMO CONSTITUTIVA DO SENTIDO.....	88
3.2 MODALIDADES DO FUNCIONAMENTO SUBJETIVO: RETOMADAS E CATEGORIAS .....	93
3.3 MOVIMENTOS DE SELVAGERIA: UMA BUSCA PELA CONTRAIDENTIFICAÇÃO .....	97
<b>3.3.1 A selvageria de não ser: a negação</b> .....	<b>106</b>
3.4 SOBRE AS CONTRADIÇÕES DE UMA RESISTÊNCIA .....	119
<b>ÚLTIMAS PALAVRAS</b> .....	145
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	156
<b>ANEXOS</b> .....	162

**PRIMEIRAS PALAVRAS:**

**APRESENTAÇÃO**

*Muchos amam el power.  
Muchos amam el dinero.  
Todo bien. Non tengo nada kontra isso.  
Yo poderia ser um grande traficante de  
pedras preciosas.  
Pero non amo essa playa. Yo amo escribir.  
Escrever em portunhol selvagem com um  
lápiz paraguay comprado nel Mercado 4.  
(Douglas Diegues)*

Iniciar um texto é sempre um desafio, as palavras e ideias brotam indisciplinadas, parece que, para fazer sentido, é preciso domar toda essa natureza, sobretudo em uma escrita científica. Nesta tese, mimetizando o seu objeto teórico de estudo – o portunhol selvagem –, procuro colocar em prática uma postura que permita ser cada vez mais essencialmente indômita a escritura, construindo-se de um amplo e constante percurso investigativo. Não é o fato de pesquisar, de escrever de determinado modo, de fazer ciência, que a torna lugar da objetividade e da verdade universal. O fazer científico começa quando as questões do senso comum já não são o bastante e, por mais não exata que se caracterize a pesquisa em Ciências Humanas, como qualquer processo de produção de conhecimento científico, o que se exige é uma tomada de posição, que se acolha uma perspectiva a fim de se buscar objetividade científica.

Para tanto, compartilho da posição de Patrick Seriot (2015) de que as palavras e as coisas não se recobrem totalmente, há uma incompletude de todo conhecimento, que é a condição mesma do conhecimento. A teoria é que possibilita construir seu objeto a partir da escolha de um ponto de vista. Nesse sentido, tratar de língua é uma tarefa sempre complexa, devido a sua amplitude de significados e funcionamentos. Cientificamente, um conhecimento linguístico dependerá da concepção de língua que será movimentada em seu percurso de pesquisa. Assumo uma perspectiva, mas jamais ousarei, em minha pesquisa, supor que estou dizendo o todo sobre a língua, sobre as possibilidades discursivas do meu objeto teórico, até porque isso esvaziaria esta tese de sentido.

Uma vez que dizer o todo equivale a nada dizer (SERIOT, 2015), é a partir de um recorte social e histórico que posso pensar sobre a língua da perspectiva da ciência. Em vista disso, busco inscrever este trabalho em uma episteme que toma a língua sempre relacionada com a história e com os sujeitos, erigindo dessa materialidade contradições e efeitos de sentido. Logo, o aparato teórico envolve a teoria materialista do discurso, especialmente conforme mobilizada por Michel Pêcheux na Análise de Discurso francesa (AD). Estando a objetividade da ciência na coerência do processo analítico, do recorte teórico, do *corpus* e das relações estabelecidas, esta tese se desenvolve em uma visão de mundo que visa desmontar a ideia de universalização/totalidade em relação ao conhecimento linguístico,



recortando um objeto de pesquisa e oportunizando a ele um caminho metodológico e discursivo a fim de investigá-lo a partir de determinado prisma.

O objeto teórico que conduz para o cerne desta reflexão científica compreende discursos<sup>1</sup> em e sobre o portunhol selvagem. Este é considerado uma língua amalgamada, que não se coloca sob as regras gramaticais normativas de “idiomas”<sup>2</sup> estanques, tampouco sob regularidades que (re)conhecemos (cf. seção 1.2). Para existir, seu funcionamento une, além de português e espanhol, línguas indígenas – sobretudo o guarani –, inglês, italiano, árabe, entre outras, em um **movimento de adição não estável**. O portunhol selvagem é, principalmente, a base para a atividade poético-literária de vários escritores. Dentre eles, destaca-se Douglas Diegues, um carioca que vive em Ponta Porã, área de fronteira com a cidade paraguaia de Pedro Juan Caballero. Diegues se dedica a poemas em portunhol selvagem e publica suas obras majoritariamente via editoras cartoneras – conhecidas por produzir livros-papelão de baixo custo. Esse conjunto de características do portunhol selvagem, a princípio, sugere uma posição de resistência em relação à língua como sistema normativo, assim como ao sistema literário oficial.

Cotidianamente, não obedecer a regras normativas para a língua como idioma tem sido um agente de marginalização do sujeito em várias esferas. Das redes sociais ao ambiente acadêmico, passando pelo jornalismo e pelos agentes públicos, sempre há alguém pronto para “corrigir” a língua do outro do alto de sua suposta superioridade linguística. Já na arte literária, isso é, muitas vezes, distintivamente considerado uma transgressão positiva. Contudo, combinar ou descombinar línguas oficialmente reconhecidas, de maneira não estável, e adicionar a isso línguas historicamente apagadas – como as indígenas –, ultrapassa até mesmo os limites do sistema literário que, contemporaneamente, suporta a literatura. Para mais destacar este possível caminho fora da rota, há a questão de os livros em portunhol selvagem serem publicados de um modo destoante em relação ao mercado editorial. Ou seja, de modo geral, a primeira visão desta língua que se reconhece híbrida é: ela resiste, ela faz seu trajeto fora do percurso esperado.

---

<sup>1</sup> Para que não haja dubiedade, indico que, toda vez que tratar de “discurso” ou “discursos” nesta tese, estou tratando não do discurso do senso comum (político, midiático, etc.), mas do discurso que conjuga aspectos linguísticos e aspectos histórico-ideológicos, tendo como materialidade a língua, conforme a Análise de discurso de linha francesa (AD).

<sup>2</sup> Idioma como uma leitura que torna rarefeita a historicidade dos fatos linguísticos, conforme o conceito estabelecido por Dias (1996).

Há muito o que se pensar e investigar em relação a tudo de relativamente novo que pode significar esse portunhol designado selvagem. O primeiro movimento que tive frente a tal objeto teórico – além de, claro, elevá-lo a essa condição – foi o de problematizar o seu lugar autoafirmado de resistência, pensando quais contradições e efeitos de sentido poderiam erigir das falhas e equívocos constitutivos de seu discurso em funcionamento. Dentre as possibilidades de investigação, comecei meu recorte construindo alguns questionamentos. Parte deles embasa minha questão analítica, a qual se desenvolve no discurso **em** e no discurso **sobre** portunhol selvagem:

1) Por que esse portunhol é designado selvagem? Já se sabe que o portunhol não é uno (STURZA; TATSCH, 2016) e que pragmaticamente – ou via senso comum –, ele é considerado uma interlíngua, resultado do encontro de português e espanhol, sobretudo em cidades que compartilham a fronteira geográfica, sendo algo íntimo da oralidade. Então, o que faz desse tipo especificamente selvagem? Ora, escrever como se fala, na literatura, não é algo novo; por sua vez, o encontro de línguas é um recurso poético que pode ser considerado inovador. No entanto, mesmo Fabián Severo, poeta Uruguaio que tem sua produção poética escrita em portunhol, não o designa selvagem.

2) O que significa, em tais condições de produção, ser selvagem e que efeitos de sentido e contradições essa designação produz?

3) Como isso faz funcionar determinada poética?

4) De que fronteira estou tratando ao abordar o portunhol selvagem? Certamente, não é apenas da ordem da geografia, da economia ou da política.

Essas são questões analíticas que me ajudam a desenvolver a questão de pesquisa desta tese: **os efeitos de sentido da designação selvagem e as contradições que a poética desse portunhol produz ao se colocar como resistência**. Isso partindo-se de que o sentido não tem origem nem nos sujeitos nem na língua, mas se constitui na relação entre os sujeitos junto às condições de produção do discurso. Em outras palavras, trata-se da problematização de uma língua que, por sua designação e por seu funcionamento, implica uma série de tensões entre já-ditos, entre discursos estabilizados.

A partir disso, desenvolvo essa temática do portunhol selvagem como possível manifestação poética de resistência. Dessa forma, o meu conceito de língua não se

dará em relação a um sistema normativo e estrutural, nos moldes totalitários já estabelecidos, via uma idealização; mas, antes, como já apresentado, coloco-me na esfera do materialismo histórico e da Análise de Discurso pecheutiana (AD), que tem em sua concepção o fato de as línguas serem também processos históricos, as quais se estabelecem discursivamente pela sua relação com a história, no decurso de constituição dos sujeitos e dos sentidos. A ideologia, como prática significativa, aparece como efeito desta relação (FERREIRA, 2003).

Como consequência desse posicionamento frente ao objeto teórico, outro ponto essencial abordado em minha tese, para desenvolver a referida temática e sua questão teórica, são as especificidades da língua escrita e da oralidade. Em um patamar diferente da oralidade, a escrita insere a língua em um estatuto diverso, um grau hierárquico atualizado, no qual ela pode funcionar de modo único como modelo e documentação material, imprimindo-lhe um caráter atemporal, no sentido de estar arquivada e poder ser retomada a qualquer tempo. Além disso, há um traço de distinção social, já que o sujeito que tem a possibilidade da escrita e de sua consequente exigência de leitura – e isso não significa mera capacidade de codificação e decodificação – tem também mais possibilidades de poder: existe uma divisão social do trabalho de leitura, inscrevendo-se numa relação de dominação política (PÊCHEUX, 1982). Para esta tese, é essencial reconhecer tal diferença de funcionamento, uma vez que meu objeto de pesquisa materializa certa ordem da oralidade na escrita, deformando-a<sup>3</sup> artisticamente, mobilizando diferentes línguas em um trabalho conjunto e desafiando alguns padrões fortemente estabelecidos.

Especialmente quanto à escritura sobre e em portunhol selvagem, é preciso esclarecer que parto da perspectiva de que o resultado dessa manifestação poética é de caráter literário (cf. seção 2.2), assim, quando me refiro à arte, neste trabalho, estou tratando de literatura. Se a escrita imprime grande mudança à linguagem, a especificidade da manifestação cultural literária, uma das materialidades da língua escrita, costura, no mínimo, dois importantes elementos participantes das condições de produção dos discursos que dão sentido aos fatos, às ações humanas, às relações

---

<sup>3</sup> Isso de acordo com o conceito de literatura como imitação, a arte que deforma o real: “A literatura, para mim, é quando parte do real, mas o real é deformado de maneira que se torne num outro real, completamente diferente da realidade, aquilo que à luz da redenção toda a história surge naturalmente deformada” (Lídia Jorge). Disponível em: <https://www.dn.pt/lusa/interior/lidia-jorge-defende-uma-literatura-que-parte-do-real-mas-o-deforma-num-outro-real-9367835.html> Acesso em 10 Abr 2019.

históricas (COMPAGNON, 2010). Consoante Rancière (1995), a literatura pertence a essa delimitação e a essa guerra da escrita, em que se fazem e se desfazem as relações entre a ordem do discurso e a ordem dos estados. Além disso, a dimensão metanarrativa da literatura oportuniza ao fazer literário ser reconhecido como um processo específico de memória, de identidade e de documentação de discursos e valores marcantes em uma época, o que funciona para além de seu tempo.

Oralidade, escrita e literatura, muitas vezes, aparecem como conceitos separados, estruturas que funcionam e são analisadas de forma mecânica e independente. Considerando que o elo de língua entre oralidade, escrita e literatura é indissociável, sendo constitutivo do portunhol selvagem, proponho uma relação desse objeto com a tríade ideologia-sujeito-discurso, pilar da Análise de Discurso pecheutiana (AD), quanto à produção poética resultante desse encadeamento. Em linhas gerais, os processos ideológicos, sob a perspectiva da AD, agem de forma exterior ao sujeito, forjando um efeito de evidência em relação ao que pode e deve ser dito – ou escrito –, assujeitando-o e interpelando-o de modo dominante. Esse assujeitamento e essa dominância, por serem também lugar da falha e do equívoco, oportunizam, em seu próprio interior, a possibilidade de o sujeito resistir. Por isso, é relevante para minha problemática analítica mobilizar os conceitos propostos Pêcheux (1997), assim como a questão da contradição e dos efeitos de sentido.

Em relação à possibilidade de resistência do portunhol selvagem, recorro também às modalidades pecheutianas de funcionamento subjetivo. Resumidamente, essas modalidades abrangem três conceitos que se relacionam de modo processual, sendo dois deles mais importantes para esta tese: o bom sujeito, plenamente identificado com a ideologia [da classe] dominante e o mau sujeito contraidentificado, o qual contesta e questiona o discurso que o assujeita. Isso é central para problematizar meu objeto teórico de pesquisa – o discurso simultaneamente em e sobre portunhol selvagem –, já que é por meio desse discurso que posso flagrar seu sujeito e suas tomadas de posição em relação à ideologia [da classe] dominante. Daí se produzem os efeitos de sentido da designação selvagem e as contradições dessa poética ao se colocar como resistência.

Em um tempo cada vez mais marcado pelo suposto encurtamento de distâncias e pela sobreposição de divisas geográficas devido à globalização, abordar a questão da subjetivação, dos territórios, das fronteiras e relações, por si só, é uma

oportunidade ampla de estudos. Sobretudo porque essa sensação de universalidade está muito mais relacionada a contextos imaginados do que ao empirismo. Acredito na ideia de que a pluralidade contemporânea – de sujeitos, de discursos, de posições, de lugares, de fronteiras, de conexões... – dá conta de um mosaico que pode mesmo ser visto de longe como um todo; contudo, de perto, ele é vário, e onde um território termina o outro não começa imediatamente, de modo estanque – a não ser oficialmente, pela regulação do Estado – funcionando a serviço da ideologia [da classe] dominante. O portunhol selvagem seria um exemplar disto, desse relacionamento fronteiriço que se encontra e se dissolve progressivamente, fronteira a dentro e da fronteira para o mundo, estabelecendo, até mesmo, atualizadas fronteiras. Daí a possibilidade de uma língua amalgamada funcionar em determinado espaço discursivo e não em outro, ser resistência e ser arte sem ser oficializada e especificamente territorializada.

No interior de tais condições de produção – da fronteira –, as relações, influências e convívios são alcançáveis também pela dimensão discursiva e apresentam sua materialidade na e pela língua. Cito a regulação dominante do Estado, pois, historicamente, no contexto moderno de construção das soberanias estatais, as línguas se tornaram relacionadas à nação, com o sentimento de pertença entre povo, território e seus símbolos. Houve todo um conjunto de artifícios de gramatização e normalização, predominantes em determinadas camadas sociais, que passaram a constituir e reconhecer determinadas línguas como nacionais (ALBUQUERQUE, 2014).

Segundo Fiorin (2009), no processo de consolidação de uma nacionalidade, é habitual que se eleja um traço de coesão protanacional que faça a nação visível. O portunhol selvagem, no entanto, não tem uma nação ou um território ao qual se liga **oficialmente**. Esse é um dos exemplos de funcionamento linguístico que aponta para o fato de a identificação simbólica de uma nacionalidade com uma idealização de língua, que se coloca atrás e acima de todas as suas variantes e versões ditas “imperfeitas”, é muito mais uma criação ideológica de intelectuais nacionalistas do que uma característica dos sujeitos que se constituem na e pela língua. As nações criaram, historicamente, políticas de Estado em defesa da língua nacional como um idioma, contra ameaças externas, especialmente nas áreas fronteiriças.

O chamado idioma é estabelecido por Dias (1996) como a leitura sumária da forma; uma leitura que torna rarefeita a historicidade dos fatos linguísticos, é uma imagem construída. A designação da expressão idioma nacional, que, como consequência, traz o efeito de que se mobiliza em determinada nação uma só língua, cada vez mais adquire contornos práticos e políticos, e não culturais e discursivos. Ainda assim, a organização política dos Estados nacionais marca os espaços em que as línguas funcionam historicamente.

Isso confere uma importância fundamental a noções como língua nacional e língua oficial, que aparecem dividindo as línguas. No entanto, a relação entre sujeitos e línguas não se reduz a essa dinâmica. Os sujeitos se apropriam de suas línguas por esta determinação Estado-Nação, mas também por diversas outras (GUIMARÃES, 2007). Assim, e tendo em vista o conceito de língua para a AD, **esta tese tem como ponto central o fato de o portunhol selvagem ser uma língua**. Toda vez que isso estiver sendo negado, neste trabalho, é sob uma perspectiva oficial-nacional-totalitária, da qual esta argumentação não compartilha.

Depois de tratar da questão estatal quanto à língua e aos sujeitos, volto a relacionar isso com a perspectiva das fronteiras. Como sinaliza Albuquerque (2014), nos contextos atuais de múltiplos deslocamentos humanos, há também uma intensa transformação da geografia linguística das nações. Em todas essas situações de bilinguismo ou multilinguismo presentes em um mesmo espaço, há variadas formas de conexões linguísticas, o que pode originar outros espaços de discursivização. A fronteira não é só econômica, territorial, pragmática; pode também ser afetiva, cultural, artística, simbólica.

As regiões geográficas de fronteiras, especialmente aquelas que são bastante povoadas e nas quais acontecem múltiplos deslocamentos de pessoas de um lado e do outro da linha divisória, são lugares intensos de encontros de línguas. No caso do Brasil e dos países vizinhos, há o encontro histórico, entre os sujeitos da fronteira, do português e do espanhol. A oralidade em portunhol é um fenômeno que perpassa as experiências de vida das gerações que viveram e vivem nesses lugares de entroncamentos de povos e culturas, especialmente no sentido pragmático e comunicacional. O recorte que problematizo nesta tese é um portunhol escrito, designado por seu sujeito como selvagem e manifestado por um viés poético – por meio da literatura.

O que esse encontro de línguas que produz uma outra tem de selvagem? Nos processos de colonização e civilização da América do Sul, os indígenas, foram nomeados negativamente como “selvagens” e “primitivos” pelos vários agentes civilizadores (ORLANDI, 2008). Os guaranis, por exemplo, representavam o outro lado da fronteira em expansão, o espaço vazio, inculto e não civilizado. Para o portunhol, a hipótese é de que o selvagem sofra uma atualização e passe a ter uma significação diferente. Talvez de anterioridade, rebeldia, transgressão das normas, ocorrendo a produção de efeitos de sentido atualizados a partir de um lugar específico da atividade poética. O portunhol selvagem parece superar as regras formais das línguas padronizadas, forjando-se simultaneamente em uma suposta espontaneidade e no empolado trabalho artístico. Além disso, para investigar especificamente a questão do nome do objeto teórico, faz-se necessária uma perspectiva enunciativa a fim de alcançar o aspecto discursivo, trabalhando com os conceitos de nomeação e designação conforme Guimarães (2005).

A postura do sujeito do portunhol selvagem de não considerar a totalidade das frases e orações, a morfologia e a semântica de cada língua como idioma estanque (DIAS, 1996) produz uma memória atualizada, uma experiência linguística formada de retalhos, fragmentos e palavras articulados em variadas línguas, malha entrecruzada em um mosaico composto de sentidos outros. Trata-se de um escrever que põe em suspensão questões a respeito da fixidez da escrita das línguas nacionais, imaginadas e (re)produzidas pelo capitalismo editorial, e a mobilidade discursiva que atravessa múltiplas temporalidades. A perspectiva padrão/dominante, a qual discrimina os que mobilizam “mal” uma língua, caracteriza o portunhol selvagem como uma manifestação marginal, assim como a arte produzida por meio dele. No entanto, nada revela uma sequência linguística como sendo excluída, exceto o fato de que ela é excluída. Assim, não há fronteira ou ponto assinalável de mudança linguística entre o gramatical e o não gramatical. Há somente trabalho na língua, em que o grande significado é definido em relação ao que não faz sentido (PÊCHEUX, 2011).

O selvagem pode ir além ou aquém do encontro de línguas, já que ele permite que funcione ora só espanhol, ora só português, ou outra língua, num mesmo discurso, num mesmo texto poético. Suas regras estão sempre em efervescência, são aquelas de quem as põe em funcionamento. Esse portunhol, no entanto, ultrapassa o andamento cotidiano da língua, é mais que pragmático, funda-se no aspecto poético-

discursivo, já que tal modo de se expressar pretende ser a base linguística de uma arte escrita – da poesia, da literatura – e também a língua de um movimento poético que incomoda sendo resistência.

Meu **objetivo**, no interior da questão teórica proposta, é **problematizar o funcionamento do portunhol selvagem como poética de resistência**. Uma vez que o sujeito se constitui pelo esquecimento daquilo que o determina, meu percurso interpretativo como analista de discurso deve primar por um trabalho a contrapelo, lembrando o que determina o sujeito do portunhol selvagem e reconhecendo isso nas contradições, falhas e equívocos de seu discurso e de sua interpelação. Assim, é possível explorar as possibilidades do resistir e verificar o quão efetivas elas são segundo determinado viés.

O discurso **em** portunhol selvagem também diz **sobre** o portunhol selvagem, logo, a delimitação do **objeto de analítico** de minha pesquisa se dá, especialmente, em torno de algumas declarações dadas por Douglas Diegues em entrevistas, sendo que o escritor responde a questões sobre o portunhol selvagem em portunhol selvagem, sempre de forma escrita. Esses textos foram selecionados por suas condições de produção, além de serem escritos, neles a língua da arte transpõe seu ambiente, ampliando ainda mais seu funcionamento e ocupando plataformas científicas ou jornalísticas, algo incomum e ao mesmo tempo constitutivo de sua existência. De modo secundário, o *corpus* abrange também dois poemas em portunhol selvagem, a fim trabalhar a plasticidade da língua e as contradições da/na atividade poética do sujeito do portunhol selvagem. Assim, para esta tese, o discurso em e sobre portunhol selvagem, recortado das entrevistas e dos poemas, dão conta do sujeito do discurso que se identifica com a língua portunhol selvagem e nela se constitui como sujeito.

Tomar algo que não a norma e a regularidade linguística como válido e não menos importante, sobretudo histórica e culturalmente, é uma questão de resistência discursiva. O sujeito, em seu vínculo com os Estados-Nação, está inscrito em uma formação discursiva que valoriza uma suposta unidade e regularidade linguística, fornecendo a ele sua realidade enquanto sistema de evidências. Suponho nesta tese, portanto, que o portunhol selvagem deseja se estabelecer como uma postura de resistência nessas condições de produção. Considerar a ideologia do ponto de vista das relações de reprodução que um Estado-Nação impõe também implica, conforme



Pêcheux (2011), considerá-la do ponto de vista da resistência a essa reprodução, ou seja, da perspectiva de uma multiplicidade de resistências e revoltas heterogêneas que se entocam na ideologia dominante, ameaçando-a constantemente.

Uma série de efeitos ideológicos emergem da dominação e trabalham contra ela, “de modo centrípeto”, por meio das lacunas e das falhas no seio dessa própria dominação (PECHÊUX, 2011, p.97). O portunhol selvagem, a partir de uma universalidade poético-literária, configura-se como um movimento que busca legitimar um lugar em que novos momentos de socialidade seriam possíveis, a partir de línguas que são mobilizadas sem serem necessariamente reconhecidas, segundo a compreensão convencional sobre o que é produzir sentido em uma língua. Esse movimento<sup>4</sup> selvagem, ao discursivizar a partir de determinada identificação, parece desconstruir fronteiras tão fortemente imaginárias, que se acreditam reais. Ainda que tal discurso se origine de uma invenção, de uma obra de arte, **o que interessa em meu gesto interpretativo são as condições linguístico-ideológico-discursivas** que tornam possível o fazer sentido desse objeto e significá-lo como uma potencial manifestação de resistência na e pela língua.

Trazer um objeto de estudo que é marginal entre seus pares para o âmbito científico é também assumir uma posição. Como consequência, aproprio-me de um lugar de resistência a partir de minha escrita, sendo ela em parte indomável para produzir sentido. O discurso ao mesmo tempo em e sobre portunhol selvagem perpassa meu texto em variados momentos. Sem cumprir uma ordenação científica de introdução – revisão teórica – análise e interpretação, tal discurso se apresenta, em sua maioria, por meio de fragmentos das entrevistas que se encontram em anexo. O movimento de análise e interpretação, por sua vez, é uma constante desde a primeira parte, em um gesto pendular em relação ao aporte teórico. Além disso, organizo – ou tento organizar – esta tese em três grandes movimentos.

O primeiro movimento aborda a questão do funcionamento do político, considerando as materialidades da história, do sujeito e do discurso. Isso no sentido de auxiliar a apresentar e descrever o objeto teórico portunhol selvagem. Como complemento, são explorados os conceitos de nomeação e designação, fazendo uma breve retomada de fundamentos da colonização latino-americana de modo a remontar

---

<sup>4</sup> Considero o Portunhol Selvagem também um movimento, uma vez que a língua reúne uma série de escritores que a mobilizam de forma organizada e politizada.

as condições de produção deste objeto. É o momento de fundamentar teoricamente os efeitos de sentido da designação selvagem.

Por seu turno, o segundo movimento trata da relação constitutiva entre língua, posição-sujeito e seu funcionamento na literatura. De tal modo, é apresentada a questão da significação e das particularidades consequentes da língua escrita como manifestação poético-literária e é realizada uma problematização em relação ao mercado editorial do livro.

O terceiro movimento é dedicado a tratar especificamente do conceito de resistência, uma vez que o mobilizo de forma indispensável para problematizar o funcionamento do portunhol selvagem. Também nesse momento, são estabelecidos e desenvolvidos, de modo mais detalhado, os procedimentos metodológicos, analíticos e interpretativos para investigar as contradições que a poética desse portunhol produz. Isso abrange a reflexão acerca do conceito de modalidades de funcionamento subjetivo em uma dinâmica oscilante quanto ao funcionamento discursivo recortado das declarações e dos poemas de Douglas Diegues. Deste modo, é problematizada teórica e metodologicamente a questão do portunhol selvagem como movimento poético de resistência.



**MOVIMENTO I**  
**SOBRE UMA SELVAGERIA PRODUZIDA:**  
**O POLÍTICO**

*Há mais ou menos 17 años  
estoy em greve geral  
kontra la lengua enquanto Império Estatal.  
(Douglas Diegues)*

Nesta seção, resumo algo que se propaga de forma estrutural, para além da posse do Estado, perpassando todas as relações e as formas de se organizar a sociedade historicamente: o funcionamento do político. Em especial, na relação língua, sujeito e história. Para tanto, concebo um percurso no qual são desenvolvidos pressupostos teóricos a respeito deste tópico, a fim de, com isso, apresentar o objeto portunhol selvagem. Também retomo, como condições de produção, parte de uma teorização acerca das raízes coloniais brasileiras/latino-americanas, de uma perspectiva que visa considerar não só o ponto de vista do colonizador. Isso para auxiliar a percorrer o tema deste trabalho, o portunhol selvagem como possível manifestação poética de resistência, bem como para melhor entendê-lo.

### 1.1 LÍNGUA, DISCURSO E CONTRADIÇÃO

Conforme a perspectiva teórica assumida por mim nesta pesquisa, proponho-me a questionar a concepção de língua como um sistema que possui um exterior no qual sujeitos ideais a põe em funcionamento. Estes seriam parte de um processo comunicativo uniforme, no qual sentidos seriam codificados e decodificados por emissores e receptores, como se a língua fosse um código que não possuísse história e não se constituísse juntamente com o histórico. Para realizar meu questionamento, recorro a Pêcheux (1997), que, ao fazer o movimento de opor base linguística e processo discursivo, destaca que todo sistema linguístico, enquanto conjunto de estruturas fonológicas, morfológicas e sintáticas, é dotado de uma autonomia relativa que o submete a leis internas, as quais constituem o objeto da linguística. É sobre a base dessas leis internas que se desenvolvem os chamados processos discursivos.

Situo este trabalho não na descrição do funcionamento interno da língua enquanto estrutura, mas na relação entre o linguístico, enquanto materialidade linguística, e o histórico, enquanto processo de permanente produção de sentidos. Com isso, pontuo como objeto de estudo o discurso. Nesse sentido, e pelo viés da língua, interessa mais a materialidade histórica da vida dos homens em sociedade, isto é, trata-se de entender, pelos movimentos do pensamento, as leis fundamentais que definem a forma de organização dos homens em sociedade ao longo da história (ORLANDI, 2016, p.12). A materialidade específica do discurso é a língua. O sistema

da língua é, de fato, o mesmo para o materialista e para o idealista, para o revolucionário e para o reacionário, para aquele que dispõe de um conhecimento dado e para aquele que não dispõe desse conhecimento. Entretanto, não se pode concluir, a partir disso, que esses diversos sujeitos tenham o mesmo discurso e produzam os mesmos sentidos: a língua se apresenta, assim, como base comum de processos discursivos diferentes.

Conforme Pêcheux (1997), sentido e sujeito são resultantes sempre inacabados do processo histórico e social. Ambos imersos num jogo no qual não há relações diretas. É, então, esse funcionamento histórico-social que determina as constituições e contradições tanto do sujeito quanto do sentido. Por meio dos processos discursivos, sujeito e sentido se constituem, e, a partir disso, é possível pensar como a língua significa na dimensão das práticas humanas. De acordo com um conceito materialista histórico de subjetividade, o sujeito da linguagem é descentrado, pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como é afetado. Isso implica que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia (ORLANDI, 1999, p.20) e que não há discurso sem sujeito, nem sujeito sem ideologia. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, e é assim que a língua faz sentido, pela apropriação do sujeito em relação a língua, produzindo discurso.

A ideologia, por sua vez, não se faz de ideias, mas de práticas. A dominação exercida por uma ideologia é caracterizada pelo fato de que a prática da reprodução das relações de produção subjugua sua transformação, conforme o caso, opõe-se a ela, a freia ou impede. Pêcheux (1997) sustenta que o aspecto ideológico da luta para a transformação das relações de produção se localiza, antes, na luta para impor, no interior do complexo dos Aparelhos Ideológicos de Estado<sup>5</sup>, novas relações de desigualdade-subordinação. Por meio da constância do hábito e do uso, a ideologia designa o que é e o que deve ser.

Dessa forma, o sentido produzido pelo discurso não existe em si mesmo, não se trata de uma relação transparente com a língua, ele é determinado de maneira opaca pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo histórico, no qual as palavras, expressões e proposições são (re)produzidas. Uma língua comum de

---

<sup>5</sup> Conforme conceito althusseriano de realidades plurais que se apresentam ao sujeito como instituições distintas e funcionam por meio da ideologia [ALTHUSSER, L. Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado. 3 ed. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980].

caráter nacional, como nomeia Pêcheux (1997), empenha-se em forjar essa relação transparente, tendo íntimo vínculo com a escolarização e proporcionando uma forma unitária e imaginária. Contudo, isso termina por ser um meio essencial de divisão e de contradição. As contradições ideológicas se desvelam através da suposta unidade da língua, são constituídas pelas relações contraditórias que mantêm necessariamente, entre si, os processos discursivos na medida em que estes sempre se inscrevem em relações ideológicas de classe.

Como consequência, ainda do ponto de vista pecheutiano, a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação do sujeito com a formação discursiva (FD) que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito). Essa identificação, fundadora da unidade imaginária do sujeito, apoia-se no fato de que “os elementos do interdiscurso – o todo complexo com dominante das formações discursivas – que constituem, no discurso do sujeito, os traços daquilo que o determina, são reescritos no discurso do próprio sujeito” (PÊCHEUX, 1997, p.163). A FD, a partir de uma posição determinada, marcada pelo estado da luta de transformação nas relações de produção, determina o que pode e deve ser dito; e as mesmas palavras podem produzir diferentes sentidos ao passarem de uma formação discursiva para outra. As palavras, expressões, proposições recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas, ela é a matriz dos sentidos.

O funcionamento da ideologia como processo de interpelação dos indivíduos em sujeitos de seus discursos se realiza por meio do conjunto das formações discursivas e fornece a cada sujeito sua realidade, enquanto sistema de evidências que mascaram, sob a transparência da linguagem, o caráter material do sentido. É próprio de toda FD dissimular, na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso que determina essa FD como tal.

Portanto, o conceito de língua mobilizado nesta tese leva em conta a heterogeneidade e a opacidade que a constituem, tendo como indispensável o fato de considerar as materialidades da história, do sujeito e do discurso. O português selvagem, como língua, desenvolve seus processos discursivos a partir de uma base linguística que está ancorada em regras internas de bases linguísticas e sociais diversas, ainda que funcione de modo a desestruturá-las. Seu processo discursivo também se inscreve numa relação ideológica de classe, o que já é constitutivo de uma contradição em sua resistência. Teoricamente, ou em uma visão transparente da



língua, o portunhol selvagem coloca-se em um lugar menor, marginalizado, ao mesmo tempo em que, por uma visão que considera a opacidade da língua, há a contradição de ser desenvolvido por intelectuais inseridos em classes favorecidas econômica, cultural e historicamente (cf. Movimento III). O sujeito se constitui pelo esquecimento daquilo que o determina, mas não deixa de ser determinado, constituindo-se o caráter intrinsecamente contraditório de todo modo de produção que se baseia numa divisão de classe. E essas contradições podem ser recuperadas pelo gesto interpretativo.

## 1.2 PORTUNHÓIS

Para abordar o portunhol selvagem, sinto a necessidade de trazer a perspectiva de funcionamento da(s) língua(s) na fronteira do Brasil com os demais países latino-americanos. Historicamente, a língua portuguesa, em relação ao Brasil, já se deu nessa mudança para um novo espaço/tempo, para novas condições discursivas. E essa língua, inicialmente em um novo território, experimenta muitas atualizações ainda contemporaneamente. Uma delas se dá nas relações fronteiriças do Brasil com os países vizinhos, as quais geram um conflito sobre a noção de nacionalidade angariada em todo um processo de independência quanto à língua portuguesa de Portugal. Em condições de produção particulares, como na fronteira, existem operações discursivas, coordenações específicas pelas quais o sujeito mobiliza a(s) língua(s), proporcionando a formação de um espaço de construção simbólica, linguística e discursiva.

As peculiaridades que constituem as línguas e os sujeitos, bem como a relação entre sujeitos e línguas diferentes são também da ordem do político. **As línguas que se encontram não se separam da materialidade histórica que se encontra.** No caso do Brasil e dos países vizinhos, especialmente, efetivam-se múltiplas situações de portunhol, ou seja, um encontro de português e espanhol como consequência do convívio entre os sujeitos da/na fronteira. E *portunhol* é diferente de *portunhol selvagem*. Falar em portunhol tem sentidos muito específicos para a cultura da fronteira. De acordo com Sturza (2016), pesquisadora do que nomeia de “línguas de contato” e, sobretudo, do portunhol, o “contato” entre língua portuguesa e espanhola se dinamiza pela existência de comunidades que são chamadas gêmeas, isto é,

idades que estão frente a frente, em ambos os lados da fronteira, formando uma courbanação, pois o que as separa é uma linha imaginária. Desta perspectiva, fazer uso, comunicacionalmente, de uma língua amalgamada, ou tomar de empréstimo palavras e expressões é parte de ser fronteiriço. A fronteira configura-se como um espaço que significa simbolicamente.

Ao afirmar que o português e o espanhol se entrecruzam, compartilham espaços e histórias entrelaçadas, Sturza (2016) coloca em outro prisma a questão das chamadas “línguas em contato”: o contato é constitutivo dessa linguagem, por meio dele os sujeitos fronteiriços se significam na e pela língua. Esta é mobilizada pelos moradores da(s) fronteira(s) para dizer quem são no mundo, uma língua que os identifica como sujeitos de um lugar muito particular.

O posicionamento do poeta uruguaio Fabian Severo corrobora esse entendimento:

São os sons que escutava quando estava na barriga da minha mãe e os que escutei nos meus primeiros anos de vida. O portunhol é a língua que falam meus pais, meus avós, meus vizinhos. É a língua do meu universo. Meus afetos, minhas recordações, meus pensamentos estão em portunhol. Para as pessoas que não conhecem a fronteira, que acreditam no discurso homogeneizador dos estados, pode ser difícil compreender o que acontece quando os limites se misturam. Qual é a diferença? Nenhuma. O mesmo ar, as mesmas pedras embaixo dos pés, o mesmo desenho das nuvens. A única diferença é que em alguma capital, algum escritório, uns senhores com traje e gravata decidiram que aqui termina um país e ali começa outro. Mas nós, os fronteiriços, os que andam sem passaporte, os que vão de um país ao outro sem se dar conta, não temos tempo para estar teorizando sobre limites nem linguística, porque temos que viver, cozinhar, lavar os pratos, trocar fraldas. Para nós, a fronteira é nosso universo e falar portunhol é tão natural quanto respirar (SEVERO, 2016)<sup>6</sup>.

No entanto, há mais de um sentido em torno desses encontros entre português e espanhol, e, quanto ao portunhol selvagem, sobretudo por ser uma língua mais específica da arte, talvez colocá-lo em funcionamento não seja tão natural quanto respirar, e sua (des)fronteira seja mais poética, estilística e simbólica do que geográfica e comunicacional. Diferente do portunhol selvagem, o portunhol da região de Artigas, por exemplo, é falado desde o século XVIII e, segundo alguns estudos

---

<sup>6</sup>Disponível em: <http://dc.clicrbs.com.br/sc/entretenimento/noticia/2016/10/falar-portunhol-e-tao-natural-quanto-respirar-diz-poeta-uruguaio-fabian-severo-7772725.html> Acesso em 12Abr2018

acerca dos *Dialectos portugueses del Uruguay* (DPU), o portunhol é falado por cerca de 15% da população uruguaia, sendo usado na região fronteiriça entre o Uruguai e o Brasil, em cidades da também conhecida como “fronteira da Paz”, unindo as cidades de Artigas e Rivera (Uruguai) a Quaraí e Santana do Livramento (Brasil).

O nome portunhol, com esta grafia, diz respeito mais a uma visão da(s) língua(s) do lado brasileiro, e mesmo Sturza (2016) sustenta que a entrada do espanhol e sua presença no português falado no lado brasileiro da fronteira não tem descrição ampla. As pesquisas enfocam mais uma questão de “contato linguístico” na perspectiva de “sistemas linguísticos em contato”, faltando um estudo que defina portunhol e, ao mesmo tempo, faça um mapeamento de suas variedades. A autora é taxativa ao afirmar que o portunhol são vários e que ele não tem gramática estável. Pelo senso comum, por exemplo, portunhol acaba, muitas vezes, por se referir de modo pejorativo a uma mistura errônea das duas línguas, produto do desconhecimento ou de uma aprendizagem deficiente segundo um ponto de vista escolar. Neste sentido depreciativo, configura-se como língua inacabada, gerada pela ignorância do falante (ATTI, 2013).

Outros estudiosos do portunhol, como Vargas (2011), distinguem pelo menos duas acepções dessa mobilização de língua(s): portunhol como uma interlíngua resultante da falha e portunhol como língua comunicacional própria da fronteira. Esta última é considerada como nascida espontaneamente do convívio entre falantes do português e do espanhol, não se deixando dominar por regras gramaticais, nem se limitando a um léxico estruturado. Novamente, o portunhol como língua comunicacional se daria pela oscilação entre o português e o espanhol, mantendo-se permanentemente aberto, sem se estruturar segundo um código previamente estabelecido (VARGAS, 2011).

Essa comunicação em portunhol é bastante característica para as gerações que viveram e vivem nessas fronteiras de entrelaçamento de povos e culturas. **O que retomo, especialmente das considerações de Sturza, para meu trabalho é essa questão das línguas que se encontram na fronteira significarem um universo muito específico.** Faço isso para abordar este outro movimento que tem acontecido nas últimas décadas: um portunhol sendo escrito poeticamente, o qual é nomeado por seu sujeito de portunhol selvagem. **Dessa forma, busco situar o portunhol selvagem como uma outra possibilidade de portunhol.** Ele é uma espécie de

amalgamado linguístico que nasce e vive em uma fronteira mais que geográfica, econômica e cultural, ela é sobretudo fruto de uma (des)fronteira simbólica. O portunhol selvagem se apropria de várias línguas ao mesmo tempo em que não se limita a nenhuma delas e está em constante efervescência e movimento. Seu sujeito assim o considera:

Ya el portunhol convencional, sim, es algo único, em que se mezclam lusofonias com hispanofonias y nada mais. Pero el portunhol selvagem non: además del guaraní, posso enfiar numa frase palabras de mais de 20 lenguas ameríndias que existem em Paraguaylândia y el resto de las lenguas que existem en este mundo. El portunhol comum es bissexual. El portunhol selvagem es polisssexual. El portunhol conbencional es medio papai-mamãe. El portunhol selvagem es mais kama-sutra (DIEGUES, em portunhol selvagem, 2009)<sup>7</sup>.

O escritor Douglas Diegues, natural do Rio de Janeiro e morador de Ponta Porã – área de fronteira com a cidade Pedro Juan Caballero, no Paraguai –, é hoje o principal expoente do portunhol selvagem, visto que a língua deu origem a um movimento que reúne artistas latino-americanos, os quais escrevem a partir desta língua amalgamada, encontro de português, espanhol, línguas indígenas, com presença de francês, inglês, entre outras possibilidades. Por isso, dentre tantos escritores, selecionei Diegues para dar conta do sujeito do discurso que se identifica com a língua portunhol selvagem e nela se constitui como sujeito.

O portunhol selvagem vem ganhando a força de um movimento poético de resistência, uma vez que há vários autores envolvidos nesse tipo específico de escrita poética, conforme pode ser exemplificado no excerto do texto-manifesto transcrito a seguir, publicado pelo jornal *O Globo* em 2008<sup>8</sup> e assinado por diversos escritores de países latinos:

---

<sup>7</sup> Disponível em: [http://www.digestivocultural.com/entrevistas/entrevista.asp?codigo=28&titulo=Douglas\\_Diegues](http://www.digestivocultural.com/entrevistas/entrevista.asp?codigo=28&titulo=Douglas_Diegues) acesso em 14Nov2017

<sup>8</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/confira-manifesto-em-defesa-do-portunhol-selvagem-3607777#ixzz4yFNWiQ9i> Acesso em 12Nov2017

## Quadro I – Manifesto Selvagem

### ***Karta-Manifesto-del-Amor-Amor-en-Portunhol-Selvagem***

*Esta karta-manifesto aparece, ojerá, brota como flor selvagem del suelo fértil de las playas imaginárias de las noches transnacionales de la kapital mundial de la ficción 2008 em que artistas, músicos, bailarines, actores y escritores se reuniram durante 2 finales de semanas del julio del 2222 nel hermoso Hotel del Lago fundado em 1888 em San Bernardino junto al lago azul de ypakaraí*

*Nosotros poetas y demás artistas reunidos em la kapital mundial de la ficción 2008 escribimos esta carta-manifesto a Lula y a Lugo para pedirles que non deixem de hacer algo que solamente Lugo y Lula lo pueden hacer: QUEMAR EL CONTRATO VIGENTE DE LA ITAIPÚ BINACIONAL.*

*Después de QUEMAR com fuego guaranítko, fuego incorruptible, fuego del amor amor, fuego divino, fuego humano, fuego inumano, el mencionado contrato mau de Itaipu Binacional, pedimos a Lugo y a Lula y a Itamaraty que inventem um nuevo contrato que de hecho seja justo y beneficie de fato a ambos países em la misma medida y si possível escrito em portunhol selvagem, la lengua mais hermoza de la triple frontera, pues que nel portunhol selvagem cabem todas las lenguas del Brasil y del Paraguay (incluso las ameríndias) y todas las lenguas del mundo*

*Será um gesto de alta voltagem poética humana que ficará para la história como uno de los momentos de gran alta voltagem de la humanidad (...)*

*¡ Después de esse ritual mítico de índole guaranítko, LA QUEIMA & INVENCIÓN DEL CONTRATO DE ITAIPÚ, Lugo y Lula pueden transformar Itaipu em uma usina mucho mais que hidroelétrica, uma usina de arte, de nuevas idéias, de aprendizaje filosófico y estético de la vida, um punto de encuentro de artistas (...)*

*Escribimos esta carta porque todavía amamos*

*¡NON SOMOS CONTRA NADA!*

*Avanzamos nomás tranki tranki*

*PRA FRENXI SEMPRE*

*el amor amor sem nacionalidades nem globalismos nem sexos nem sexismos nem poder desenfrenado nem lucros depravados (...).*

*La carta-manifiesto es ya de cada uno que tatue su firma, sua assinaturam, yes amorcito, por supuesto, sem firulas, mais abajo.*

*Amarildo Garcia (Domador de Yacarés)*

*Aurora Bernardini*

*Carla Fabri*

*Douglas Diegues*

*Lucy Yegros*

*Oswaldo Codas*

*Cristino Bogado*

*Diego Brom*

*Xico Sá*

*Walther Castelli Júnior*

*Silvana Nuovo*

*Ricardo Alvarez*

*Enrique Collar*

*Alejandro Vial*

*Edgar Pou (EL POmbero Tamaguxi)*

*Fátima E. Rodríguez*

*Charles A. Perrone- Dept. of Spanish and Portuguese  
University of Florida*

*Jorge Kanese*

*Guillermo Sequera*

*Eli Neira*

*Fátima Pérez C.*

*Fabian Casas*

*Alaí Garcia Diniz*

*Fredi Casco*

*Verónica Torres*

*Jorge Britez (Bochin)*

*Marisa Cubero*

*Aura Britez*

*Sérgio Medeiros*

*Dirce Waltrick do Amarante*

*Claudio Daniel*

*Diana Viveros*

*Susy Delgado*

*Miguelángel Meza*

*Luiz Roberto Guedes*

*Luis Serguilha*

Ainda em prosseguimento com a fortuna crítica que colabora com esta tese, Alós (2012), de uma perspectiva dos estudos literários, tem o texto-manifesto acima tido como “o nascimento do portunhol selvagem”. De acordo com o referido autor, o movimento trata-se de um projeto estético subversivo a partir de uma poética de transgressão linguística, sendo caracterizado como um fenômeno linguístico e cultural que migrou para as poéticas de escritores argentinos, paraguaios e brasileiros. Seja como for, de um ponto de vista literário, linguístico ou discursivo, o movimento portunhol selvagem, por sua efervescência e por sua presença marcada, como no exemplo, por uma experiência como movimento poético e político, possibilita que se construa o seguinte questionamento: Esses artistas, como resistência, apresentam em seu discurso um modo de expressão aparentemente anárquico, isso estaria acima das fronteiras geográficas e culturais, semelhante ao funcionamento da língua forjada para uma nação? Abaixo, destaco mais um trecho **sobre e em** portunhol selvagem, desta vez pelo sujeito do próprio portunhol:

El portunhol selvagem brota de la nada como flor selvagem de la buesta de las vakas. Oui, yes, por supuesto, mejor comenzar desexplicando. Pues que de hecho toda explicación única (científica ou non) será siempre traicionera versione falsificada. Ou seja: non soy nim fui el inventor del portunhol selvagem. Soy apenas el inbentor de um concepto de portunhol selvagem, um portunhol salbahem enquanto habla y escritura y non-lengua [...]. Contudo, aqui, allá, kurepilândia, em todas las partes, konfunde-se ainda portunhol com portunhol selvagem bem como portunhol selvagem com portunhol salbahem y poro'u'ñol salvaje ... ¿Me desexplico? Digo que es um habla y es una escritura de las mais hermosas de tutti la gluebolândia, porque en los mil korazones de pneu de camión del portunhol selvagem cabem todas las lenguas del mundo habidas ou por haber. Avanti (DIEGUES, *em portunhol selvagem*, 2009).

Observando-se simultaneamente formas do discurso da perspectiva **em** portunhol selvagem – por exemplo: “Oui, yes, por supuesto”, presença de francês, inglês, espanhol – e **sobre** portunhol selvagem – “konfunde-se ainda portunhol com portunhol selvagem bem como portunhol selvagem com portunhol salbahem y poro'u'ñol salvaje ... ¿Me desexplico?” –, o portunhol selvagem, como processo de escritura, não é da ordem do categorizável; como poética literária, pauta sua resistência no sentido em que se esgueira das categorias da gramática normativa, da unicidade e uniformidade de um “idioma”, bem como de sua consequente concepção de língua (cf. seção 3.4). Ao mesmo tempo, a escrita em e sobre portunhol selvagem é responsável por ampla difusão e consolidação do movimento poético, conferindo-lhe um novo status, uma outra hierarquia social e política. Isso demonstra que a língua e seus sentidos não são controláveis, e que a interpelação ideológica é sempre também propícia à falha, o que será melhor trabalhado no Movimento III desta tese.

### 1.3 O POLÍTICO: CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO E SUAS RAÍZES COLONIAIS

O político não é algo limitado ao Estado e seus poderes, ele ocorre de maneira estrutural, perpassando os sujeitos e suas relações historicamente. Uma vez que tem todo esse alcance, o funcionamento do político também se dá na língua, que, por sua vez, é a materialidade do discurso – o imaginário que institui as relações discursivas é político (ORLANDI, 2008). Esse imaginário trata-se de um já dito, funcionando ideologicamente para dar conta das relações históricas de reprodução. Qualquer alteração ou reformulação nessas relações é sustentada na prática política, por meio do discurso. Como retoma Henry (1990), quanto aos estudos pecheutianos, o instrumento da prática política é o discurso, ou seja, **a prática política tem como função, pelo discurso, transformar as relações sociais, reformulando a demanda social.**

Por esse viés, fundamento esta tese no alicerce sujeito-língua-ideologia como lugar preponderante para pensar esta vinculação de tudo com o político, esse caminho permite uma reflexão acerca da linguagem e de seus rituais, que consideram as diferenças nas condições de produção. Isso oportuniza levar em conta as especificidades histórico-políticas dos diferentes contextos em que se desenvolve a



língua. É essa especificidade de dar a devida importância às condições de produção que denota o ponto de vista político assumido em minha tese. Proponho-me a pensar na produção de conhecimento linguístico a partir de uma visão latino-brasileira, sem deixar de conceber elementos discursivos de nossa historicidade (nós, os colonizados), ou seja, de nossa história sem deixar de lado sua exterioridade constitutiva.

Os estudos discursivos acerca da historicidade da América Latina sob uma perspectiva que se coloca a partir da América Latina, de acordo com Orlandi (2008), podem adquirir uma forma crítica de modo a não ser mera reprodução do olhar europeu ou norte-americano, e assim por diante: “não é o discurso do Brasil que define o brasileiro, é o discurso sobre o Brasil” (p.56). De maneira semelhante, não é o discurso do português selvagem que vai defini-lo sozinho, mas o discurso sobre e em português selvagem conjuntamente. Buscando alcançar tal criticidade, destaco a questão de excluir ou incluir sujeitos e línguas para tratar do político em relação ao conceito de civilização, visto que é essa visão de mundo – do processo civilizatório – que funda o que é tido como selvageria e o marginaliza em relação ao centro, à ideologia [da classe] dominante. Além disso, o processo civilizatório é um fenômeno que precisa ser compreendido em sua dimensão política.

Posto que **meu objeto teórico de estudo é o discurso em e sobre português selvagem**, julgo necessário, então, discutir selvagem por que e para quem. Este tipo de discurso, do outro primitivo e indômito, só pode se estabelecer tendo como contraponto o dito civilizado, que é quem forja a história oficializada, uma vez que detém o poder do discurso oficial. Tal qual ocorre na história da colonização latina, conforme abordado por Orlandi:

Nós, submetidos aos desígnios (dever ser) da civilização ocidental, somos seres culturais, sobretudo quando resistimos em nossas diferenças, mas para isso perdemos a possibilidade de termos uma história. Já que é pela parcela que nos cabe na civilização ocidental que somos contados em uma história (a de colonização) (ORLANDI, 2008, p.56).

Esse olhar sobre a civilização encaixa-se em minha tese especialmente por tratar da questão latina – espaço em que se desenvolve o português selvagem –, da

relação entre colonizadores e colonizados, até chegar às fronteiras contemporâneas: o resultado desses movimentos civilizatórios incide hodiernamente inclusive na designação de meu objeto de estudo, **o portunhol é historicamente selvagem**. Ao entrar em contato com a “civilização” (em um sentido mais totalitário e excludente), o que já existe naquele lugar anteriormente, que é diferente do já conhecido, é visto como selvageria, particularidade, algo exótico que não deve compor o sujeito “civilizado”. Orlandi (2008) destaca que, como nos constroem uma história em que somos apagados como alteridade, somos apenas singulares, temos particularidade. Essa noção de civilização apaga, até certo ponto, as diferenças dos povos, coloca a ênfase naquilo que, na sensibilidade daqueles que se servem dela, é comum a todos os homens ou ao menos, ainda segundo a autora, deveria sê-lo

Nesta questão trabalha fortemente o Estado, impondo punições ao sujeito que porventura tente resistir e não tratar suas características maternas e/ou culturais como exotismo, mas sim como constitutivas de sua condição sujeito. O Estado procura manter à distância, ignorar, e mesmo sufocar, a questão crucial do sujeito, ou seja, o modo com que o sujeito pensa, ambiciona, critica, resiste. Não é permitido ficar fora do que é regular, normal – no sentido de mais comum e frequente. Assim como afirmam Courtine e Marandim ([1980] 2016), o que é regular vale como regra a seguir, a regularidade, por uma eficácia própria, impõe-se como lei à qual se submeter.

Desde a conjuntura dos Estados Modernos e até a contemporânea sociedade capitalista, os nacionalismos ganharam vigor, buscando uma unidade idealizada que se coloca como prática dominante, ainda que exclua minorias (que nem sempre o são numericamente). Dessa perspectiva, o amor a Deus, pelo qual o poder assegura a submissão do homem medieval, é substituído, nas sociedades modernas, pelo amor à pátria, dever do cidadão (ORLANDI, 2008, p.65). Trata-se de uma condição de produção que favorece não só a violência física ou verbal como meios de se obter a submissão, mas também – e de modo mais perigoso – uma violência mais insidiosa e eficaz: a do silêncio. E o poder, tal qual postula Orlandi (2008), além de silenciar, também se exerce acompanhado desse silêncio.

Tal silêncio diz muito sobre as línguas e seu funcionamento, em especial em países que passaram por um processo de colonização. A língua eleita como a do Estado é a que está nos instrumentos linguísticos oficiais, é a que circula nos documentos, nas leis, é a que tem importância e validade. Como no período de

colonização, em que uma língua se sobreponha às outras, contemporaneamente, o que está para além ou aquém da língua do Estado é, desta perspectiva, marginal, deve se enquadrar ou não terá os mesmos direitos – e privilégios. Isso, aliás, serve para línguas e sujeitos. A imposição de uma língua oficial e de sua gramática trabalha um projeto de organização de nação por processos de linguagem que “objetivizam um modelo de cidadão com uma língua, um rosto, uma presença institucional específica” (ORLANDI, 2008, p. 176). A ideologia dominante desse processo é tão forte e constitutiva, que, mesmo resistindo, se está dentro dela. E não se teria mesmo como estar fora. Contudo, a historicidade e a materialidade dos sujeitos e de sua(s) língua(s) é sua discursividade, a qual está longe de ser una e transparente, antes é opaca e tem a heterogeneidade também como constitutiva (cf. seção 1.1).

### **1.3.1 A identificação na relação sujeito/língua**

O fato de um sujeito se constituir como tal na e pela língua faz pensar por que me constituo como determinado sujeito e não como outro, ou seja, a língua na sua relação de força na constituição do sujeito (SCHERER, 2019). Reconhecendo a língua como base comum para processos discursivos diferentes em rituais de linguagem e o caso do portunhol selvagem, quero, antes de prosseguir, problematizar a identificação de um sujeito com essa língua amalgamada e não com outro modo de mobilizar língua, colocando como ponto determinante a questão da memória, do afeto e da poética. Isso, pois, de acordo com que afirma sujeito, de forma poética, o portunhol selvagem seria uma língua de casa, do calor da hora:

Fue hermoso nascer do amor de minha mãe hispano-guarani y de meu pai carioca filho de um dentista baiano e uma dama mineira. Mas aos dois anos tive de voltar com a minha mãe para a fronteira. Ela precisava me ensinar o portunhol selvagem, uma língua que não existe, mas que foi la língua em que sempre nos comunicamos inventando-a no calor da hora. Minha mãe foi a minha primeira professora de portunhol selvagem. Non digo que el portunhol selvagem tenha uma origem biológica. Non houvesse nascido yo del amor de uma paraguaya e um brasileiro, certamente non haveria o meu portunhol selvagem (DIEGUES, ENTREVISTA II, ANEXO).

Os processos de identificação quanto à língua são constitutivos do sujeito. Em uma história repleta de multiplicidade silenciada como a que se deu no Brasil, há traços de todo um material de memória das línguas, sentidos e sujeitos funcionando de maneira marginal, não reconhecido e não institucionalizado. Nesse sentido, quando abordo a identificação na relação sujeito/língua, especialmente em relação ao portunhol selvagem, penso que nesse processo existem imaginários funcionando, de modo que a imagem que os sujeitos fazem da língua e das formas em que o discurso pode ser dito participa da produção dos efeitos de sentido. Payer (2013) estuda a noção de memória discursiva (o interdiscurso, a memória do dizer, a condição do legível) por essa via, pensando-a relativamente à língua. Esses estudos permitem configurar um campo de questões que especificam o processo de identificação dos sujeitos em relação à língua, seja como língua materna, seja como língua nacional, segundo uma modalidade própria de identificação que é a que se dá em torno da memória da/na língua.

Considerando o caso do portunhol selvagem sob a ótica da memória e do afeto como base para a atividade poética, com seus processos discursivos transcorridos na história dos sujeitos, produzem-se certos fatos de linguagem que se compreendem como decorrentes dos processos de identificação que se dão na história da relação sujeito/língua. Isso envolve acontecimentos como o silenciamento da língua na esfera oficial, a sua permanência no domínio do privado e do patrimônio – como algo pitoresco –, pelo que ela pode vir a ocupar lugares específicos no simbólico, na arte, na manifestação poética, pelas vias tanto da memória discursiva sobre a língua, quanto da memória na língua ela mesma, em estruturas transformadas, que apresentam em seus traços marcas da língua “de casa” apagada.

Porém, isso não significa que esta língua primeira está sendo tal e qual reproduzida, já que se apresenta como uma nova versão, oriunda da memória. A língua do sujeito identificado com o portunhol selvagem funda-se de algo que em algum momento fez ou que ainda faz parte de sua vida – “... uma língua que não existe, mas que foi la língua em que sempre nos comunicamos inventando-a no calor da hora (DIEGUES) ” –, está em sua história e memória, em sua produção poético-literária. E, fora isso, onde? Em um não lugar? Em um novo lugar? O fato é que, de qualquer modo, ela sempre está, seu sujeito a faz estar, pois só é sujeito por causa dela.

Com base nos estudos de Payer (2013), entendo que os processos de identificação entre o sujeito e a(s) língua(s) encerram também os lugares de interpretação do sujeito e a sua relação com as imagens das línguas e as dimensões que elas ocupam relativamente à história, tais como as imagens e dimensões de língua materna, estrangeira, de fronteira, indígena, de prestígio, popular, etc. Quanto ao portunhol selvagem, participam da formação dessas imagens que presidem os processos de identificação os movimentos que delimitam línguas como idiomas estanques, resultando em práticas discursivas como a propagação, a injunção, a interdição e o silenciamento de línguas, pelas situações de conflito e tensões, por exemplo, entre língua materna e nacional, língua oral e escrita, língua coloquial e culta – situações de apego ou desprendimento, de passagem pelo sujeito de uma língua a outras tantas, sempre segundo condições de produção específicas. Esses conflitos, tensões e deslocamentos são lugar propício também a uma não identificação (cf. seção 3.4):

As identificações do sujeito quanto à língua e suas formas materiais se produzem, portanto, em processos constituídos na historicidade dessa relação. A história predispõe assim a relação dos sujeitos com as línguas que se lhe apresentam, enquanto objetos simbólicos, políticos e artísticos. A relação sujeito/língua(s) é atravessada por movimentos de (des)identificação em que se processam semelhanças e diferenças entre formas linguísticas e históricas, estranhamentos e reconhecimentos, aceitação e recusas, enfim, movimentos através dos quais vão se instalando, de um modo e não de outro, as (des)identificações entre sujeitos particulares, sempre tomados em uma rede de eventos e relações históricas, e as formas específicas, atravessadas portanto por relações diversas, tensas ou de deleite, admiração e culto (cultivo), especialmente no interior do Estado Nacional Moderno (PAYER, 2013, s.p).

A partir dessa perspectiva, **reconheço o portunhol selvagem como um funcionamento da língua como objeto do simbólico, político e poético**; um lugar de reconhecimento considerando a historicidade do sujeito que vive desde sempre nesse mobilizar de línguas na/da fronteira, resultando em uma atividade poética única. Deste modo, a identificação é parte da subjetivação no que diz respeito às línguas, participa também da relação que se estabelece dos sujeitos com a linguagem, configurada que é por interdições e injunções a uma língua e não a outra, a um modo de dizer e não a outro. Esses pontos de (não)identificação, inclusive, podem vir a ser

exercidos politicamente (cf.seção 2.2). Por isso, considerar a identificação sujeito/língua tal como está constituída no discurso em e sobre portunhol selvagem, os efeitos de sentido que essa identificação produz no funcionamento da língua, por exemplo:

Non se trata dum portunhol encenado desde um gabinete, pero sim **ouvido primeiramente en las calles** de la frontera de Punta Porã (Brasil) y Pedro Juan Caballero (Paraguay), y em ñande roga mi (nossa pequena casa), onde el portunhol era la lengua mais falada por mio abuelo, la xe sy (mi madre), la empregada, los parientes que venían a comer alli los domingos kuê. La primeira lengua en la kual me he expressado quando aprendi a falar non fue el portugues nim el español nim lo guarani, mas sim el portunhol de indole selvática (DIEGUES, ENTREVISTA I, ANEXO, grifo meu).

Considerando o que afirma o sujeito a respeito da língua “de índole selvática”, o mundo privado, da casa, da família, representa uma posição discursiva que funciona na base da imagem de autoridade – “La primeira lengua en la kual me he expressado quando aprendi a falar” (DIEGUES). Nessa condição de produção, está-se diante de um ponto de irrupção do modo como está constituída a relação da criança com a forma da língua, e a resistência a desidentificar-se com essa forma, a primeira por ela vivenciada, a afetiva. É significativo que o sujeito possa alcançar essa capacidade de formulação, de modo a poder colocar em palavras, dar linguagem, elaborar esses pontos de (não)identificação que constituem a sua relação com as formas materiais, com os sentidos (PAYER, 2013), isso possibilita uma representação mais ajustada com os sujeitos simbólicos realmente presentes historicamente. A língua ouvida primeiramente nas ruas, o portunhol falado pela família indica um ponto para que o sujeito do portunhol selvagem forje a sua língua da arte, a língua poética.

### 1.3.2 Línguas Indígenas: selvagem para quem?

Dando continuidade a este percurso teórico, no interior do quadro de referência até aqui destacado, proponho-me a problematizar a questão do “selvagem” que aparece designando o portunhol da arte. Para tanto, parto do ponto de vista

enunciativo para chegar ao discursivo, parto do enunciado visto como unidade do discurso, ou seja, para investigar seu funcionamento, preciso compreender as condições de produção discursivas que favoreceram o aparecimento de determinados enunciados e não de outros. A nomeação é uma das questões centrais para essa temática, trata da relação entre linguagem e realidade, compondo, de acordo com Guimarães (2003), o funcionamento semântico pelo qual algo recebe um nome. **E dar nome a algo é dar-lhe existência histórica.**

Nomear é, assim, distinguir, uma vez que implica também a possibilidade de, com o nome, designar alguma coisa e isso significa dar informação da coisa designada a outros. Discursivamente, a designação indica relações de referência instáveis, produzidas pelo cruzamento de diferentes posições sujeito (GUIMARÃES, 2005/ZOPPI-FONTANA, 2003), sendo necessário relativizar a evidência do laço nome-coisa para que erija a contradição. Trata-se de uma relação instável entre a linguagem e o objeto, pois o cruzamento de discursos não é estável, é, ao contrário, exposto à diferença. Apesar de a "designação de uma expressão linguística se apresentar como se fosse una, na verdade significa segundo suas relações interdiscursivas em que se constitui enquanto designação" (GUIMARÃES, 1995, p.103).

Então, tratar do processo de designação é considerá-lo como acontecimento enunciativo a partir do seu funcionamento, na relação instável entre a linguagem e o objeto. O acontecimento enunciativo, dessa perspectiva, é um acontecimento de linguagem perpassado pelo interdiscurso, que se dá como espaço de memória no acontecimento. É um acontecimento que ocorre porque a língua funciona ao ser afetada pelo interdiscurso. Quanto ao portunhol, a designação selvagem é o sentido do nome portunhol que estabelece a relação desse nome com as coisas tomadas como existentes, porém esta relação não pode ser considerada diretamente referencial. Esse é um processo pelo qual o nome identifica aquilo sobre o que fala. Conforme Pêcheux (1997), o nome é resultante da operação de determinação levada ao extremo, o pensamento se apodera do objeto e a formação do nome é considerada como modo de apresentação do objeto. Isso passa pela identificação, ou seja, a relação do sujeito com aquilo que o representa.

A designação selvagem identifica um portunhol existente de algum modo, e essa é a relação que tem com ele, a qual inclusive possibilita que se faça referência a coisas particulares em situações particulares. Com isso, o nome portunhol selvagem

é também um ato de identificação, promove a identificação e separa através da diferenciação, já que **envolve movimentos semânticos – o processo de designação – e movimentos discursivos – a identificação e a subjetivação:**

Por que selvagem? Porque que brota de las selvas de mio corazon y de los corazones de los habitantes de las selvas desconocidas de la frontera del Brasil com el Paraguay. Quanto a lo de la potencia, es muy original el portunhol selvagem, es una lengua neoantigua, que existe como habla y escritura, pero non como idioma y me permite dizer coisas antiguas de forma nueva, además de permitirme hacer poesia ou prosa com um power bem mais amplo de expressiões que se escribiera limitado al português brasileiro ou al castellano paraguayo apenas, una potencia que consiste, obviamente, en selbagem y hermosissima liberdade de linguagem (DIEGUES, ENTREVISTA I, ANEXO).

Tendo em vista a capacidade de “brotar” do portunhol selvagem e seus deslimites, conforme postula seu sujeito, recorro a Rancière (1995) para reforçar que o social designa a não relação com o original. Ele designa o desvio das palavras em relação às coisas ou, mais exatamente, o desvio das nomeações às classificações: “um nome identifica, ele não classifica” (p.43). Se o nome é a base para que a identidade exista e se fortaleça, é ele quem diferencia coisas e seres. Afirmar-se selvagem ou identificar uma língua sob o nome portunhol selvagem inclui negar e esconder vários outros nomes que de imediato não aparecem. Essa negação e o que está escondido não estão dados, *a priori*, junto com o nome. Além disso, as posições de quem nomeia e do que é nomeado devem ser obedecidas, e elas importam quem tem poder e autoridade para nomear e quem, ou o que, está subordinado a esse poder em determinada condição de produção (MOREIRA, 2010). A nomeação tem força, mas apenas terá força para nomear algum objeto ou sujeito se vier de alguém com a autoridade devida para isso. Uma falha na nomeação e na consequente designação pode se revelar nos gestos de interpretação, pois se corre o risco de atribuir-lhe sentido a partir de determinado sistema de nomeação e predicação.

Orlandi (2002) introduz o conceito de acontecimento linguístico – este que funda o novo – para nomear, especialmente em casos de colonização, como mobilizo neste trabalho, essa relação do lugar discursivo e da língua nacional, sempre considerando que toda interpretação de um lugar discursivo necessita levar em conta



a “consciência linguística da época considerada e a forma como a questão é apresentada nesse período”. Devem-se compreender os acontecimentos linguísticos dos nomes como uma interpretação feita de determinado lugar discursivo. Há sempre uma relação existente entre o acontecimento histórico e o acontecimento linguístico da nomeação, uma vez que ambos acontecimentos estão constitutivamente relacionados.

A nomeação não só está relacionada ao referencial, mas também origina sentidos outros, pois é por meio dela que se designam estados, predicções, formas, produzindo novos e outros sentidos sobre os já existentes, afetando o sujeito em seu processo de identificação. Não é atribuído mero sentido referencial ao que é nomeado, mas se origina uma identificação, atribuindo-lhe um lugar, afetado por uma ideologia, aquela que o interpelará no processo de identificação. A isso volto a relacionar o que pontua Pêcheux (1997) acerca do funcionamento da ideologia em geral como interpelação dos indivíduos em sujeito, a qual se realiza através do complexo das formações ideológicas e fornece a cada sujeito sua realidade, enquanto “sistema de evidências e de significações percebidas-aceitas-experimentadas”.

A interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito): essa identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, apoia-se no fato de que os elementos do interdiscurso que constituem, no discurso do sujeito, os traços daquilo que o determina, são reescritos no discurso do próprio sujeito (PÊCHEUX, 1997, p.163).

Ainda relacionando enunciação e discurso, segundo Guimarães (2005), para nomear, o sujeito deve estar inscrito em um espaço discursivo afetado por uma regularidade específica, permeado por uma formação discursiva, que o possibilita falar de determinada posição de sujeito. É necessário considerar que há uma configuração própria segundo a qual o nome possui sua historicidade de sentidos, identificação que se dá a uma formação discursiva dominante. Ao trabalhar o conceito de designação (GUIMARÃES, 2005) em condições de produção de resistência, verifica-se que tal processo se dá na medida em que coloca em confronto posições-sujeito no interior de uma formação discursiva. É esse confronto que demarca os objetos, faz com que a

mudança de posição-sujeito recorte uma outra memória de dizer, o que significa de forma distinta um nome de outro. As mesmas palavras, expressões e proposições mudam de sentido ao passar de uma posição-sujeito a outra. Assim, é também por meio da designação que se constrói o objeto do qual se fala, remetendo sempre os sentidos ao real, afetado pelo simbólico.

**A designação de um nome é a sua significação enquanto uma relação deste nome com outros e com o mundo recortado historicamente pelo nome.** A designação não é algo abstrato, mas linguístico e histórico. Um nome, ao designar, funciona como elemento das relações histórico-sociais que ajuda a construir e das quais passa a fazer parte (GUIMARÃES, 2003, grifo meu).

Depreende-se, assim, uma relação instável entre objeto e discurso, visto a não estabilidade dos discursos, pois neles há o cruzamento de várias posições sujeito, que representam as formações discursivas, as quais estabelecem uma tensão, o que expõe o objeto à diferença. Retomando o recorte específico de Orlandi (2002) para exemplificar um ambiente linguístico de colonização, a língua portuguesa, no Brasil, foi, pelo imaginário, estabelecendo outra realidade para a relação palavra-coisa, a operação referencial nome-coisa deu lugar, pela gramatização, à atividade conceptual nome-nome (dicionário).

Com isso, de acordo com a hipótese de resistência em relação ao portunhol selvagem, a partir de uma universalidade poética, esta língua legitimaria um lugar em que novos momentos de socialidade são possíveis a partir de línguas que são mobilizadas sem serem necessariamente reconhecidas. O portunhol selvagem, de certo modo, parece fazer o caminho inverso da atividade conceptual nome-nome, rememorando a importância da materialidade histórica do próprio território e suas coisas. Daí a análise da designação trazer para este trabalho a significação de valores que incluem ou excluem sujeitos e línguas.

Especialmente as designações acrescidas à língua, como pontua Scherer (2019), não estão ligadas unicamente ao espaço de enunciação, mas também ao gesto de o sujeito se colocar na língua e ao modo como o sujeito se relaciona com ela e com a sua nomeação. Uma espécie de nomeação atrelada às designações que parecem vir em decorrência dela: “o nome é uma das primeiras formas de tentar

estabilizar, de tentar fixar, de tentar individualizar um acontecimento histórico e, por que não, enunciativo e discursivo” (SCHERER, 2019, p.17). **É preciso tomar a designação selvagem como um dos suportes materiais dos processos de subjetivação e identidade.**

Uma amostra dessa materialidade histórica são as línguas indígenas que fazem parte da manifestação poética portunhol selvagem, elas – que foram consideradas pitorescas e herdaram uma estranha condição de passado recôndito – apresentam-se como sendo resgatadas e legitimadas por quem e para quem sempre fizeram parte da vida cotidiana. Essa condição em que as diversas línguas dos índios foram colocadas exprime o fato de serem comparadas com modelos do colonizador. Consoante rememora Orlandi (2008), os modelos de análise de línguas indígenas são aqueles que, embora se inscrevam na antropologia linguística, perpetuam a indiferenciação ou promovem o apagamento e a remissão do diferente ao mesmo, ou seja, o apagamento da especificidade das línguas indígenas em relação às línguas ocidentais.

O apagamento das línguas indígenas carrega consigo o silenciamento do sujeito índio, já que a produção de sentido do seu discurso é ignorada. No trato cultural entre índios e brancos, o silenciamento privilegiado pelo Estado não sobreveio apenas sobre o que o índio faz, mas sobre a própria existência do sujeito índio (ORLANDI, 2008). Retomo aqui aquele tipo de violência que não é barulhenta ou visível fisicamente, mas que nem por isso deixa de ter um funcionamento ainda mais insidioso, anulando uma identificação de maneira intensa e praticamente definitiva quanto ao que é reconhecido como oficial pelo Estado e para o cidadão.

Esse processo de apagamento da identidade cultural nacional tem sido escrupulosamente mantido durante séculos. E se produz pelos mecanismos mais variados, dos quais a linguagem, com a violência simbólica que ela representa, é um dos mais eficazes (ORLANDI, 2008, p.66)

As particularidades do índio, de quem estava ali no período pré-colonização, são desconsideradas, visto que não compõem o que é regular dentro do conhecido até então. Oficialmente, não fazem parte da cultura do dito “civilizado” (cf. seção 1.3)

– a não ser, talvez, como patrimônio –, ainda que na fluidez da vida estejam continuamente presentes. O Estado estabelece com o índio uma relação tal, que não são só as diferenças que se apagam, o próprio índio deixa de existir como índio (ORLANDI, 2008). Talvez mais agressiva do que esse movimento seja a ideia de poder normalizar imaginariamente o que é diferente. Supor a igualdade desacredita qualquer resistência e segue comparando o não regular (como no caso do portunhol selvagem) com modelos eurocêntricos pré-existentes. Esse discurso de se considerar o índio como igual, novamente conforme Orlandi (2008), o traz para o interior das categorias de igualdade estabelecidas pelo branco, e pelas quais o índio passa a ser visto por qualidades que não são suas.

A partir disso, refiro-me em minha tese ao funcionamento da ideologia em relação ao que não é regular. Acredito ser possível flagrar esse processo na produção e distribuição da arte do movimento portunhol selvagem, bem como na sua própria nomeação e designação. Ao designar o seu portunhol como selvagem, o sujeito que o nomeia deixa entrever as posições sujeito que estão se cruzando nesse processo, uma vez que este sujeito está inscrito em uma regularidade que o faz mesmo se ver como margem, se ver ainda hoje como habitante da “selva”, como alguém que não faz parte. A força da ideologia [da classe] dominante segue trabalhando no inconsciente, mesmo na resistência. **Ao se designar como selvagem na língua, o sujeito deste portunhol, no processo de designação, acaba assumindo, em parte, a visão do colonizador para lutar contra ela.** O sujeito, ao nomear a língua, está também se designando, também se identificando, e esse processo depende, sobretudo, do conhecimento sobre a língua: “Dar nome à língua é uma questão de político e não só de política, é uma questão de identidade e muito mais, é uma questão de identificação, é uma questão de memória e de inconsciente (SCHERER, 2019, p.21).

Por isso dizer que o apagamento se dá na esfera da ideologia, ele não está marcado em lugar nenhum como tal, funciona por meio dos silêncios, de práticas que o asseguram ainda que não se exponham desta maneira. Fala-se de diferenças culturais como causadoras de grandes embates, contudo não se complementa que, nacionalmente, por amor à pátria, “não se considera o índio como um compatriota, em nome do amor a Deus, não se reconhecem suas crenças”. De modo que “o choque

cultural não acontece casualmente, ele é produzido” (ORLANDI, 2008, p.82), bem como a tal visão da selvageria.

O portunhol selvagem, que joga com a unidade linguística e que traz para uma língua poética grande parcela de nosso arcabouço indígena, é visto pelo centro (a visão do colonizador, do Estado, do “civilizado”) como marginal, inadequado, não representativo. A língua do índio é observada, na hierarquização que a vê, como do outro lado, à margem. Como nas palavras de Orlandi (2008), é uma língua primitiva nos dois sentidos da palavra: de passado e de rudimentar. Para o movimento encabeçado por Douglas Diegues, **o selvagem é recuperado, mas é preciso problematizar que sentidos também são recuperados ou atualizados com isso**, pois, estando o sujeito inscrito em determinada ideologia que sempre se relaciona a uma questão de classe, funciona juntamente com isso a contradição.

Uso como exemplo a presença do guarani, língua indígena que mais participa do portunhol selvagem, como será melhor analisado e interpretado no Movimento III desta tese. Essa língua indígena é tão presente no Paraguai, que foi oficializada como segunda língua oficial e nacional do país na constituição de 1992. Devido ao contato entre Paraguai e Brasil, o município de Tacuru, no Mato Grosso do Sul, estabeleceu a língua guarani como cooficial em 2010 (MARTINES, 2014). Além disso, essa língua está incluída no MERCOSUL desde 2006. Enfim, esta é a história oficial do guarani em relação a dois países e a suas regiões de fronteira.

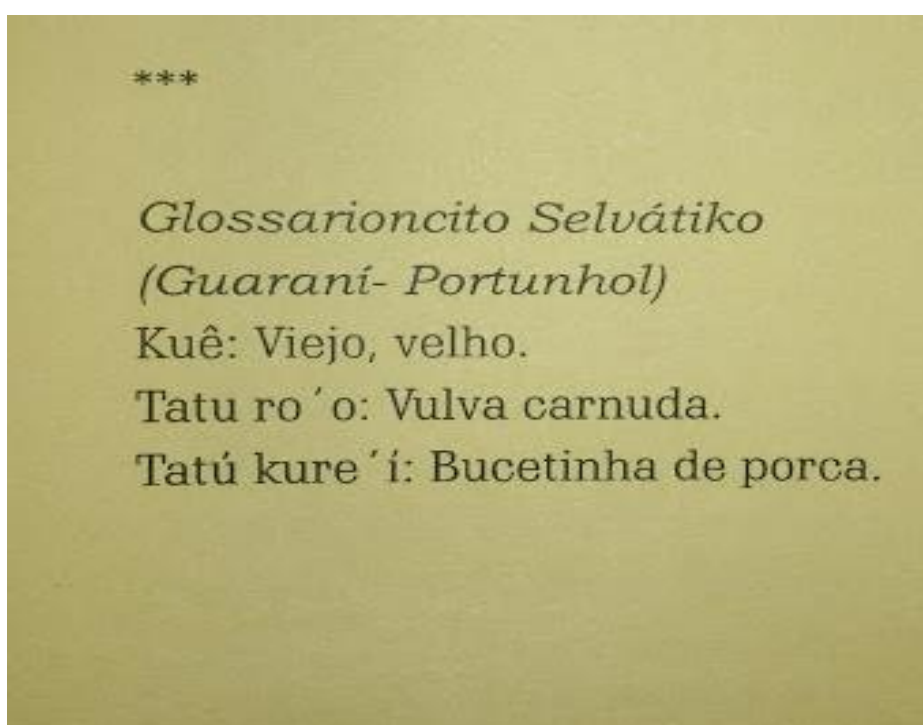
No entanto, estudos como o de Almeida, Silveira e Weber (2017) demonstram que, na língua fluida<sup>9</sup>, há variadas proibições de se falar em guarani, como, por exemplo, em lojas de departamento da *Ciudad del Leste*. Ora, a língua nacional é considerada a língua de um povo, enquanto língua que o caracteriza, que dá a seus sujeitos uma relação de pertencimento a este povo e, frequentemente, vincula-se a um Estado-Nação (GUIMARÃES, 2003). Além disso, os seus sentidos podem aparecer associados ao de língua oficial, a qual constitui a língua de um Estado, aquela que é obrigatória nas suas ações formais, nos seus atos legais. Como o guarani é considerado língua oficial e nacional ao mesmo tempo em que é proibido?

---

<sup>9</sup> Tomo o conceito de língua fluida conforme Orlandi, sendo aquela feita de movimento e fatura, a qual não pode ser delimitada por sistemas e fórmulas e é reconhecida como a língua do uso: “A língua fluida é a que pode ser observada e reconhecida quando focalizamos os processos discursivos, através da história da constituição de formas e sentidos, tomando os textos como unidade (significativas) de produção. (ORLANDI; SOUZA, 1988, p. 34)”.

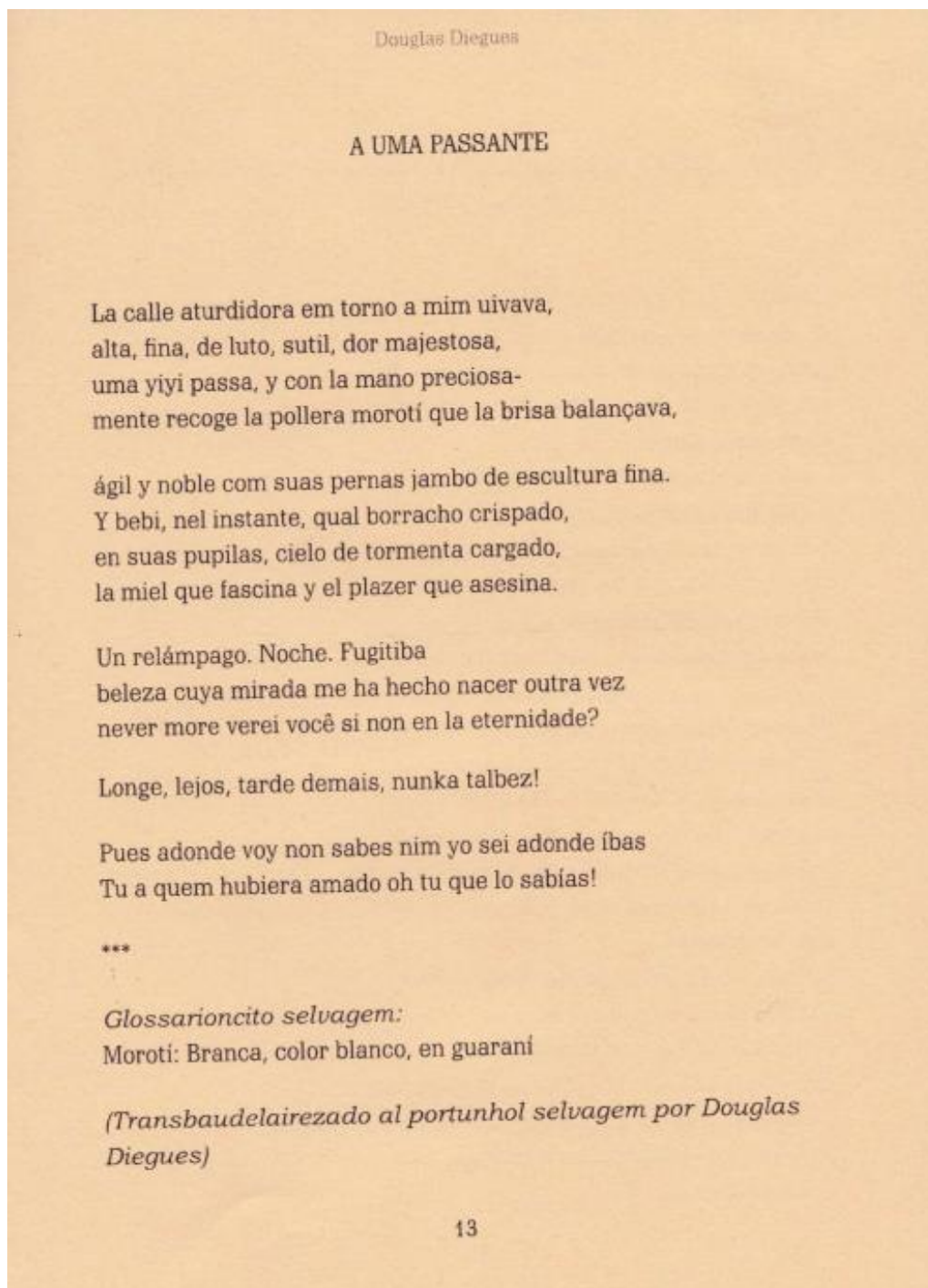
O guarani, na fluidez, não tem os atributos característicos de uma língua oficial, ainda é discursivamente uma língua de resistência. Por sua vez, esse funcionamento desencadeia contradições quanto aoportunhol selvagem; a poética, ainda que se apresente como de resistência, costuma apresentar o guarani em separado (cf. MOVIMENTO III), valendo-se de glosa [dita selvagem/selvátika] em grande parte de seus textos, como todos os exemplos a seguir, retirados de um mesmo livro:

Figura 1 – Glossário I, retirado do poema “Pájaro Benitez”, de Douglas Diegues.



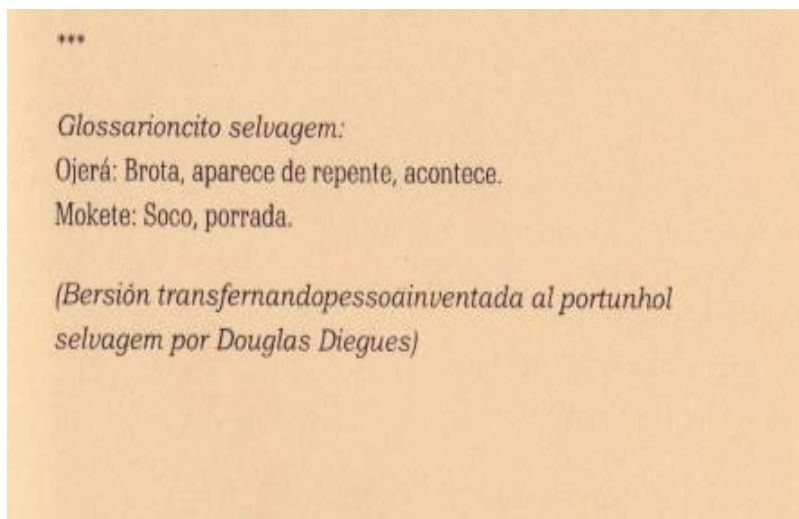
Fonte: *Tudo lo que voce non sabe es mucho más que todo lo que voce sabe*, de 2015.

Figura 2 – Glossário II, retirado do poema “A uma passante”.



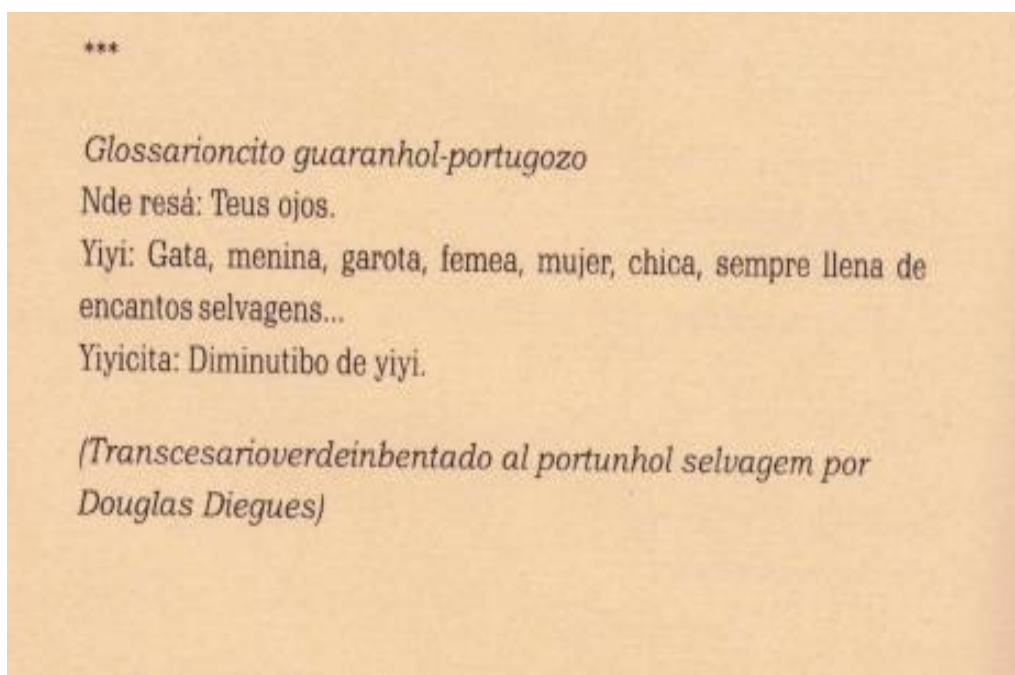
Fonte: *Tudo lo que voce non sabe es mucho más que todo lo que voce sabe*, de 2015.

Figura 3 – Glossário III, retirado do “Poema em línea recta”, de Douglas Diegues.



Fonte: *Tudo lo que voce non sabe es mucho más que todo lo que voce sabe*, de 2015.

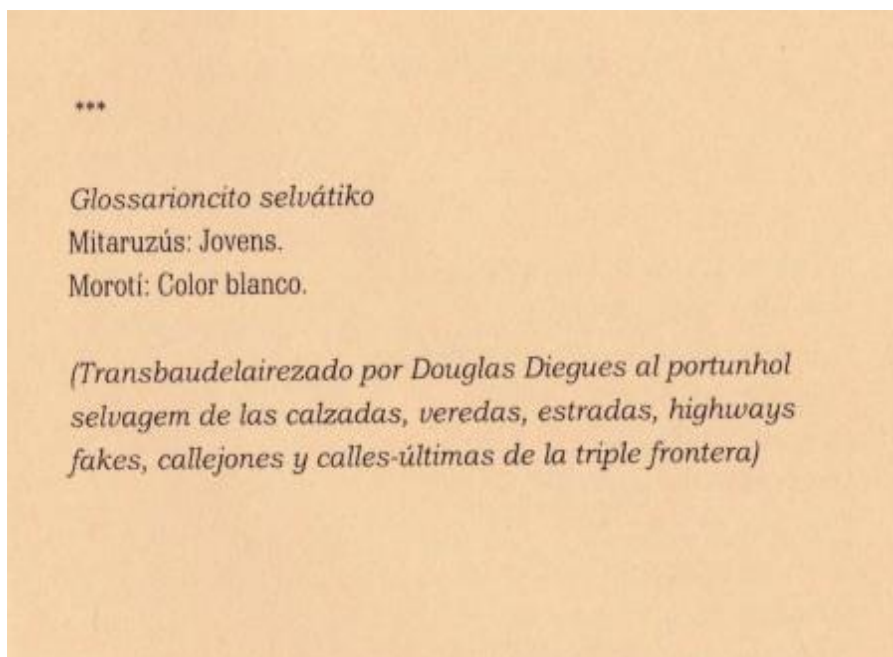
Figura 4 – Glossário IV, retirado do poema “Lúbrica”.



Fonte: *Tudo lo que voce non sabe es mucho más que todo lo que voce sabe*, de 2015.



Figura 5 – GlossárioV



Fonte: *Tudo lo que voce non sabe es mucho más que todo lo que voce sabe*, de 2015.

Semelhante ao que postula Mariani (2009), a língua não pode ser entendida como um sistema de signos ou como uma ferramenta comunicacional, mas sim como um espaço de disputa de poder entre instâncias que buscam controlar as práticas simbólicas internas em uma dada sociedade, tentando gerenciar a produção de sentidos. Logo, ao retomar o guarani em sua poética e designá-la selvagem, o portunhol aqui estudado não produz apenas novos efeitos de sentido, mas reproduz também os que sempre o determinaram, uma vez que o equívoco afeta esse processo de designação selvagem. Para confirmar isso, também é preciso que se analise de maneira mais sólida a forma como a língua indígena funciona no portunhol selvagem. Essas são contradições que serão melhor exploradas no Movimento III.



## **MOVIMENTO II**

### **SOBRE UMA SELVAGERIA POÉTICO-LITERÁRIA: LÍNGUA EM EFERVESCÊNCIA**

*ISQUEIRINHO KOREANO*

*Nunca subestime  
un miserable isqueirinho koreano  
fabricado nel Paraguay  
y revendido despues  
en quase todos los puteros  
y las playas mais chiques  
do Rio de Janeiro...  
Com apenas  
un miserable isqueirinho koreano  
fabricado nel paraguay  
podemos incendiar  
muchas coisas...  
(Douglas Diegues)*

Se estou nomeando o portunhol selvagem de movimento político e indicando que ele mobiliza diferentes línguas de forma poética, ou seja, produzindo literatura, proponho, neste segundo movimento, seguir tratando do conceito de língua a partir de uma perspectiva discursiva, no interior de modelos colonizadores, para alcançar o funcionamento da categoria posição sujeito quanto a determinadas formações discursivas. Além disso, conceituo de que ponto de vista estou abordando a questão poética e como o portunhol selvagem, com sua arte escrita, se inscreve em uma perspectiva literária.

## 2.1 POSIÇÃO-SUJEITO: UMA REDE DE LUGARES DISCURSIVOS

Quando afirmo a abordagem discursiva deste trabalho, isso indica que procuro inseri-lo em uma prática linguística não linear, mas sim que considera os equívocos, os encontros e desencontros, as quebras de percursos, as relações. Meu intuito é trabalhar sob a percepção de que os processos de influência mútua entre línguas, culturas e sujeitos diferentes em contato são complexos, permanentes e mesmo imprevisíveis (ORLANDI, 2008). No interior dessa perspectiva, tratar de língua(s) não pode deixar de fora a ideologia e o lugar do sujeito em relação a tal funcionamento. O discursivo materializa o contato entre o ideológico e o linguístico. Uma vez que a língua compõe esse quadro teórico como a materialidade específica do discurso, este é materialidade específica da ideologia.

Não sendo o sujeito fonte do seu dizer, isso implica um pré-estabelecido que define o quê, quando, onde e como pode e deve ser dito (ou silenciado). A ideologia interpela o indivíduo em sujeito de um discurso específico, o que enfatiza que o indivíduo é constituído em sujeito na e pela língua. No âmbito da Análise de Discurso (AD), o dizível é definido, para o sujeito, pela relação entre formações discursivas distintas, isto é, cada formação discursiva define o que pode e deve ser dito a partir de uma posição-sujeito, em determinada conjuntura. Formação discursiva (FD), no interior dessa perspectiva, é um conceito cujo trabalho representa uma questão central da articulação da língua e do discurso. Em seu conjunto, define o universo do dizível e, em suas diferenças, especifica o limite do dizer para os sujeitos em suas distintas posições (ORLANDI, 2008, p. 46).

Com isso, estabeleço como ponto de referência de subjetivação para esta tese o sujeito da Análise de Discurso (AD), que não é o indivíduo, sujeito empírico, mas o sujeito do discurso, que carrega consigo marcas do social, do ideológico, do histórico e que tem a ilusão de ser a fonte do sentido: “a forma-sujeito tende a absorver-esquecer o interdiscurso no intradiscurso, isto é, ela simula o interdiscurso no intradiscurso, de modo que o interdiscurso aparece como o puro “já-dito” do intradiscurso, no qual ele se articula por “co-referência” (PÊCHEUX, 1995, p.167). As palavras mobilizadas por um sujeito, assim, já têm sentido.

Isso não significa, entretanto, formações discursivas estanques, com fronteiras bem definidas e sujeitos posicionados de modo cristalizado. De acordo com Courtine e Marandin ([1980]2016), o fechamento de uma formação discursiva é fundamentalmente instável, ele não consiste em um limite traçado de uma vez por todas que separa um interior e um exterior, mas se inscreve entre diversas formações como uma fronteira que se desloca em função das questões da luta ideológica.

Os deslocamentos ideológicos podem motivar aproximações ou repulsas em relação às formações discursivas, fomentando também alguma instabilidade quanto às posições-sujeito. Ao se levar em conta discursos exteriores um ao outro, pertencentes a formações discursivas contraditórias, sua fronteira poderá ser aproximada, mas somente por um discurso que participe de ambas, por exemplo, o discurso de um sujeito passando por uma contraidentificação (cf. seção 3.3). Lecomte ([1980] 2016) caracteriza esse discurso de borda – no sentido de estar nas beiradas, podendo estar próximo de outra FD – como contraditório, por essa composição entre duas formações discursivas.

Essa relação com o outro (outro discurso, outra formação, outro sujeito) é significativa para o movimento portunhol selvagem, porque ajuda a pensar sobre uma possível posição de resistência nessa alteridade, nessa borda que acaba por constituir um lugar outro. Segundo Orlandi (2008), todo discurso atesta sua relação com outros – que ele exclui, ou inclui, ou pressupõe – e com o interdiscurso que o determina, e essa relação com a alteridade, longe de ser direta, unívoca e clara, é confusa e desorganizadora do sujeito. Um dos princípios do portunhol selvagem, conforme o discurso de seus sujeitos, é ser essa força desorganizadora, é se desexplicar, lutar para desconstruir conceitos: “Y el portunhol selvagem es una literatura non-oficial que

pode ser situada, temporariamente, nesse lugar nenhum, entre ambos lados de las fronteras. ¿Me desexplico?” (DIEGUES, ENTREVISTA I, ANEXO).

A identificação do sujeito com determinado posicionamento é o que definirá como e quais sentidos ele irá produzir a partir de seu dizer, o sentido somente é produzido pela relação do sujeito com a forma-sujeito do saber e pela identificação do sujeito com uma determinada formação discursiva (cf. seção 1.3.1). Deste modo, Pêcheux (1997) conceitua posição-sujeito a relação de identificação entre o sujeito enunciador e o sujeito do saber (forma-sujeito). Isso implica que diferentes indivíduos, relacionando-se com o sujeito do saber de uma mesma formação discursiva, constituem-se em sujeitos ideológicos e podem ocupar a mesma ou diferentes posições (GRIGOLETTO, 2005). A posição-sujeito da atividade poético-literária, por exemplo, não é uma posição universal, é antes a posição de um sujeito histórico, assujeitado ideologicamente, por ocupar um lugar na formação que o constitui.

Afirmar que essa posição não é universal demanda que nem todo sujeito tem o mesmo lugar de dizer. Em minha análise e interpretação, a qual tem percorrido todo o texto, mas se dará mais especificamente no Movimento III, essa questão acerca da noção de sujeito considera o histórico e o ideológico como seus elementos constitutivos, por conseguinte, o lugar que o sujeito ocupa historicamente é determinante do/no seu dizer. Além disso, como reitera Grigoletto (2005), ao se identificar com determinados saberes, o sujeito se inscreve em uma FD e passa a ocupar não mais o lugar de sujeito empírico, mas sim o de sujeito do discurso. Já não estou tratando apenas do lugar social, trata-se de um espaço que se configura no interior do discurso, sendo dele constitutivo. E o discurso da atividade poético-literária é a amostra de uma prática discursiva na qual se desenvolve uma rede de lugares discursivos.

O lugar que o sujeito toma em uma determinada formação ideológica, que está afetada pelas relações de poder, determinará o seu lugar discursivo, por meio do movimento da posição-sujeito e da formação discursiva com a qual se identifica. Conforme desenvolvo no Movimento I desta tese, o político é determinante nos deslocamentos ideológicos, já que o sujeito sempre fala de um determinado lugar, o qual é afetado por diferentes relações de poder – sendo isso constitutivo do seu discurso. O sujeito do discurso, ao se inscrever em um determinado lugar discursivo, vai se relacionar tanto com a forma-sujeito histórica e os saberes que ela abriga

quanto com a posição-sujeito (GRIGOLETTO, 2005). De modo aproximado, INDURSKY (2000, p. 77), quando caracteriza a forma-sujeito como dispersa e fragmentada, afirma que “cada posição-sujeito representa diferentes modos de se relacionar com a forma-sujeito”. Assim, a posição do sujeito que integra o movimento portunhol selvagem é determinada historicamente, traçando marcas em seu discurso sobre e na língua.

## 2.2 LÍNGUA, ESCRITA E MODELO IMPERATIVO DE LÍNGUA: UMA POLÍTICA DA ARTE

Reitero nesta seção o quanto a escrita confere à língua o caráter de arquivo material, imprimindo-lhe certa atemporalidade. Na concepção de Pêcheux (1994), o arquivo é entendido no sentido amplo do campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão. Não existe arquivo sem um lugar de consignação, sem uma técnica de repetição e sem certa exterioridade. A condição do conteúdo que pode ser arquivado determina também a estrutura do arquivo em seu surgimento e em sua relação com o futuro. O arquivamento tanto produz quanto registra o evento, sendo também uma experiência política (DERRIDA, 2001, p.31). Não se vive mais da mesma maneira aquilo que se documenta da mesma maneira. O sentido do que é arquivável se deixa, ao mesmo tempo, previamente, codeterminar pela estrutura arquivante.

Além disso, há o histórico cunho de distinção social relacionado à escrita, já que o sujeito que tem o privilégio da escrita e da leitura tem também mais oportunidades de poder, de se fazer ouvir e de ter sua cidadania reconhecida. Por exemplo, por possuir o privilégio de ler e escrever – e não apenas codificar e decodificar – por meio de toda uma formação, posso desenvolver esta tese, ser ouvida e considerada a partir do que penso. Isso não é para todos. Preciso destacar também que, como o político perpassa todas as relações historicamente, se faz necessário pensar qual língua (ou quais) está autorizada a ganhar tal status de língua escrita.

Posso pensar, em termos oficiais e nacionais, que a língua do Estado seria a mais representativa, no entanto, como bem defende Derrida ([1996] 2016), a



cidadania não define uma participação cultural, linguística ou histórica em geral, ela não recobre todas estas pertenças, sobretudo quando esta cidadania é de parte precária, recente, ameaçada, e até mesmo artificial. Ademais, em sua obra *O monolinguismo do outro*, o mesmo autor postula algo muito válido para esta tese: “é possível ser monolíngue e falar uma língua que não a sua, porque um traço de união não é nunca suficiente para cobrir os protestos, os gritos de cólera ou de sofrimento” (p.36). No caso do portunhol selvagem, o monolinguismo do outro se relaciona a essas outras línguas mobilizadas por ele, mas que tem relação formal e territorial com uma nação: o espanhol, o português, o francês, o italiano, o inglês do outro monolíngue são línguas reconhecidas que podem ser vistas como ultrajadas ao terem vinculação com uma dita língua desterritorializada.

Parto, deste modo, da perspectiva de que esta artificialidade que funciona por meio de uma ideologia dominante, a qual supõe/impõe unidade e regularidade em relação a línguas e culturas, na vida fluida não é significativa como gostaria. Parto de um processo de desmascaramento do “amo e senhor”, ou seja, da ideologia [da classe] dominante:

Contrariamente ao que a maior parte das vezes se é tentado a crer, o amo e senhor não é nada. E não tem nada de próprio. Porque o amo e senhor não possui como próprio, naturalmente, aquilo a que, no entanto, ele chama a sua língua; porque, independentemente do que queira ou faça, não pode manter com ela relações de propriedade ou de identidade naturais, nacionais, congênitas, ontológicas; porque não pode acreditar e dizer esta apropriação senão no decurso de um processo não natural de construções político-fantasmáticas; porque a língua não é o seu bem natural, ele pode por isso mesmo historicamente, através da violação de uma usurpação cultural, quer dizer, sempre de essência colonial, fingir apropriar-se dela para a impor como sua. (DERRIDA, 2016, p.50)

Um movimento autoritário e taciturno da ideologia dominante, sobretudo em processos colonizadores, é o silenciamento. Quando se interdita o acesso a uma língua, não se interdita coisa alguma, nenhum gesto, nenhum ato, mas se interdita o acesso ao dizer, principalmente, a um certo dizer. Esse interdito, consoante Derrida (2016), é o interdito a partir do qual eu digo e me digo, não é, por conseguinte, um interdito entre outros. Daí o perigo desse movimento que nem ao menos se coloca de

modo ostensivo, mas que tem inúmeras consequências quanto ao que é silenciado. É um interdito que opera por vias mais ardilosas, pacíficas, supostamente liberais. Uma vez que, a princípio, tudo é permitido e oportunizado.

Com isso, posso assumir aqui a perspectiva levantada por Derrida (2016) a respeito do caráter originalmente colonial de toda cultura, já que toda cultura se institui pela imposição unilateral de alguma política da língua, e o domínio começa por esse poder de nomear, de impor e de legitimar as designações (cf. seção 1.3.2). Quando o colonizador afirma que o índio é selvagem, isso vem carregado de marcas negativas para ele – o não civilizado, o agressivo, o inculto. De outro lado, quando o sujeito designa um movimento poético de selvagem, o sujeito, em sua ilusão de origem do dizer, busca ressignificar esse nome positivamente – o original, o livre, o genuíno – ao mesmo tempo em que não pode controlar a reprodução dos sentidos de uma visão colonial. O monolinguismo imposto pelo outro opera sempre por uma soberania de essência colonial e que tende a reduzir as línguas ao uno, à “hegemonia do homogêneo” (p.70). Se o acesso à língua e à escrita de determinado outro é barrado, é preterida também toda a cultura que dela é inseparável. Como consequência, esse interdito produzido não se livra dos rastros e das marcas daquele que é interditado.

Uma dessas marcas pode aparecer na atividade poético-literária, com um objetivo de desestruturação que não é da ordem do linguístico, mas do simbólico. Fazer literatura por meio de uma língua que foge de uma regularidade esperada, a princípio, pode parecer uma quebra; mas esse movimento, pode também funcionar como uma coerência de prosseguimento para o seu sujeito. A descoberta da literatura como símbolo de uma cultura letrada e erudita, o acesso a este modo de escrita singular, para quem mobiliza como primeira língua o português, acaba por ser uma experiência de um mundo sem continuidade sensível com aquele no qual se vive, quase sem nada de comum com as suas paisagens cotidianas. Ademais, esta descontinuidade revela outra, exhibe a altura que separa convencionalmente a cultura literária da cultura não literária. É no mínimo problemático que para entrar em um sistema literário seja preciso que o sujeito perca o seu dizer.

A língua dita materna, no sentido nacional, de lugar de nascimento, não é natural, nem sempre facilmente habitável para o sujeito. Derrida (2016) nomeia de antepimeira língua àquela pré-oficial, a de casa, da vida, não a do Estado. A antepimeira língua pode sempre correr o risco de se tornar ou de querer ser ainda

uma língua do mestre, por vezes a de novos mestres. Por isso, o portunhol selvagem é visto de modo até ameaçador ao ousar integrar o espaço privilegiado e legitimado da língua escrita. Aquele que escreve e que tem sua escrita reconhecida, sobretudo em condições de produção marcadas por desigualdades históricas, sempre habitará uma posição privilegiada, sendo esta mais uma contradição do portunhol selvagem, colocar-se como marginal ao mesmo tempo em que não deixa de gozar de um reconhecido privilégio, o de poder produzir literatura. Os termos podem mudar de sentido, as posições podem ser trocadas, mas o essencial é a permanência de uma estrutura que estabelece basicamente duas categorias de poder: os que têm uma capacidade e os que não a têm.

Isso é o que Rancière (2012) chama de divisão policial do sensível: a existência de uma relação entre uma ocupação e um equipamento, entre o fato de estar num tempo e num espaço específicos, de nele exercer ocupações definidas e de ser dotado das capacidades de sentir, dizer e fazer que convêm a essas atividades. Nesse sentido, o objetivo, na arte, é constantemente mostrar ao público o que ele não sabe ver e envergonhá-lo porque ele não quer ver, com o risco de o próprio dispositivo crítico se apresentar como uma mercadoria de luxo pertencente à lógica que ele denuncia. Há, contudo, por meio de um processo de emancipação, o trabalho da arte em outro sentido:

A emancipação, por sua vez, começa quando se questiona a oposição entre olhar e agir, quando se compreende que as evidências que assim estruturam as relações do dizer, do ver e do fazer pertencem à estrutura da dominação e da sujeição (...). Nesse quadro, há, em segundo lugar, as estratégias dos artistas que se propõem mudar os referenciais do que é visível e enunciável, mostrar o que não era visto, mostrar de outro jeito o que não era facilmente visto, correlacionar o que não estava correlacionado, com o objetivo de produzir rupturas no tecido sensível das percepções e na dinâmica dos afetos. Esse é o trabalho da ficção. Ficção não é criação de um mundo imaginário oposto ao mundo real. E o trabalho que realiza dissensos, que muda os modos de apresentação sensível e as formas de enunciação, mudando quadros, escalas ou ritmos, construindo relações novas entre a aparência e a realidade, o singular e o comum, o visível e sua significação (RANCIÈRE, 2012, p.64).

Ao mesmo tempo em que existe a possibilidade de certa democratização da experiência, transgredindo as hierarquias entre sujeitos, acontecimentos, percepções e encadeamentos que governavam a ficção clássica, relaciono a essa prerrogativa o

divórcio cultural, indicado por Pêcheux (1990), entre o “literário” e o “científico”, a respeito da leitura, uma oposição bastante suspeita em si mesma por sua evidência, que recobre uma divisão social do trabalho de leitura, inscrevendo-se numa relação de dominação política: a alguns, o direito de produzir leituras originais, constituindo, ao mesmo tempo, atos políticos; a outros, a tarefa subalterna de preparar e de sustentar, pelos gestos anônimos de tratamento dos documentos, as ditas interpretações.

A cultura literária, quanto a sua familiaridade com o escrito, transporta consigo evidências de leitura que atravessam a materialidade do texto, muitas vezes tido como linguisticamente transparente, sobretudo nos casos dos historiadores e filósofos. O caso dos poetas, romancistas, escritores é diferente, na medida em que, não tendo necessidade da pura narração/descrição de um pensamento, eles podem habitar a sua língua sem se contentar em marcar e reconhecer nela aparições/desaparecimentos de palavras, funcionando como menções, referências ou designações.

Julgo importante para a temática do portunhol selvagem tratar desse estatuto da língua escrita, abordando, no interior do discurso, seu limiar um tanto diferente das práticas de oralidade, justamente porque a escrita proporciona à língua e ao sujeito um lugar específico, e a esfera da escrita artística é também essa esfera da permanência material, a qual traz consigo o caráter atemporal do arquivo, com valor de documento e arte, ao mesmo tempo em que se coloca como um lugar elitizado. É inerente a esta tese reconhecer e problematizar o funcionamento da língua escrita, uma vez que o objeto de pesquisa é marcado por contradições e tem como característica materializar parte da ordem da oralidade na escrita, colocando em xeque padrões oficialmente estabelecidos, ao desestabilizar um tipo de patrimônio material. E, ainda em meio a toda autoafirmada resistência, o sujeito do portunhol selvagem reconhece uma diferença de funcionamento e importância entre fala e escrita: “Digo que [o portunhol selvagem] es um habla y es una escritura de las mais hermosas de tutti la gluebolândia (DIEGUES, 2009).

Proponho também o contraste defendido por Auroux (1992) entre a forma espontânea como se aprende a falar e a necessidade de aprender, de modo especial, um sistema de escrita: não basta escrever o que falamos, é outra ordem, quando escrevemos estamos em outra esfera, esta, por sua complexidade, mostra-se como

convencionalmente superior à oralidade, tão espontânea. A palavra escrita se mistura tão intimamente com a palavra de que é imagem, que acaba, muitas vezes, por usurpar-lhe o papel principal (DERRIDA, 2008, p.44). Desse modo, uma escrita na qual se insere a antepimeira língua, acaba exprimindo todo um conteúdo de contradição social e histórica.

Por outro lado, em uma perspectiva discursiva, segundo Orlandi (2001, p.204), “a escrita é uma forma de relação social”, sendo a letra o traço da entrada do sujeito no simbólico, traço que marca o sujeito enquanto sujeito, em sua possibilidade de autoria, frente à escrita”. Pelo processo da escrita, o sujeito ocupa determinadas posições-sujeito, inclusive a de sujeito da atividade poético-literária. Agustini e Grigoletto (2008) defendem que o sujeito busca, especialmente na escrita de si, uma maneira de construir sua identidade, através da memória e das relações de identificação com o outro, num constante movimento entre a singularidade e a alteridade.

Acredito, assim, que a noção de que o portunhol selvagem é uma união de línguas pode dar uma ideia de caráter universalizante desta nova língua, porém, simultaneamente, ao produzir um texto em portunhol selvagem, o sujeito constrói sua língua particular, sendo singularizado na escrita. Essa escrita produz um lugar discursivo de sujeito, ela funciona também como espaço de articulação entre língua, história, discurso e sujeito. Quando se escreve, a alteridade se impõe à linearidade discursiva instituída (AUGUSTINI; GRIGOLETTO, 2008). Pensar a originalidade enquanto um aspecto relativo ao inusitado, ao atualizado, é compreender o autor como aquele que faz literatura, como uma forma-sujeito que, ao transgredir via escrita certa ordem instituída, se corporifica nessa mesma escrita, dando o efeito de sentido de singularização. A escrita, conseqüentemente, não pode ser separada nem da história nem do sujeito, uma vez que nela se materializam os fios da história, os quais determinam os modos de subjetivação do sujeito.

No entanto, incide vigorosamente na língua escrita o que Orlandi (2008, p.177) denomina “modelização”: a projeção da língua imaginária (a que tem como ponto de referência a sistematicidade, a escrita, a gramática) sobre a língua fluida (a que se faz no movimento, na prática, na mudança contínua). Ir contra essa dinâmica, especialmente de modo poético, é uma maneira de resistir. Algo que pode configurar como motivação dessa resistência é o processo de homogeneização característico

desde as práticas escolares em relação ao escrever, imposto como tarefa a cumprir ainda que, muitas vezes, não ocorra de modo significativo para o sujeito. Assim sendo, como entende Derrida (2016, p.32), a escrita joga, no sujeito, uma relação entre o que da língua lhe é familiar (materna/casa) e, ao mesmo tempo, estranho (nacional/oficial), a escrita, muitas vezes, precisa apelar-se de memória. O portunhol selvagem é o resultado poético, ou seja, construído e trabalhado, de uma língua viva de memória e de afeto, originando-se continuamente da contradição quanto às suas condições de produção.

### 2.3 PRÁTICAS POÉTICAS E PRÁTICAS POLÍTICAS

A questão da língua, historicamente, é também uma questão de Estado, com uma política de invasão, de absorção e de anulação das diferenças. Como afirmam Gadet e Pechêux (2004), toda língua é afetada por uma divisão, figurada entre o correto e o incorreto, que se sustenta pela existência de um impossível inscrito na própria ordem da língua. Sob um ponto de vista materialista, há um desafio político na língua, assentado na existência de um real na história e na percepção desse real como contradição, em função das determinações históricas das condições materiais do discurso. A partir disso, é possível falar em discursividade, isto é, o efeito da língua sujeito à falha e ao equívoco, que se inscreve na história. **O real da língua não é costurado nas suas margens como uma língua lógica, ele é cortado por falhas.** A irrupção do equívoco afeta, assim, o real da história, o que se manifesta pelo fato de que todo processo revolucionário atinge também o espaço da língua.

Ainda, para Gadet e Pêcheux (2004), os conceitos de língua mãe e de uma língua ideal constituem duas modalidades fundamentais sob as quais o real da língua finge sê-lo, falando pelo viés da loucura, sendo o equívoco e a falha constitutivos da existência e do funcionamento do sujeito e do sentido. Quanto à atividade poética do portunhol selvagem, assim como os referidos autores, prefiro tratar de plasticidade da língua, não de poesia, porque o que afeta e corrompe o princípio da univocidade na língua não é localizável nela, o equívoco aparece exatamente como ponto em que o

impossível linguístico vem aliar-se à contradição histórica, o ponto em que língua atinge a história:

Liberar o nonsense e suportar sua irrupção no pensamento não é ceder a uma reivindicação em favor dos “direitos da poesia”, é responder a uma profunda necessidade política de movimento revolucionário e da reflexão marxista: o último remédio, talvez, contra a estupidez (GADET; PÉCHEUX, 2004, p.117).

A manifestação do equívoco na língua é caracterizada como prática revolucionária e política, esse é um dos movimentos observáveis nos efeitos de sentido e na significação da atividade poética do portunhol selvagem. Existem muitos modos de significar, e a matéria significante tem plasticidade, é plural. Como os sentidos não são indiferentes à matéria significante, a relação do sujeito com os sentidos se exerce em diferentes materialidades, em processos de significação diversos, como a escrita, por exemplo. A matéria significante afeta o gesto de interpretação, dando uma forma a ele (ORLANDI, 1999). A partilha poético-literária proporcionada pelo portunhol selvagem determina uma forma de experiência específica, em conformidade ou em ruptura com outras: uma forma específica de visibilidade, uma modificação das relações entre formas sensíveis e regimes de significação.

A entrada da significação coloca para a língua, segundo Guimarães (2005), um sujeito psicológico que faz com que o sentimento de quem fala seja significado. As palavras não significam em si, é a discursividade que significa. Quando uma palavra significa, sua interpretação deriva de um discurso que a sustenta, que a provê de realidade significativa. Sendo a língua compreendida como ordem significante, capaz de equívoco, de falha, de deslizes, o sistema significante é considerado como investido de sentidos, de espessura material e o equívoco é condição do significar. O processo discursivo faz o texto significar, sendo o sujeito o lugar de significação historicamente constituído.

Com isso, os gestos de interpretação incidem sobre a relação entre processos de significação que acontecem num texto. Esses processos são função da

historicidade – da história do sujeito e do sentido do texto enquanto discurso (ORLANDI, 1995, p. 114). O trabalho das condições de produção quanto ao texto nunca é empírico, mas histórico e político, submetido às exigências da materialidade linguístico-discursiva e à relação do simbólico quanto ao imaginário.

Novamente, estou no âmbito de um funcionamento político, uma vez que o político se encarrega do que é visto e do que se pode dizer sobre o que é visto, de quem tem competência para ver e qualidade para dizer, das propriedades do espaço e dos possíveis do tempo. A política, antes de ser o exercício de um poder ou uma luta pelo poder, é o recorte de um espaço específico de ocupações comuns; é o conflito para determinar os objetos que fazem ou não parte dessas ocupações, os sujeitos que participam ou não delas.

Valho-me de um postulado de Rancière (2005) para tratar desta questão de política e arte no funcionamento do portunhol selvagem: **“O real precisa ser ficcionado para ser pensado”** (p.58). Do efeito de indiferença no que diz respeito a regras e normas totalitárias de que se apodera o movimento encabeçado por Diegues, é observável o funcionamento do político também na arte. A política e a arte, assim como os saberes, constroem suas ficções, rearranjos das materialidades, das relações entre o que se vê e o que se diz, entre o que se faz e o que se pode fazer. A discursividade política ou literária faz efeito no real, faz uma trajetória entre o visível e o dizível, relações entre modos do ser, modos do fazer e modos do dizer.

A política da arte repousa sobre o paradoxo originário dessa “liberdade de indiferença” que significa a identidade de um trabalho e de uma ociosidade, de um movimento e de uma imobilidade, de uma atividade e de uma passividade, de uma solidão e de uma comunidade (...). O projeto de realizar realmente aquilo que a política realiza apenas aparentemente: transformar as formas da vida concreta, enquanto a política se limita a mudar as leis e as formas estatais (RANCIÈRE, [2005] 2010).

A ideia de uma política da arte é, portanto, bastante distinta da ideia de um trabalho que visa tornar as frases de um escritor, as cores de um pintor ou os acordes de um músico adequados à difusão de mensagens, ou a produção de representações apropriadas a servir uma causa política: a arte faz política antes que os artistas o façam (RANCIÈRE, [2005] 2010). Sobretudo, a arte faz política de um modo que



parece contradizer a própria vontade dos artistas de fazer – ou de não fazer – política em sua arte. Ela produz, assim, formas de reconfiguração da experiência sensível que são o terreno sobre o qual podem se elaborar formas de subjetivação políticas que, por sua vez, reconfiguram a experiência comum e suscitam confrontos artísticos atualizados: porque o dissenso está no cerne da política, a arte acaba por tocá-la. Movimento semelhante pode ser conferido no discurso do sujeito, em e sobre portunhol selvagem:

Dizem que eu defendo la bandeira del portunhol selvagem. Bom, nunca he defendido ninguma bandeira del portunhol selvagem. Primeiro porque el portunhol selvagem non tem bandeira. Segundo porque non tem segundo. Escrevo textos, relatos, poemas, sonetos, haicais em portunhol selvagem. Mas non defendo puerra ninguma nem acho que fazer literatura seja um trabalho mais importante do que o trabalho dos que limpam la city morena juntando el lixo que los civilizados produzem todos los dias. Quando comecei a escrever em portunhol selvagem solo queria me divertir. Apesar de ser uma atitude política isso de non aceitar escrever na língua do Estado, de me recusar a mostrar ao Estado como escrevo bem na língua dele, nunca fiz disso algo tipo uma bandeira (DIEGUES, 2016).

Assim como postula Rancière (2012), os atos de subjetivação política redefinem o que é visível, o que se pode dizer dele e que sujeitos são capazes de fazê-lo. A arte literária produzida pelo sujeito ao mobilizar o portunhol selvagem viabiliza um fazer político em sua contradição, a qual proporciona uma reconfiguração dos efeitos de sentido e de quem pode tomar parte nesse processo discursivo. O suposto novo momento de socialidade, o novo espaço discursivo reivindicado pelo portunhol selvagem pode ser considerado utópico, por sua irregularidade; contudo, ainda consoante Rancière (2005), a utopia seria o não lugar, o ponto extremo de uma significação que rompe com as categorias da evidência. E, ao mesmo tempo, ela é a configuração de um bom lugar, de uma partilha não polêmica, onde o que se faz, se vê e se diz se ajustam exatamente, numa continuidade sensível.

### 2.3.1 A literatura e os critérios extraliterários: editoras cartoneras

Para pensar a arte de Diegues e seus pares no âmbito da literatura, penso primeiro no simbólico e na palavra sustentada pelo discurso que a provê de realidade significativa. A palavra vista como o ponto de funcionamento da atividade poético-literária, lutando contra alguns fatores de rigidez, de coação, ou de vigilância restritiva, contra uma censura. A atividade literária, de um ponto de vista normativo, está constantemente relacionada a algum tipo violação, desconstrução, perturbação, no qual podem estar incluídos jogos com a língua/linguagem, inversões sintáticas, fluxos de consciência. E, dessa perspectiva, considero a atividade poética do portunhol selvagem literatura.

Além disso – ou também por isso -, há um conhecimento do mundo e dos homens propiciado pela experiência literária, talvez não apenas por ela, mas principalmente por ela, um conhecimento que quase só a experiência literária proporciona (COMPAGNON, 2010). Sob esse prisma, também a literatura é constitutiva do portunhol selvagem, é observável que essa atividade poética decorre especialmente da perturbação, do desejo por violação, resultando em uma experiência específica. A literatura, de tal modo, pertence a uma delimitação e a uma guerra da escrita na qual se fazem e se desfazem as relações entre a ordem do discurso e a ordem dos estados:

O ser da literatura seria o ser da língua onde esta se furta às ordenações que dão aos corpos vozes próprias para colocá-los em seu lugar e em sua função: uma perturbação na língua análoga à perturbação democrática dos corpos quando só a contingência igualitária os põe juntos (COMPAGNON, 2010, p. 28/29).

Retomo, com isso, a questão da língua escrita para abordar especificamente a escrita literária. Escrever implica mais que este ato empírico, é um movimento que metaforiza uma relação entre a ordem do discurso e a ordem dos corpos em comunidade. Semelhante ao que defende Compagnon (2010), reconheço que não há escrita pura, modo próprio à linguagem literária, e a literatura existe precisamente pela falta dessa escrita pura. Sendo o portunhol selvagem literatura também por sua

capacidade de violação, de perturbação e de escrita não pura em relação à norma, questiono o que há nele que indicaria resistência a um sistema literário vigente. A resposta, ainda com base no mesmo autor, pode partir do fato de que a literatura está quase sempre imprensada entre duas abordagens irreduzíveis, uma abordagem histórica no sentido amplo – o texto como documento – e uma abordagem linguística – o texto como fato da língua, a literatura como arte da linguagem:

O sentido moderno da literatura é inseparável do romantismo, isto é, da afirmação da relatividade histórica e geográfica do bom gosto. Em oposição à doutrina clássica da eternidade e da universalidade do cânone estético. A literatura é concebida, além disso, em suas relações com a nação e com sua história. A literatura, ou melhor, as literaturas são, antes de tudo, nacionais (COMPAGNON, 2010, p.32).

Qual a nação do portunhol selvagem? Como ele pode ser considerado de “bom gosto” sem essa resposta? Ao mobilizar diferentes línguas, entendidas como maiores – no sentido de terem seu sistema e regularidades gramaticais descritos e de serem oficiais de uma nação –, o portunhol selvagem é visto como uma língua desterritorializada, questionam-se suas raízes, sua origem torna-se todas e nenhuma, todas as línguas e também todas as possibilidades dessas línguas, assim como regularmente nenhuma delas. Conforme pontua Lima (2013), por esse funcionamento específico, sua escrita redefine e tensiona as categorias de nação e de literatura nacional, uma vez que desestrutura as noções de língua única, ou de língua materna, identificação e território.

É passível de problematização também a requerida dinâmica de identificar a literatura com o subjetivo valor literário dos grandes autores, uma vez que isso, parafraseando Compagnon (2010), é negar de fato e de direito o valor dos demais romances, dramas e poemas, de modo mais geral, de outros gêneros de verso e de prosa. Todo julgamento de valor repousa num atestado de exclusão: “dizer que um texto é literário subentende sempre um outro que não é” (p.33). A literatura, nesse sentido restrito, seria somente a literatura considerada culta, sem considerar a literatura popular.

**A relatividade histórica associada a uma ideologia de unidade e, até mesmo, nacionalidade, coordenam um julgamento de valor que marginaliza o**

**portunhol selvagem sem considerar o seu funcionamento interno**, confirmando que o critério de valor que inclui um texto não é, em si mesmo, literário nem teórico, mas ético, social e ideológico, ou seja, extraliterário de qualquer forma (COMPAGNON, 2010). Conforme Alós (2012), desde as primeiras formulações da teoria literária feita pelos formalistas russos, o estranhamento perante a linguagem foi considerado um dos principais traços distintivos a separar a linguagem poética da linguagem cotidiana. Um formalismo separa a linguagem literária da linguagem cotidiana, singulariza o uso literário em relação à linguagem “comum”, algo em desencontro com a proposta do portunhol selvagem.

Por outro lado, Compagnon (2010) insiste que a literariedade (ou a desfamiliarização proposta pela literatura) não resulta dessa utilização de elementos linguísticos próprios, mas de uma organização diferente, por exemplo, mais densa, mais coerente, mais complexa, dos mesmos materiais linguísticos cotidianos. Assim, nem todos os textos literários se afastam da linguagem cotidiana e, por vezes, a própria ausência de marca é ela mesma uma marca, “o cúmulo da desfamiliarização é a familiaridade absoluta” (p.42).

Existe um processo histórico que regula o que é descartável em arte e aquilo a que é atribuído um poder simbólico, transformando-se em objeto desejado e reverenciado. Mesmo a literatura sendo anterior e maior que o mercado do livro, historicamente, um rearranjo técnico do seu material ocorre. O trabalho literário hoje é, em grande parte, orientado para as editoras e considerado em relação a um mercado do livro. Nesse processo, a ação é de trazer a obra de arte para a realização, para o ambiente social, e essa partilha é algo contínuo, é possuidora de suas próprias regras.

Contemporaneamente, é possível dizer que o processo editorial está solidamente instalado na prática literária e é constitutivo do universo urbano. O movimento portunhol selvagem tem sua própria via de trazer sua obra à esfera social, uma vez que se filia, majoritariamente, ao processo de produção e distribuição das editoras cartoneras. As editoras cartoneras são um caminho razoavelmente recente para a publicação literária, elas utilizam papelão reaproveitado para dar forma a seus livros. Trata-se de organizações que começaram a aparecer em 2003, com a criação da Eloísa Cartonera, em Buenos Aires, e tiveram sua expansão progressiva pela América Latina. Em meio à crise econômica e política da Argentina nesse período,

sem suporte financeiro para manter sua antiga editora, o poeta Washington Cucurto vislumbrou uma saída em alguns montes de entulho que cobriam as ruas: começou a fazer livros com capas de papelão, com o título e o nome do autor pintados em cores chamativas<sup>10</sup>. A Eloísa Cartonera ganhou a simpatia de leitores e atraiu para seu inventário os mais variados escritores.

Os livros cartoneros são produzidos artesanalmente com papelão proveniente de caixas descartáveis coletadas nas ruas ou comprado diretamente dos catadores por um valor superior ao oferecido pelas empresas de reciclagem. O papelão é reutilizado como capa de livro, após ser cortado e pintado à mão em oficinas ou ateliês, por meio de um trabalho de criação em equipe. Diferente do mercado editorial, que produz tudo em série, o resultado artístico das cartoneras procura ter sempre uma capa de livro diferente da outra.

Esse processo pode ser observado como um coletivo de pessoas que se reúne para fazer livros artesanais e de baixo custo, com o objetivo de resistir ao sistema mercadológico editorial, o qual encarece o valor do livro e dificulta as relações entre autor, livro e leitor. Com o valor reduzido de produção, a democratização do texto se torna substancial, e autores menos conhecidos (ou menos normativos) têm seus textos em circulação, assim como, supostamente, mais leitores conseguem adquiri-los. Isso caracteriza uma busca por relativa independência dos circuitos editoriais convencionais. O próprio Diegues é criador de uma cartonera, a Yiyi Jambo, a qual foi inaugurada em 2007 e segue a filosofia de tornar cada exemplar único e acessível. A seguir, apresento capas diferentes de exemplares de um mesmo livro de poemas publicado por editora cartonera, bem como de um momento de produção:

---

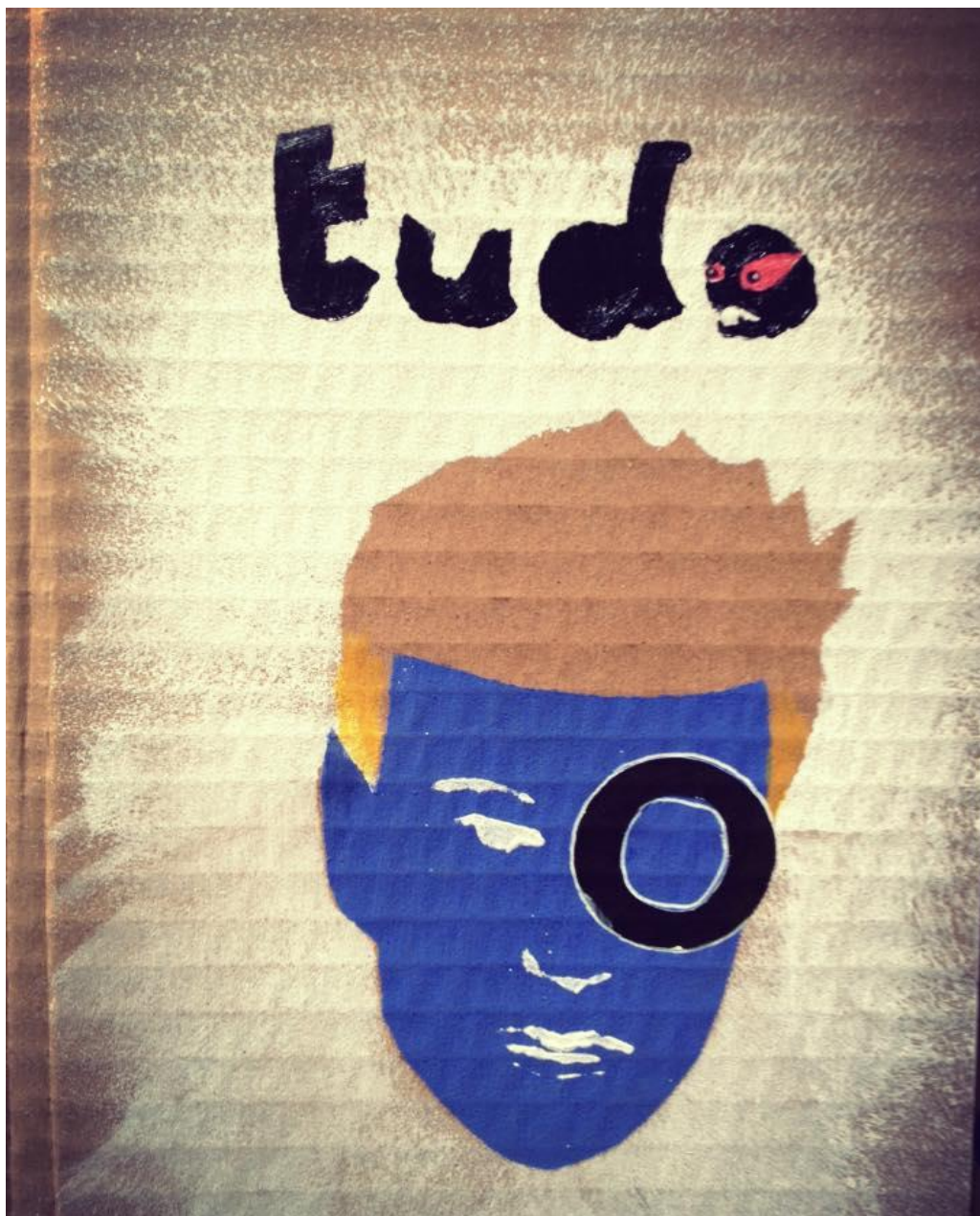
<sup>10</sup> <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/editoras-cartoneras-driblam-crise-com-papelao-material-reciclado-18927990#ixzz4ianlO0ndstest> acesso em 01 de junho de 2017

Figura 6 – Capa de papelão com ilustração exclusiva, livro de poemas de Douglas Diegues lançado em 2015 pela Vento Norte Cartonero.



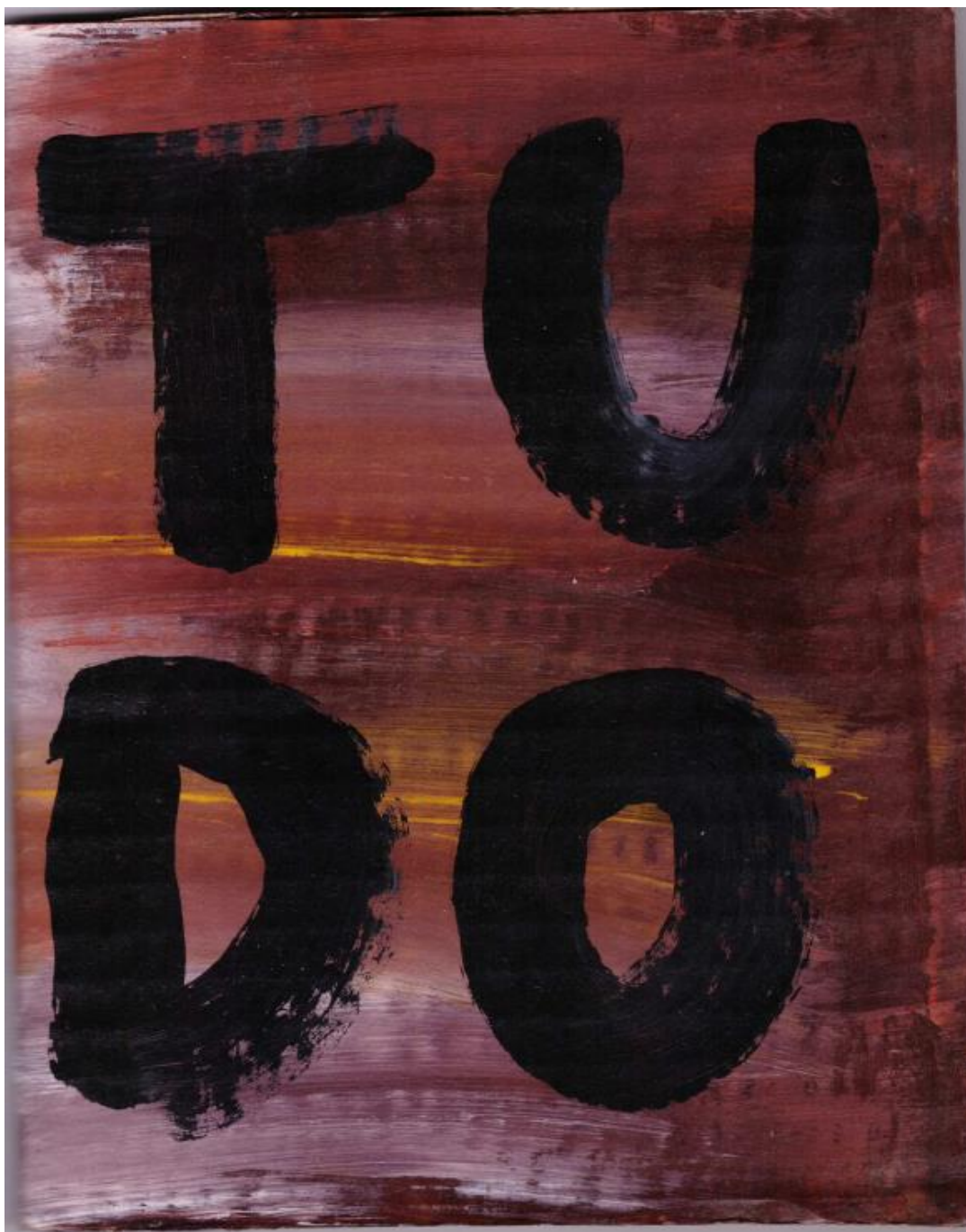
Fonte: Vento Norte Cartonero.

Figura 7: Capa de papelão com ilustração exclusiva, livro de poemas de Douglas Diegues lançado em 2015 pela Vento Norte Cartonero.



Fonte: Vento Norte Cartonero.

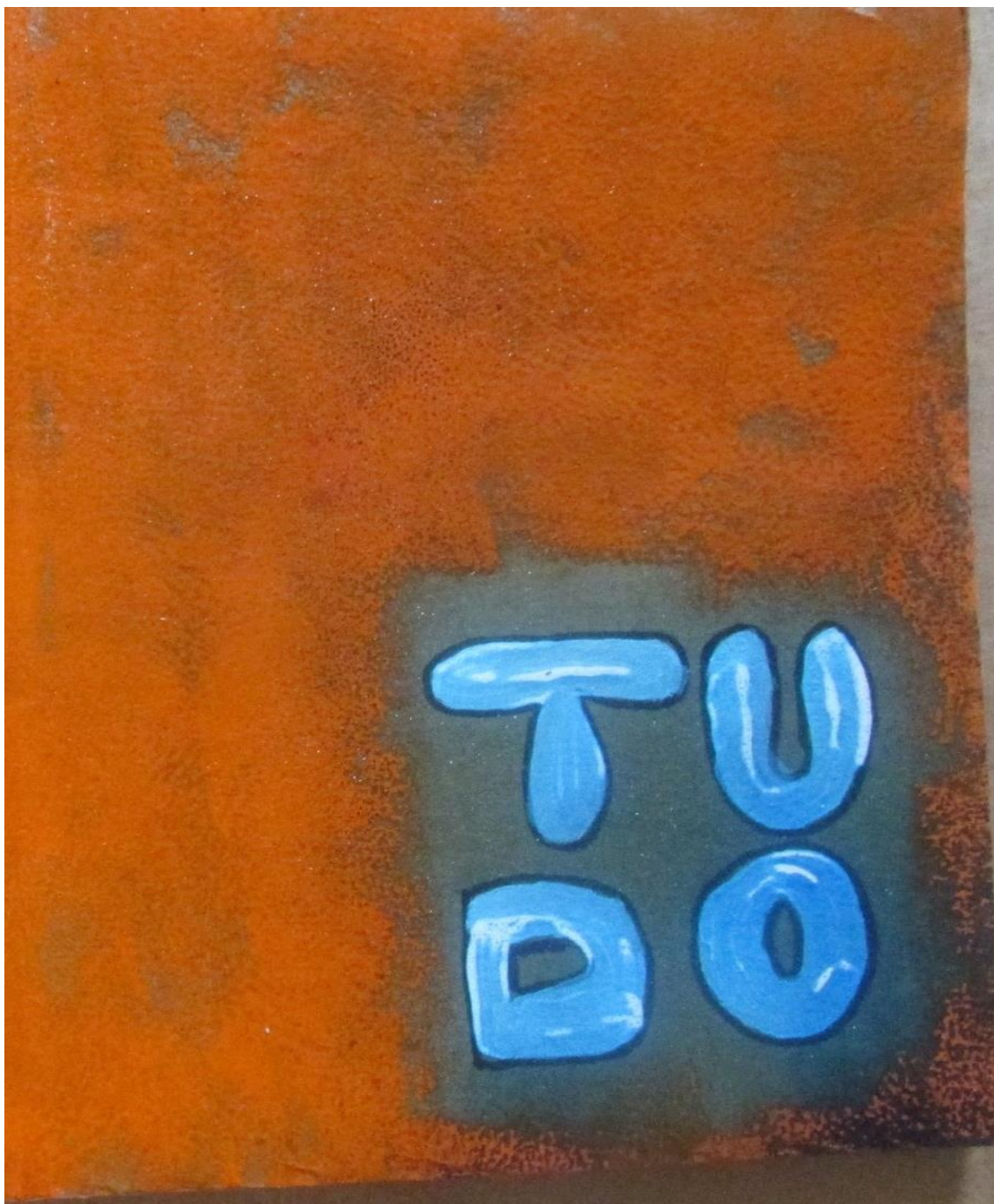
Figura 8: Capa de papelão com ilustração exclusiva, livro de poemas de Douglas Diegues lançado em 2015 pela Vento Norte Cartonero.



Fonte: Vento Norte Cartonero.

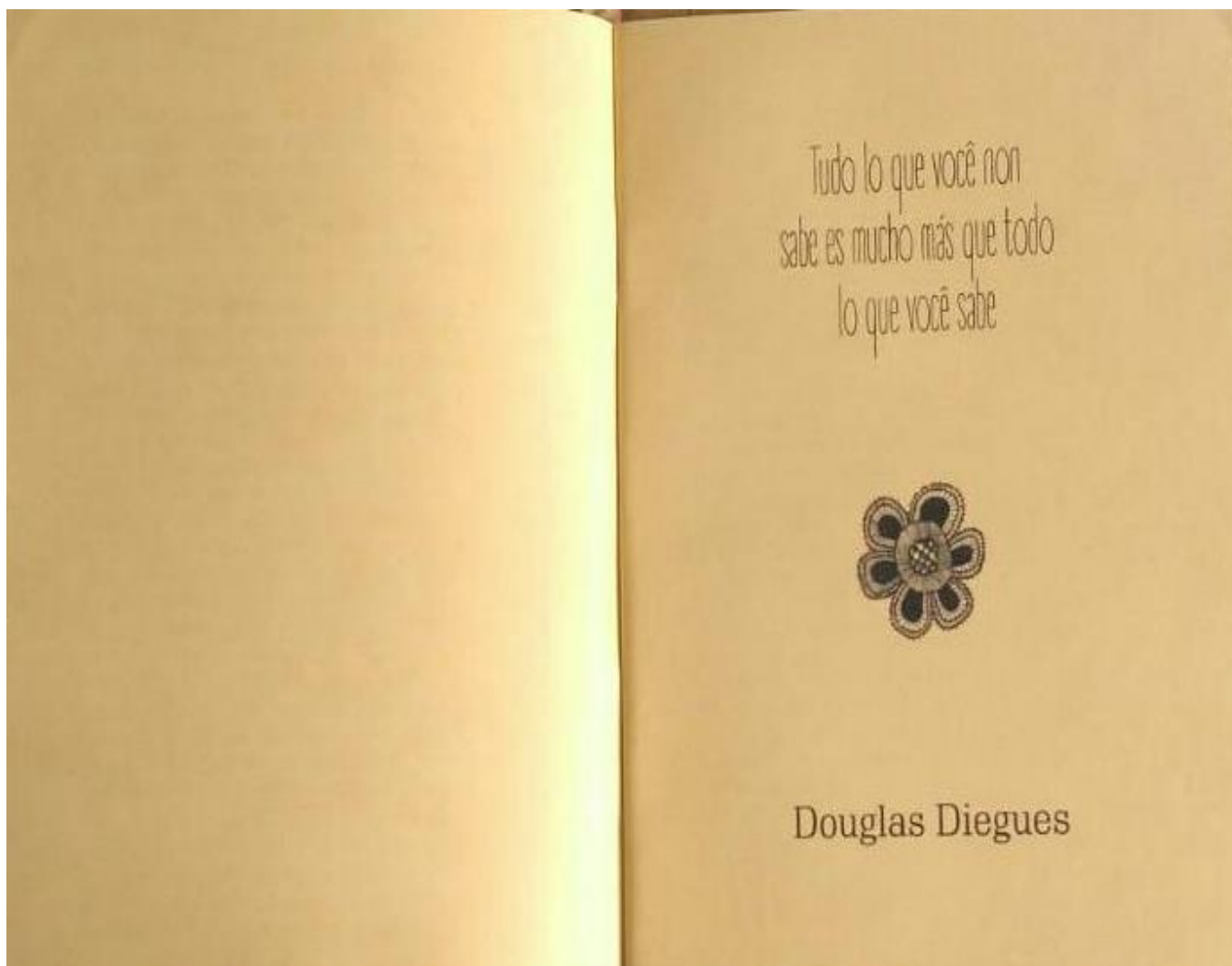


Figura 9: Capa de papelão com ilustração exclusiva, livro de poemas de Douglas Diegues lançado em 2015 pela Vento Norte Cartonero.



Fonte: Vento Norte Cartonero.

Figura 10: Interior do livro *Tudo lo que você non sabe es mucho más que todo lo que você sabe*, de Douglas Diegues, lançado em 2015 pela Vento Norte Cartonero.



Fonte: Vento Norte Cartonero.

Figura 11: Yiyi Jambo em produção



Fonte:

[https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10219445820153039&set=a.10201048478751002&type=3  
&theater](https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10219445820153039&set=a.10201048478751002&type=3&theater) Acesso em 15/09/2019

O objeto simbólico criado pelas editoras cartoneras, portanto, é uma manifestação artística como texto literário e como trabalho de Artes Visuais, trata-se de uma arte política que inclui a sustentabilidade em sua pauta, reaproveitando elementos que iriam para o lixo e contribuindo socialmente com grupos excluídos, como os catadores. De acordo com Alós (2012), da perspectiva dos estudos literários, os livros em portunhol selvagem compõem uma estética vestigial do reaproveitamento do lixo cultural, do qual brota uma nova poesia, que tira sua força justamente do seu caráter marginal e residual. Discursivamente, a especificidade de não ser algo oficializado é significativa para o portunhol selvagem, já que marca uma oposição ao centro linguístico, geográfico, ideológico; marca um lugar atualizado que quer para si esta língua, assim como o seu sujeito. O livro mais recente de Douglas Diegues (figuras acima), de 2015, foi lançado simultaneamente no Brasil e em mais seis países: Paraguai, México, Argentina, Chile, Peru e Espanha<sup>11</sup>. Isso pode ser considerado uma conquista para um escritor brasileiro e só aconteceu porque a obra circulou a partir de uma articulação às margens do mercado tradicional, tendo conseguido, apesar disso, ultrapassá-lo em distribuição.

---

<sup>11</sup> <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/editoras-cartoneras-driblam-crise-com-papelao-material-reciclado-18927990#ixzz4ianlO0ndstest> Acesso em 01JUN2016



## **MOVIMENTO III**

### **SOBRE UMA SELVAGERIA DISCURSIVA: A (IN)CÔMODA RESISTÊNCIA DO PORTUNHOL SELVAGEM**

*Si el portunhol selvagem non te liberta de la prisi3n de la vida, del c3rcere de la gram3tica normativa, del apego al nuevo acordo ortogr3fico, de la prision de la l3ngua como representaci3n del estado, la naci3n, la p3tria, el escambau etc e tal, enton el portunhol selvagem nunca valer3 puerra ninguma para usted.*

(Douglas Diegues)

O ato de resistir implica movimentos diferentes do esperado, originando atualizações quanto a certa ordem instituída. A resistência, então, é motivo de desafio para a ideologia [da classe] dominante, uma vez que pode ser responsável por transformações não desejadas no funcionamento desta. Nesta parte da tese, abordo o conceito de resistência com mais detalhamento – uma vez que este já se faz presente desde o início do texto –, como método e como discurso de insubordinação que produz sentidos outros, muitas vezes, dando visibilidade ao não visível.

Vinculado a isso, metodologicamente, trago as modalidades de funcionamento subjetivo propostas por Pêcheux para analisar e interpretar, especificamente, as contradições, falhas e equívocos no discurso resultante das entrevistas e dos poemas, em e sobre portunhol selvagem, identificando como a resistência se dá, nesse caso, por meio de determinado discurso. Interpreto os efeitos de sentido da designação selvagem e as contradições que a poética desse portunhol produz ao se colocar como resistência. Isto é, o *corpus* é mobilizado como materialidade para melhor entender e para problematizar esse processo, bem como suas formas de funcionamento. Especialmente quanto aos poemas, também os analiso e interpreto em sua plasticidade, tendo a significação como constitutiva de uma resistência poética.

### 3.1 RESISTÊNCIA: A INSUBORDINAÇÃO COMO CONSTITUTIVA DO SENTIDO

O funcionamento do poder se dá em meio a um sistema imperfeito, no qual existem pontos de resistência a esse poder. Onde há poder, manifestam-se também formas de resistência. Para Foucault ([1970] 2006), o discurso é, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, sendo difusor e produtor de poder. Deste modo, reconheço o discurso como o lugar em que são exercidos o poder e a resistência do sujeito a esse mesmo poder, pois essa relação sustenta a possibilidade de resistência, configurando uma luta contínua e multiforme, um espaço de permanente contradição.

As instituições oficiais do Estado trabalham na manutenção de um poder que preza por uma normalidade evidente ao sujeito e suas práticas (PÊCHEUX, [1983] 2006). Nesse esforço por uma coerção lógica disjuntiva, a contradição não é nunca aceita como constitutiva, mas como o impossível de se dar no mesmo lugar, ao mesmo tempo. Não é, pois, pela contraposição direta e dicotômica entre ideologia



dominada e ideologia dominante que se dá a resistência, mas na falha constitutiva da língua, e, por assim dizer, da própria ideologia.

O portunhol selvagem toma lugar numa dessas falhas que permitem sua existência, ele ultrapassa o funcionamento cotidiano, normativo e oficializado de línguas já conhecidas, **sendo, pela reconfiguração discursiva e simbólica que apresenta, a expressão de um movimento poético com força política.** A partir disso, a expectativa é de que esse movimento, por meio de sua resistência a uma perspectiva normativa e regular, legitime um lugar discursivo atualizado, com línguas que são mobilizadas sem serem necessariamente reconhecidas de modo oficial e regular.

Conforme aponta Pêcheux ([1982]1990), resistência é não entender ou entender errado; não escutar as ordens; não repetir as ladainhas ou repeti-las erradamente; falar quando se exige silêncio; falar sua língua como uma língua estrangeira que se domina mal; mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases; deslocar as regras na sintaxe e desestruturar o léxico, jogando com as palavras, como faz o sujeito quando assume acerca do portunhol selvagem: “Politicamente, es um negócio incorrecto. Sua natureza escurridiza non se deixa domesticar por uma hegemonia absoluta sobre el resto de los domínios teóricos ou akademicos. Es uma disfunción literaria incorrigíbellle. Corregírlo sería matarlo” (DIEGUES, ENTREVISTA I, ANEXO).

O sujeito do portunhol selvagem, ao retomar e forjar sua língua marginalizada na atividade poética, atualiza sentidos pré-fixados. *A priori*, uma língua sem nação e sem território não existe como tal, sobretudo como materialidade poética. A materialidade dos lugares dispõe a vida dos sujeitos e, ao mesmo tempo, a resistência desses sujeitos constitui outras posições que vão materializar novos (ou outros) lugares (ORLANDI, 2001, p. 103). O movimento aqui estudado mobiliza língua(s) na textualidade particular de uma vida possível na fronteira, o que proporciona, por meio de uma contradição e de uma reconfiguração simbólica, a construção/existência deste lugar discursivo atualizado. Os sujeitos vivem em meio a uma rede de discursos e práticas discursivas, podendo assumir posições em relação ao que os domina, quando aceitam, contemporizam ou resistem:

Es una delicia y una dádiva la gracia de poder rechazar padronizaciones, ortografías fijas, ortodoxias fonicas, ortopedias petroglificas, em beneficio dela liberdade selvagem... Liberdade de linguagem como teko eté (em guarani el modo de ser autentico, verdadero, original nel sentido que tiene uma origem própria) de la experiencia de insistir fazer literatura usando lo portuguaranhól como base, mezcla fértil de posibilidades, tercera infancia de la lengua irradiante, pero em mio caso antropofágico nel sentido oswaldreandadiensis (DIEGUES, ENTREVISTA I).

Recorrendo-se à contradição, é possível falar em reprodução/transformação. A transformação apenas é possível porque a contradição se faz sentir no ato da reprodução, por isso também posso falar na possibilidade de contradição no processo de identificação, porque o funcionamento da formação discursiva abriga a contradição e, com isso, diferentes possibilidades de tomada de posição do sujeito (cf. seção 2.1). A resistência é concomitante ao processo de interpelação do indivíduo em sujeito do discurso, sendo esse processo necessário para que haja a transformação das práticas e a instituição de outros sentidos.

Como, da perspectiva de Althusser (s.d, p. 87-88), a ideologia se materializa nas práticas rituais – mesmo que seja “uma missa pouco frequentada numa capela, um enterro, um pequeno desafio de futebol numa sociedade desportiva, um dia de aulas numa escola, uma reunião, etc” –, e esses rituais são rituais de linguagem, passíveis de falhas, há sempre a possibilidade de brechas, fissuras, espaços fugidios na interpelação. **Porque o ritual da linguagem é sujeito à falha, esta é constitutiva da língua, e é possível falar em resistência, é possível a existência do portunhol selvagem.** É a inscrição da língua na história que produz o equívoco, o qual se dá no funcionamento da ideologia e/ou do inconsciente.

Por sua vez, pelo viés do inconsciente, Pêcheux (1997) propõe a “interpelação ideológica como ritual” e reconhece também que “não há ritual sem falhas”. Por meio da referência ao lapso e ao ato falho, o autor conjectura uma origem não detectável da resistência e da revolta. É na contradição e não em um mundo unificado pelo poder de um amo e senhor (cf. seção 2.2) que posso tratar de resistência. Lagazzi-Rodrigues (1998) também afirma que a resistência é normalmente tomada como luta por mudanças – o que aponta o resistir para se chegar a algo – ou como a possibilidade de mudança nas relações marcadas pela individualização, assinalando uma

resistência a algo. Na prática discursiva, entretanto, os sentidos da resistência imbricam-se: na determinação material das forças, a luta de resistência é por mudança e contra a mudança, **a resistência deve ser considerada na contradição entre a sujeição ao poder e a luta contra o poder** (LAGAZZI-RODRIGUES, 1998). É nessa contradição que se torna possível resistir, nesse movimento de estranhamento e mudança.

É ponto pacífico, no entanto, que questionar ou resistir quase sempre implica penalidades – ainda que não haja dominação sem resistência. Semelhante ao que afirma Vidal (2016, p.74), qualquer atualização na prática discursiva pode ser tida como um “mau-discurso”, ou seja, um dizer impossível, constrangido a não mais se expressar em uma relação normalizada e normativa com a realidade, incorporando a vocação para alcançar sua perdição total. Como consequência, há a adoção de determinados interditos até mesmo por aqueles que são suas vítimas, na ilusão do sujeito enquanto origem do dizer.

Os furos, falhas, incompletudes e apagamentos nos processos discursivos, para Orlandi (2008), servem de indícios para compreender os pontos de resistência. Nessas brechas, abre-se espaço para a ruptura e há possibilidade para que os sujeitos e os sentidos venham a ser outros. A ilusão de unidade, regularidade e normatividade almejada por modelos de nação, por exemplo, funciona como um mecanismo político de segregação do outro. Então, o não reconhecimento do portunhol selvagem se dá por meio da ideologia, funciona pela dominância de práticas históricas que asseguram sua marginalização.

O discurso e a produção de sentidos do movimento selvagem são rejeitados para evitar também a historicidade que ele sustenta. A existência da chamada “selvageria” fronteiriça enfatiza as bordas, ela deve sua presença e seu modo heterogêneo à não assertividade da fronteira, ao fato de que ela está sempre suscetível à transgressão. Assimilar algo de uma fronteira, inscrever outros discursos no interior de seu discurso é arriscar o heterogêneo, o instável, o contraditório (LECOMTE, 2016, p.164), e o sujeito do portunhol selvagem busca esse risco: “Esse es el portunhol selvagem que me interessa. Uma idea que tiene un power proprio. Que non le deve nada a nadie. Que es un fenomeno de la naturaleza. El portunhol selvagem que pode brotar de los corpos” (DIEGUES, ENTREVISTA I).

De qualquer modo, essa busca por violação encontra seu lugar de funcionamento na atividade poético-literária, visto que a literatura apresenta essa possibilidade de se trabalhar em par com a transgressão da ordem linguística e/ou do simbólico. Se há dominação, há um todo contra o qual é preciso atentar, com violência, violação, anulação de regras. De acordo com o que defende Gadet (2016), **o ato linguístico não seria o objetivo principal, buscar-se-ia através dele obter certo efeito, de ordem histórica, e é dessa maneira que a literatura pode ser revolucionária: trapaceando a língua para mudar a vida.** A insubordinação torna-se um componente do sentido.

A interpelação ideológica não deixa de funcionar nessa insubordinação, ela permanece como um horizonte teórico, ao qual a resistência se coloca de forma contraditória. Esse sujeito da insubordinação é alcançado nos traços de sua contradição, de sua resistência. Pensar em ritual de linguagem é, portanto, reconhecer a resistência como constitutiva e não simplesmente como confronto-oposição entre posições que se querem divergentes. Com isso, **entendo o funcionamento do portunhol selvagem como uma prática política, poética e simbólica por meio da qual o indivíduo que vive na fronteira Brasil/Paraguai é interpelado em um sujeito identificado com um movimento poético de resistência que o representa e o qual ele representa, produzindo sentidos potencializadores de uma capacidade de luta.**

Considerando que as lutas promotoras de deslocamento ideológico intervêm na reprodução/transformação das relações históricas, assim como Zoppi-Fontana (2003), suponho as diversas possibilidades de vir a ser outro do/no discurso, as práticas de resistência que aí se inscrevem e a prática política militante. É nesse sentido que minha questão teórica aborda essa língua que significa na militância, por meio de uma resistência que tem lugar no escrito, buscando e legitimando um espaço discursivo atualizado. Não posso deixar de levar em conta o assujeitamento em suas diferentes formas históricas, concebendo não só o seu modo de domínio e eficácia, mas também as suas falhas, o que constitui um ponto crucial para a prática da resistência. Essa interpelação sempre imperfeita, esse modo de funcionamento do discurso instaura a possibilidade para a prática da resistência, uma vez que não deixa de conter um estímulo à ação política.

### 3.2 MODALIDADES DO FUNCIONAMENTO SUBJETIVO: RETOMADAS E CATEGORIAS

Retomando conceitos mobilizados inicialmente, lembro que a tríade discurso-sujeito-ideologia é o cerne da teoria da Análise de Discurso pecheutiana (AD), posição teórica que dá organicidade a esta tese. Conforme essa perspectiva, o sujeito não é fonte dos sentidos, tampouco sua relação com o real se dá de maneira inequívoca e transparente. O indivíduo passa a ser assujeitado por meio de uma interpelação, a qual é determinada por uma exterioridade ideológica, funcionando como uma mediação das relações entre os sujeitos em uma dada formação discursiva (FD). E a ideologia, por sua vez, consoante teoriza Beck (2010), atua pelo modo de uma relação imaginária que os homens têm de suas condições reais de existência.

Uma intensa preocupação nas teorizações de Michel Pêcheux relaciona-se ao não fechamento dos sentidos pela inscrição da língua na história, visto que o funcionamento ritual da linguagem diz respeito à falha como sendo constitutiva, ou seja, a interpelação é sempre plausível de falha. O estudioso, de acordo com Mariani (2003), trabalha a história como lugar contraditório em que se materializam os equívocos, pontos que afetam a univocidade linguística do sujeito, levando-o ao encontro do real histórico. A irrupção do equívoco afeta o real da história como o ponto em que o impossível vem se conjugar à contradição (PÊCHEUX, [1981] 2004, p. 62).

À vista disso, cada sujeito é capturado na linguagem, na descontinuidade do sistema significante, não ocorrendo este processo da mesma maneira para todos os sujeitos, mas, antes, ele afeta de modo interno os sentidos produzidos. As desestruturações e reestruturações resultantes disso estão sempre se manifestando na ordem do discurso, apontando, justamente, para a falta e para a impossibilidade de um assujeitamento completo e sem falhas (MARIANI, 2003). Por esse funcionamento histórico ser recebido de forma singular, ele possibilita que cada indivíduo elabore de forma diferente a mesma práxis, tornando diferenciada a subordinação ou a insubordinação às práticas ideológicas

A teorização de Michel Pêcheux em relação ao entrecruzamento de discurso, sujeito e ideologia inclui a problemática de o sujeito ter sempre um lugar de não filiação. A partir disso, mobilizo a conceituação feita pelo autor acerca de diferentes modalidades de funcionamento subjetivo. Nesta pesquisa, proponho-as como

categorias que se relacionam de modo processual e problematizam a questão de resistência do portunhol selvagem por meio do seu sujeito e seu discurso.

Na relação de desdobramento entre sujeito da enunciação e sujeito universal, de acordo com Pêcheux (1997), um sujeito que age majoritariamente em conformidade com a ideologia dominante é nomeado como um bom sujeito, este se constitui pela inscrição em dada formação discursiva, relacionada a uma determinada formação ideológica. Como a ideologia se realiza por encobrir seu próprio funcionamento, essa identificação acontece de modo inconsciente: a identificação a uma dada formação discursiva “consiste numa superposição (um recobrimento) entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal”, sob a forma do livremente consentido (PÊCHEUX, 1997, p.124). Como consequência, a discursividade do bom sujeito reflete a ideologia dominante, isto é, o interdiscurso determina a formação discursiva com a qual o sujeito se identifica.

Em resumo, esta primeira modalidade de funcionamento subjetivo é considerada uma possibilidade de assujeitamento que se constitui em concordância com as evidências das formações discursivas imbricadas com as formações ideológicas, as quais se encontram reguladas hegemonicamente pela ideologia dominante. A ideologia pecheuxtiana é provida de um funcionamento cujas regularidades determinam o que pode e deve ser dito nas formações discursivas a ela relacionadas.

Por sua vez, a segunda modalidade de funcionamento subjetivo inclui o mau sujeito, este é inconformado com uma determinada ordem estabelecida, e sua ação pode acarretar a intervenção do aparelho regulador do Estado. Essa subjetividade, a mais importante para minha análise, é marcada pela necessidade de contestar, questionar e se revoltar contra as evidências ideológicas da formação discursiva à qual está assujeitado. Pêcheux (1997) estabelece a presente modalidade como um discurso-contra, com isso, o mau sujeito teria seu funcionamento pautado pela contraidentificação em relação às evidências da formação discursiva a qual é assujeitado, sem, contudo, se desvincular totalmente “da matriz de sentidos das formações ideológicas dominantes” (p. 128). Esse sujeito luta contra a evidência ideológica, sendo essa evidência afetada pela negação. O interdiscurso continua a determinar a identificação ou a contraidentificação do sujeito com uma formação

discursiva na qual a evidência do sentido lhe é fornecida, para que ele se ligue a ela ou a rejeite.

Em continuidade com o postulado teórico pecheutiano, a terceira modalidade de funcionamento subjetivo inclui em sua atividade uma possível desidentificação quanto à formação discursiva com que o sujeito se encontra inicialmente identificado, ela se dá por meio de uma tomada de posição não subjetiva, o que oportuniza o resistir às evidências da ideologia dominante, permitindo que o sujeito desta modalidade lute contra as causas que o determinam/dominam, visto que ele as conhece e enfrenta na prática-teórica e na prática política (PÊCHEUX, 1997).

Assim sendo, é possível observar a relação processual dessas modalidades, há uma rede não estanque de posicionamentos subjetivos, a qual parte da identificação, passa pela contraidentificação e pode ir até a desidentificação (BECK, 2010). Para que se constitua a terceira modalidade, a segunda – contraidentificação – é um primeiro movimento necessário. Além disso, conforme avança Beck (2010), a terceira modalidade necessita, para funcionar, da mediação de um dispositivo político e de uma teoria científica, sendo compromisso da vanguarda intelectual e política difundir a teoria no interior de um movimento de resistência.

A modalidade do sujeito desidentificado é também articulada por Indursky (2002) com o conceito de acontecimento discursivo, isto é, nascimento do novo. A terceira modalidade acarretaria um assujeitamento a uma nova formação discursiva, sendo esta imbricada com uma ideologia antagônica à dominante. O antagonismo e a desidentificação implicam relativa independência e um funcionamento de modo diverso da ideologia dominante. Para haver algum tipo de abalo à hegemonia da ideologia dominante, é preciso, entretanto, um avanço do processo de transformação com a consequente alteração nas relações de forças políticas e ideológicas.

Em relação ao portunhol selvagem, venho destacando, ao longo deste texto, que ele visa desmontar uma estrutura na ordem do simbólico, conforme exemplifico melhor nas seções especificamente analíticas e interpretativas a seguir, as quais se relacionam também às modalidades do funcionamento subjetivo.

# PRIMEIRA PARTE

## POEMA I

*sin casa própria – sin belleza comercial – sin apoio da usp da vitae da varig da puc  
da nasa  
y além disso – com el nombre no SERASA  
el artista selvajem está solinho  
neste mundo cada vez más mesquinho  
sem orgulhos idiotas sem idiotas vanidades  
cruzando pequenas médias y grandes ciudades  
el artista selvagem está solinho  
mas nem por isso fica se lamentando como um passarinho viadinho*

Glossarioncito selvático

Solinho = sol + solito + sozinho.

(Fragmento de soneto extraído do livro *Uma Flor.*, Eloisa Cartonera, 2005)



### 3.3 MOVIMENTOS DE SELVAGERIA: UMA BUSCA PELA CONTRAIDENTIFICAÇÃO

No início de meu percurso de pesquisa, pensei em considerar apenas o discurso **em** portunhol selvagem, diretamente na sua manifestação poético-literária, para realizar a presente investigação; contudo, com a evolução do trabalho de tese, pareceu-me mais relevante abordar o discurso **sobre** e **em** portunhol selvagem, independente do suporte textual. Tal ideia se organizou depois da leitura de algumas entrevistas concedidas por Douglas Diegues, uma vez que, nessas ocasiões, expressa-se sempre por meio do portunhol selvagem para falar sobre o portunhol selvagem: “Prefiro responder vostras perguntas em mio portunhol selvagem michi miri. Me expresso mejor em portuñol selvagem miri michi. Y me expresso mejor por escrito. Avanti (DIEGUES, ENTREVISTA I, ANEXO)”. A partir disso, escolhi esse discurso como um exemplo do que é desenvolvido pelo sujeito que se identifica com a língua portunhol selvagem e nela se constitui como tal.

Nas entrevistas, então, a resistência se daria duplamente, ao divulgar o movimento poético – falando sobre ele – e ao marcar a posição de usar sua própria língua para isso. Escolhi, como **objeto analítico**, três entrevistas e não outras por suas condições de produção, a língua portunhol selvagem circulando em um periódico científico, em um blog cartonero, e em um site cultural que alcança os mais variados públicos. Esse alcance tão variado e o reconhecimento do portunhol selvagem como arte poético-literária pelas três entrevistas já é uma contradição em relação a uma língua *a priori* marginal. Além disso, no discurso presente em todas elas, há a reiteração do conceito e da história do portunhol selvagem, retomando a questão escrita e política do movimento poético.

A Entrevista I, “Corregirlo seria matarlo”, foi conduzida por professores universitários e publicada na Revista abehace, em 2012, esta se trata de um periódico científico da Associação Brasileira de Hispanistas. A Entrevista II, “Translidação Selvagem”, foi publicada em 2016 pelo blog da editora Malha Fina Cartonera, um selo independente que segue a linha de publicar livros de papelão de forma popular. A Entrevista III, “Douglas Diegues”, foi publicada em 2009, na Revista Eletrônica Digestivo Cultural, dita uma referência em matéria de jornalismo cultural na internet brasileira desde 2000. Nessas formas materiais, a partir do recorte de determinadas

sequências discursivas, desenvolvo minha questão analítica, baseada na contradição que se mostra no **discurso em e sobre** o portunhol selvagem.

Isso posto, o primeiro aspecto a que eu chamo atenção em relação aos exemplares aqui mobilizados como *corpus* é quanto à diferença do portunhol selvagem utilizado pelo sujeito para responder as perguntas em cada veículo. Nas Entrevistas I e III, para a revista científica e para a revista cultural, o portunhol selvagem do sujeito é bastante carregado, quero dizer com isso que há encontro intenso das línguas na sua suposta “espontaneidade”. Por sua vez, na Entrevista II, para o blog da cartonera, o sujeito mobiliza o portunhol selvagem de modo mais suave, isto é, com predominância do português e com recursos pontuais de espanhol.

Esse primeiro ponto permite inferir que a efervescência do portunhol selvagem, visto que a língua renasce de maneira singular a cada experiência, é afetada pela posição do sujeito em cada condição de produção, contradizendo, em parte, sua espontaneidade. Para a Entrevista II, o sujeito se vê em um ambiente que lhe é familiar, que reconhece, no portunhol selvagem, uma manifestação poética legítima e, mais do que isso, louvável, conforme pode ser conferido em sua apresentação:

Douglas Diegues já é um velho e querido conhecido e praticamente dispensa apresentações. Ele é um dos maiores representantes da literatura em portunhol selvagem, “la lengua mais hermoza de la triple frontera, onde cabem todas las lenguas del mundo”; tradutor e poeta e fundador da editora cartonera Yiyi Jambo, parceira da Malha Fina Cartonera (ENTREVISTA II, ANEXO).

Por outro lado, para a Entrevista I, o sujeito se prepara para fazer sua voz ecoar a partir de um lugar não confortável, lugar científico-oficial que reconhece como língua e literatura o que estabelece a ideologia [da classe] dominante:

Criado em Ponta Porã, fronteira do Brasil com o Paraguai, Douglas Diegues (Rio de Janeiro, 1965) desdobra uma língua poética que combina **erraticamente** os imaginários do portunhol e do guarani numa escrita que se pretende libertadora das instituições literário-linguísticas (APRESENTAÇÃO, ENTREVISTA I, ANEXO, *grifo meu*).

Deste modo, ao se encontrar numa esfera que vê o portunhol selvagem como uma “combinação errática”, na Entrevista I, o sujeito marca profundamente sua posição de resistência, mobilizando o portunhol de um modo especialmente “selvagem”, a tal ponto, que contamina os entrevistadores, os quais passam a se sentir com vontade de e à vontade para também utilizar tal língua: “¿Hay algún momento, alguna práctica en la que usa otras lenguas que no sea el portuñol selvage michi miri? (me imagino que puedo escribirlo así, huyendo de cualquier padronización)” (ENTREVISTA I, entrevistador).

Essas questões iniciais a respeito do *corpus* selecionado são apenas um prelúdio para começar a pensar o funcionamento da questão da resistência discursiva. Proponho considerá-la a partir da resistência subjetiva, já que é a partir do sujeito que a língua se torna discurso e é só a partir da língua portunhol selvagem que há o sujeito do movimento portunhol selvagem. Retomando os conceitos teorizados por Pêcheux quanto às modalidades do funcionamento subjetivo, destaco como se mostra a relação processual e gradativa entre identificação, contraidentificação e possível desidentificação no caso do discurso em e sobre portunhol selvagem.

Ora, a obra produzida pelo movimento portunhol selvagem já permite pensar, até mesmo pelo seu modo de produção e circulação, que esta só é possível porque o sujeito que a produz já não se identifica por completo com a ideologia que o assujeita, ou seja, o sujeito do portunhol selvagem não seria um bom sujeito. A questão desenvolvida daqui em diante, assim, tratará desse movimento de problematizar estágios de identificação e contraidentificação no discurso em e sobre portunhol selvagem.

Como e por que o sujeito, que até certo momento se identificava plenamente, tornou-se um mau sujeito, contraidentificando-se e questionando a ordem poético-literária vigente? Há, de fato, um discurso contra? A seguir, separo três sequências discursivas (SD), retiradas de respostas de Douglas Diegues (D.D.)<sup>12</sup>, para interpretar um movimento que, como evidência, daria conta de uma contraidentificação:

---

<sup>12</sup> Trascervo algumas perguntas e respostas antes de demonstrar o recorte das sequências discursivas. Contudo, as entrevistas completas encontram-se no ANEXO.

## ENTREVISTA I

**O que é que o portunhol selvagem michi mirim tem? Em que consiste, para você, a potência de dizer nessa língua e, mais precisamente, de nela dizer poesia?**

D.D.: El portunhol michi miri tem uma gracia que impacta: es bizarro, feo, bello, contudente, desprendido, menor que menor, dibertido, alucinógeno, anacronico, selvagem, civilizadíssimo, delirante, en fin... Non se trata dum portunhol encenado desde um gabinete, pero sim ouvido primeiramente en las calles de la frontera de Punta Porã (Brasil) y Pedro Juan Caballero (Paraguay), y em ñande roga mi (nossa pequena casa), onde el portunhol era la lengua mais falada por mio abuelo, la xe sy (mi madre), la empregada, los parientes que venían a comer alli los domingos kuê. La primeira lengua en la qual me he expressado quando aprendi a falar non fue el portugues nim el español nim lo guarani, mas sim el portunhol de indole selvática. Por que selvagem? Porque que brota de las selvas de mio corazon y de los corazones de los habitantes de las selvas desconocidas de la frontera del Brasil com el Paraguay. Quanto a lo de la potencia, es muy original el portunhol selvagem, es una lengua neoantigua, que existe como habla y escritura, pero non como idioma y me permite dizer cosas antiguas de forma nueva, además de permitirme hacer poesia ou prosa com um power bem mais amplo de expresiões que se escribiera limitado al português brasileiro ou al castellano paraguayo apenas, una potencia que consiste, obviamente, en selvagem y hermosísima liberdade de linguagem.

**Borges declarou em alguma oportunidade que, assim como Goethe sentia que devia lutar com o alemão para escrever poesia, ele sentia que estava condenado a escrever poesia em espanhol e que teria gostado de escrever poesia em inglês. Nesse sentido, Barthes diz que, para o escritor, a língua é da ordem do dado, uma natureza, algo que ele não pode escolher. Poderia ser pensado nesse sentido o seu portuñol selvagem, levando em conta que foi a primeira língua na qual você se expressou, ou há algo da ordem da escolha e da invenção deliberada nela?**

Yo poderia hacer um par de poses, non? Y dizer esto y aquello. Pero para mi escribir en portunhol selvagem es muy dibertido. Escribir en portunhol selvagem nunca foi algo

massante, dificultoso, aburrido. Poco importa se el portunhol selvagem me escolheu ou si yo lo he escogido. Antes de escrever em portunhol selvagem, escrebía em português brasileiro, pero he quemado uma pequena montaña de textos escritos em português brasileño. Por qué? Porque mio português brasileiro ou fronterizo ou paraguaio, como sea, sempre me ha parecido um negócio muito falso. Entón empezei a escrever em portunhol selvagem. Y me senti muy bien. Escribir em portunhol selvagem era muito mais vuelo y dibertido. Mandei mio primeiro libro ao Manoel de Barros, que é mio amigo y mio abuelo selvagem, y ele me mandou uma carta dizendo que de hecho había yo encontrado mio verdadeiro modo de ser, mio teko ete, mia escritura propia com leche personal e intransferibelle. Puedo agregar que, em materia de portunhol selvagem, non existem verdades absolutas. El portunhol selvagem es algo que segue inacabado, digamos, abierto, indomabelle. Además, pienso, non existe portunhol selvagem único. Cada um tem suo propio portunhol selvagem. Mio portunhol selvagem pode incorporar palabras de todos los idiomas que existem, indigenas, aliens, civilizados. El portunhol selvagem non tem limites!

## ENTREVISTA II

**Quase quinze anos se passaram desde seu primeiro livro, de sonetos selvagens, “Dá gusto andar desnudo por estas selvas”. De onde surgiu este projeto/conceito de escrever em (uma das variantes do) portunhol selvagem e como é mantê-la viva na fala, escritura e como “non-lengua”? Viver na fronteira com o Paraguai faz com que o portunhol selvagem também se enriqueça nesta tríplice fronteira com o guarani?**

D.D.: Eu era o editor chefe de uma página de literatura no jornal Folha do Povo, de Campo Grande, MS. A página se chamava “palavra-boá”. Publicava entrevistas e textos com poetas e escritores de todo o Brasil. Então depois de dois anos e meio, uns jornalistas caretones que assumiram a nova direção do jornal me disseram que eu era um cara que andava sempre no mundo da lua etc e tal e que eles iriam cortar a página de literatura e me estavam despedindo naquele momento. Fiquei triste, fiquei com raiva dos caras. Entonces comecei a escrever sonetos selvagens y nunca mais parei de escribirlas.

SD 1
La primeira lengua en la qual me he expressado quando aprendi a falar non fue el portugues nim el español nim lo guarani, mas sim el portunhol de indole selvática (ENTREVISTA I).
SD 2
Antes de escrever em portunhol selvagem, escrebía em português brasileiro, pero he quemado uma pequena montaña de textos escritos em português brasileiro. Por qué? Porque mio português brasileiro ou fronterizo ou paraguaio, como sea, sempre me ha parecido um negócio muito falso. Entón empezei a escrever em portunhol selvagem. Y me senti muy bien (ENTREVISTA I).
SD 2
Eu era o editor chefe de uma página de literatura no jornal Folha do Povo, de Campo Grande, MS. A página se chamava “palavra-boa”. Publicava entrevistas e textos com poetas e escritores de todo o Brasil. Então depois de dois anos e meio, uns jornalistas caretones que assumiram a nova direção do jornal me disseram que eu era um cara que andava sempre no mundo da lua etc e tal e que eles iriam cortar a página de literatura e me estavam despedindo naquele momento. Fiquei triste, fiquei com raiva dos caras. Entonces comecei a escrever sonetos selvagens y nunca mais parei de escribirlos (ENTREVISTA II).

A língua nacional, muitas vezes tida como a materna, não é natural, nem sempre facilmente própria para o sujeito. A partir da SD 1, retomo o conceito de antepimeira língua teorizado por Derrida (2016), aquela afetiva, na qual, em primeiro lugar, o sujeito se constitui como tal. Ela é pré-oficial, de casa, da vida – não do Estado. Isso ocorre, pois, antes mesmo do nascimento, os seres históricos são submetidos à ação ideológica, essa primeira abordagem geralmente é feita através dos membros da família nuclear. A presença dessa língua ameaça a frágil e falsa unicidade simbólica e linguística nacional, visto que pode sempre correr o risco de se tornar ou de querer se tornar uma língua tão relevante quanto as oficializadas. Com isso, o

portunhol selvagem é visto de modo até ameaçador por seu atrevimento de integrar o espaço privilegiado e legitimado da língua escrita: uma escrita poética na qual se insere a antepimeira língua exprime todo um conteúdo de contradição histórica.

A artificialidade que funciona por meio de uma ideologia dominante - a qual supõe unidade e regularidade em relação a línguas e culturas -, na vida fluida, não é significativa como gostaria. A não identificação volta a aparecer na SD 2, que aborda também alguns questionamentos feitos pelo mau sujeito: “Por que esses textos na língua nacional e oficial não ficam esteticamente bons para mim? Por que devo seguir criando por meio de uma língua em que não me sinto totalmente à vontade?”. Há o movimento de teste, de experimentação de possibilidades possíveis fora do que está posto, ilustrando um processo de desmascaramento do “amo e senhor” (cf. 2.2), ou seja, da ideologia [da classe] dominante.

A SD 3, por sua vez, carrega o efeito de sentido de um sujeito plenamente identificado que, pelos desvios e falhas na interpelação ideológica, tem sua contraidentificação fortalecida. Essa sequência, retirada da Entrevista II, acentua uma quebra na escrita com a entrada do portunhol no nível da palavra (caretones) e da frase (Entonces comencei... y nunca mais parei de escribirlos). O posicionamento atualizado do mau sujeito insere expressões na sua língua poética, ou seja, aquela que mobiliza mais de uma língua. Observa-se a possibilidade de funcionamento da modalidade estabelecida por Pêcheux (1997) como um discurso-contra, o mau sujeito contraidentificado em relação às evidências das formações discursivas a qual é assujeitado, sem, contudo, se desvincular totalmente “da matriz de sentidos das formações ideológicas dominantes”.

Jogar com as palavras, trapacear a língua, inverter ordens sintáticas fazem parte da constante violação que é, de um ponto de vista normativo e formalista, constitutiva do fazer literário, vide, por exemplo, Manoel de Barros e Guimarães Rosa. A atividade literária, de certo modo, está constantemente relacionada a uma violação, ou, conforme Compagnon (2010), a uma perturbação na língua análoga à perturbação democrática dos corpos quando só a contingência igualitária os põe juntos. Assim, não são apenas essas características de violação que fariam do sujeito identificado ao movimento portunhol selvagem contraidentificado com a ideologia dominante em relação à produção literária. Este sujeito, supondo-se origem do seu dizer, espera um passo a mais.

Primeiro, ele não é produtor de uma língua nem de uma literatura exclusivas de uma nação. Ao mobilizar diferentes línguas, supostamente maiores por apresentarem um sistema e regularidades gramaticais descritíveis, além de serem oficiais de uma nação, o portunhol selvagem torna-se uma língua desterritorializada, questionam-se suas raízes, sua origem vem a ser todas e nenhuma, todas as línguas e também todas as possibilidades dessas línguas, assim como regularmente nenhuma delas. Novamente, análogo ao que pontua Lima (2013), essa escrita redefine e tensiona as categorias de nação e de literatura nacional, visto que desestrutura as noções de língua única, língua materna, língua oficial, identificação e território.

Além disso, a distribuição dos livros em portunhol selvagem não se dá por meio do mercado editorial como tradicionalmente conhecemos, e sim por uma via específica de trazer sua obra à esfera social: filia-se ao processo de produção e distribuição das editoras cartoneras. A relatividade histórica juntamente com uma ideologia de unidade e de nacionalidade, como consequência, implicam um julgamento de valor que marginaliza o portunhol selvagem, não levando em conta o seu funcionamento interno, atestando que o sistema de valor que inclui ou exclui um texto quase nunca é literário ou teórico, mas sobretudo ético, social e ideológico, ou seja, extraliterário. Tais observações ajudam a pensar o processo de contraidentificação que constitui a resistência política e poética do portunhol selvagem.

Tendo por base a relação processual e gradativa entre as modalidades de funcionamento subjetivo, exploro a possibilidade de contraidentificação e desidentificação do sujeito do portunhol selvagem, indicando esse movimento, inicialmente, pela marca linguística da negação como recurso de conceituação, por meio de um recorte de determinadas sequências discursivas. Quando o sujeito luta contra a evidência ideológica, essa evidência acaba por ser afetada pela negação. O sujeito desidentificado, conforme já abordado (cf. seção 2.2), toma nova posição, inscrevendo-se em outra formação discursiva, de ideologia antagônica. A terceira modalidade de funcionamento subjetivo inclui em seu funcionamento essa desidentificação quanto à formação discursiva com que o sujeito se encontra inicialmente identificado, ela se dá por meio de uma tomada de posição não subjetiva, o que oportuniza resistir às evidências da ideologia dominante. O sujeito desta



modalidade luta contra as causas que o determinam/dominam, causas estas que ele conhece e enfrenta na prática-teórica e na prática política (PÊCHEUX, 1997).

O nascimento do novo, articulando-se a identificação ao conceito de acontecimento discursivo, seria um lugar para funcionar o portunhol selvagem, visto que o movimento se apresenta como uma novidade ao convencional no fazer poético-literário contemporâneo. A terceira modalidade acarretaria um assujeitamento a uma nova formação discursiva para a poética selvagem, sendo esta imbricada com uma ideologia antagônica à dominante, a normativa e regular. A contraidentificação, a desidentificação e a resistência implicam certa independência e um funcionamento de modo diverso da ideologia dominante, contudo, essa atualização não significa que o sujeito não é mais interpelado pela ideologia.

Segundo Pêcheux (1997), a interpelação ideológica, em casos de contraidentificação/desidentificação, continua a funcionar, porém, de modo contrário, ou seja, age contra e sobre si mesma, conferindo sustentação a uma prática atualizada, já que os saberes que compreendem uma determinada forma-sujeito não respondem mais à "necessidade de constituição dos interesses, dos objetivos antagônicos que permeiam o modo de produção/reprodução/transformação das relações de produção" (ZANDWAIS, 2003). Deste modo, é importante frisar que o sujeito não se torna livre no processo de contraidentificação/desidentificação, o que ocorre é o deslocamento de uma forma-sujeito para outra, isto é, mesmo ele se desidentificando com determinados saberes, é apenas para imediatamente identificar-se com outros, inscrevendo-se em uma nova forma-sujeito e, por conseguinte, em uma nova formação discursiva.

Isso não presume o apagamento total dos saberes com os quais ele está se desidentificando, o que é anterior continua ressoando, fazendo eco nessa forma-sujeito atualizada na qual o sujeito se inscreveu e que também está determinada social, histórica e ideologicamente. Então, o próprio movimento de não identificação do sujeito do portunhol selvagem com a ordem vigente já supõe a determinação deste por outra formação discursiva que o domina, na qual continuam a ressoar os saberes anteriores, ainda que pelo viés do esquecimento, é esta ordem e essa possibilidade de um lugar atualizado que estão sendo explorados nesta tese.

### 3.3.1 A selvageria de não ser: a negação.

O sujeito contraidentificado, em luta contra a evidência ideológica, tem essa evidência afetada pela negação, uma negação imperiosa que precisa deixar claro algo que se é, ou seja, uma negação que busca uma afirmação, ao mesmo tempo em que carrega consigo outros e muitos sentidos. Quero pensar o funcionamento de recurso semelhante em relação ao discurso simultaneamente sobre e em portunhol selvagem, a sua necessidade de não ser algo. As sequências discursivas selecionadas das entrevistas para esta parte de minha análise marcam quatro pontos importantes em que o sujeito do movimento poético busca conceituar a sua língua por meio da negação, isto é, até para ser, ela não é. **Esta língua precisa do efeito de sentido da liberdade, precisa não ser para resistir, seu “não” revela sentidos outros em sua contraidentificação.** Além disso, o próprio portunhol selvagem indica apenas uma referência possível pelo seu “não”, a ideologia [da classe] dominante.

O sentido compreendido como efeito não é algo que resulta do enunciado em si, mas da relação de pertencimento que este mantém com sentidos já produzidos, reconhecidos historicamente. Em minha interpretação, o ato de negar não é concebido como mera marca linguística, mas sobretudo discursiva, pois tomo a história como algo desde sempre imbricado na língua. Essa perspectiva discursiva implica entender que as sequências discursivas de negação são afetadas por uma exterioridade que atravessa a materialidade significante, erigindo as contradições ideológicas, e, nesse interdiscurso, há uma afirmação. Courtine (2009), de modo análogo, trata do conceito de negação nos estudos discursivos, ponderando sobre o modo como, em uma mesma materialidade linguística, linearizada no fio do dizer, podem coexistir enunciados pertencentes a formações discursivas até mesmo antagônicas.

Assim sendo, a partir de delimitações no *corpus*, interpreto as seguintes possibilidades discursivas: A) O portunhol selvagem não existe; B) O portunhol selvagem produz uma literatura não oficial; C) O portunhol selvagem não tem limites; D) O portunhol selvagem é um não movimento.

### A) O portunhol selvagem não existe.

Da janela do meu quarto, posso assistir à movimentação intensa no estacionamento de uma grande rede de “fast food”. Ali, principalmente nas noites de sexta-feira e sábado, testemunho a grande movimentação de jovens – majoritariamente brancos, de classe média – festejando, bebendo, comendo, cantando.... Enfim, divertindo-se madrugada a dentro. Na manhã do dia seguinte, da mesma janela, desde muito cedo, vejo uma mulher jovem e negra, com o uniforme da rede, juntando a grande quantidade de lixo deixada pelos jovens na madrugada anterior, para que mais um dia recomece. Nova noite vem, e os jovens, ao retornarem ao estacionamento, encontram-no limpo. Observando essa rotina, posso constatar que, para aqueles jovens, a mulher que faz a limpeza não existe. Eu a vejo, ela trabalha ali, mas na esfera noturna do divertimento, é inexistente. Quando eles chegam ao lugar no dia seguinte, tudo está limpo como num passe de mágica. Esse exemplo empírico ilustra como se dá com quem está à margem: há uma existência seletiva.

De maneira similar, o sujeito do portunhol selvagem propõe a língua por ele mobilizada, ela é sua, mas ao mesmo tempo não existe. Por quê? Para quem? A fim de realizar essa interpretação, destaco as seguintes SDs:

SD 1
<b>Non</b> se trata dum portunhol encenado desde (de) um gabinete.
SD 2
Sua natureza escurridiza <b>non</b> se deixa domesticar por uma hegemonia absoluta sobre el resto de los domínios teóricos ou acadêmicos.
SD 3
Es uma lengua neoantigua, que existe como habla y escritura, pero <b>non</b> como idioma.
SD 4
Essa lengua es uma <b>non</b> lengua neo antigua.
SD 5
(...) uma língua que <b>non</b> existe me parece ajudar a teletransportar a la version em portunhol selvagem el frescor de llamas y rocios.

## SD 6

Ela precisava me ensinar o portunhol selvagem, uma língua que **não** existe, mas que foi la língua em que sempre nos comunicamos inventando-a no calor da hora.

A partir da SD1, é possível identificar que o vocábulo “encenado” pode remeter à encenação – do português –, ou, pelo som, ao “enseñado” – do espanhol. Isto posto, esta sequência implica pensar em duas possibilidades: há línguas que são encenadas, como num teatro, num falseamento, ou ensinadas em um lugar específico – pertencentes ao que chamarei Formação Discursiva 1 (FD 1) – e há o portunhol selvagem, que se apresenta como algo diferente disso. Para que uma língua exista, oficialmente, ela precisa estar relacionada a um povo, uma nação, estar dentro dos propósitos e das propostas escolares. A língua eleita como a do Estado é a que está nos instrumentos linguísticos oficiais, é a que circula nos documentos, nas leis, é a que tem importância e validade. Entretanto, a designação da expressão idioma nacional, que, por conseguinte, produz o efeito de que se mobiliza em determinada nação uma só língua, carrega consigo mais delineamentos práticos e políticos do que culturais e discursivos.

O sujeito do portunhol selvagem não se identifica com a formação discursiva que supõe línguas oficiais, já que não vê o seu modo de mobilizar língua dentro desta possibilidade. Logo, **no interior desta formação dominante (FD 1), o portunhol selvagem não existe, é a margem que não é vista pelas visíveis e reconhecidas línguas oficiais.** Frente a essa discursividade que circula em uma outra posição-sujeito, o sujeito do movimento portunhol selvagem produz uma espécie de antecipação ao discurso da FD 1: “já sei que para você eu não existo”.

Já a negação da SD2 implica dizer que há línguas que se deixam domesticar por uma hegemonia absoluta quanto aos domínios teóricos e acadêmicos, semelhante a um animal de estimação que, para aproveitar as regalias de uma casa, tem sua natureza, de certo modo, ceifada. Novamente, observa-se a contraidentificação entre formação discursiva dominante e o posicionamento do sujeito, que se vê fora de onde julga que deveria, a princípio, estar. Uma vez que o portunhol selvagem “non se deixa domesticar por uma hegemonia absoluta”.

De acordo com a afirmação do outro na SD3, o sujeito assume a perspectiva dominante de que as línguas podem existir como idioma, ou seja, ter essa forma estanque, descolada de sua fluidez; enquanto o portunhol selvagem existe como fala e escritura, mas não há, conforme tal SD, como capturá-lo na estrutura rarefeita formal (**non** [existe] como idioma). Há a negação direta de um discurso-outro, daquilo que não se pode considerar como sendo próprio do movimento poético referido, ao mesmo tempo em que o próprio sujeito assume uma diferença entre oralidade e escrita. E isso acaba por legitimar a ideologia dominante. **O sujeito do portunhol selvagem assume que, para sua língua existir, ela precisaria funcionar como um idioma.**

A posição de não respeitar, como regra, a totalidade das frases e orações, a morfologia e a semântica de cada língua como “idioma” estanque tem como consequência a produção de uma memória atualizada, de uma prática linguístico-discursiva formada de vestígios, fragmentos, expressões e palavras articulados em variadas línguas, um mosaico composto de significações atualizadas. Contudo, o efeito de sentido dessa negação se constitui também como (re)afirmação de saberes na FD 1 (a legitimação do idioma), confirmando a resistência do sujeito no interior da ideologia, não em uma desidentificação.

Posto isso, é possível compreender por que, para o sujeito do movimento poético de resistência, o portunhol selvagem é, deve ser e quer ser uma não língua (SD4), mas isso ainda tendo como referência um conceito de língua normativo e totalitário. A FD 1 afirma: há línguas oficiais relacionadas a uma nação, estas estão inseridas em um domínio teórico e acadêmico reconhecido. O portunhol selvagem, por sua vez, corrobora essa afirmação e se coloca no interior dessa mesma FD 1 como uma língua que não pertence a uma nação, que não é reconhecida como oficial de parte alguma, não fazendo parte de um sistema teórico e acadêmico dominante. **Com isso, a língua designada selvagem só existe e produz sentido em condições de produção de contraidentificação.** A língua, supostamente inventada no calor da hora (SD6) também precisa inventar seu lugar. Ou seu não lugar.

Se em termos oficiais, nacionais, normativos e regulares, a língua do Estado seria a mais representativa, na prática cotidiana, o conceito de cidadania não determina, de forma geral, uma participação cultural, linguística e histórica do sujeito; não consegue recobrir todas as pertencas, principalmente, quando o ser cidadão é algo instituído de modo inconsistente, recente, ou mesmo artificial (DERRIDA [1996]

2016). Ainda que o reconhecimento a uma língua de determinado outro seja barrada e, com isso toda a sua história seja também preterida, esse interdito produzido não consegue apagar o constituir-se sujeito daquele que é interdito. O sujeito que se constitui como tal por meio do portunhol selvagem ficciona o real para trazer à existência a sua história. Pelo funcionamento do político também na arte, ele existe.

### **B) O portunhol selvagem produz uma literatura não oficial.**

Na sua aparente desterritorialização, já que não é a língua oficial de uma nação, o portunhol selvagem desafia o fazer literário com o resultado de sua atividade poética. De acordo com o sujeito que mobiliza o portunhol selvagem, sua produção “non cuenta com apoyo financeiro estatal, editorial, midiático, para gozar de una situación privilegiada”. Outra vez, o sujeito faz uma negação enquanto afirma a FD 1, aquela que segue existindo como referência e tem todo o apoio externo e situação de favorecimento, uma vez que se deixa moldar, sendo produzida de acordo com padrões hegemônicos. Se o portunhol selvagem não obedece às regras oficiais e nacionais, o sujeito que se identifica com tal movimento não tem sua produção poética apoiada e, com isso, precisa se reinventar para fazer sua arte circular, e o faz por meio das editoras cartoneras, ressignificando o simbólico.

Para esse sujeito, “el portunhol selvagem es una literatura non-oficial que puede ser situada, temporariamente, nesse lugar ninguno, entre ambos lados de las fronteras” (Entrevista I). Em vez de seguir no lugar de identificação com o que domina, o sujeito, contraidentificado, quer marcar um lugar de resistência. Não abandona totalmente sua matriz ideológica, porque baseia-se em tudo o que não é dentro dela – sua referência para buscar uma nova identificação. Essa atualização é tão fundamentada na negação, na resistência, que não possui um nome novo, ela é apenas o não ser, ou o “lugar nenhum”.

De fato, no discurso selecionado, ao mesmo tempo em e sobre portunhol selvagem, há uma sequência que circunda, respectivamente, FD 1 e o que seria a posição de resistência em seu interior. O dizer antagônico, o discurso afirmativo, fica implícito, constituindo assim um “discurso-outro”, situado num interdiscurso:

Hoy día creo en que existen duas vertentes literárias que se imponem sobre cualidades y logros estéticos y exigencias y verdades inventadas y bersiones falsificadas: las literaturas aburridas (1) y las non aburridas (2) (...). Yo intento hacer del portunhol selvagem la base para fazer uma literatura propia, non aburrida, que los lectores (que non sei que son nim quem serán) puedan ser disfrutar de este y de los outros lados de las fronteras (DIEGUES, ENTREVISTA I, grifo meu).

O sujeito identificado com o movimento selvagem, o qual chamarei posição-sujeito 2 (PS 2), diverge do discurso da posição-sujeito 1 (PS 1) e, ao mesmo tempo, redireciona o discurso para o que acredita ser uma boa literatura. Tomar a posição-sujeito 2 é, sobretudo, não ser como na posição-sujeito 1, é uma nova tomada de posição para o sujeito. Como é uma identificação outra, abre-se para o desconhecido, não se sabem os leitores, os sujeitos que também se identificarão. De acordo com a posição-sujeito 2, não há garantias no e para o portunhol selvagem – “scribir en portunhol non es garantia de puerra ninguma” (DIEGUES, ENTREVISTA I) – , já que se trata de “uma idea que tiene um power propio. Que non le deve nada a nadie” (DIEGUES, ENTREVISTA I).

Há uma atualização quanto à identificação do sujeito do portunhol selvagem, o qual se diz partir do nada, em contraponto à PS 1, no interior da FD 1, em que: os escritores “oficiais” têm garantia de que serão lidos e distribuídos, já que fazem parte um sistema hegemônico que os apoia na medida em que também seguem determinadas regras. **Nega-se, nesse processo, justamente o que “não deve mais ser dito” ou o “modo como não se posicionar para dizer” sendo sujeito da “selvageria”: a negação funciona, então, permitindo a produção de um efeito de sentido de outra interdição.** Por meio da negação, o sujeito tenta delimitar outros sentidos para o domínio de saber com o qual se identifica e instaura barreira para o(s) sentido(s).

A identificação simbólica da nacionalidade com uma idealização de língua, que se coloca recobrando todas as suas variantes e versões consideradas imperfeitas ocorre, desse modo, muito mais como uma invenção ideológica do que como um funcionamento dos sujeitos comuns da(s) língua(s); mas estes também acabam por assumir tal perspectiva hegemônica como correta. **E resistir a essa hegemonia, sendo ela correta, é estar ao lado do erro.** A escrita poética em e sobre portunhol selvagem desafia a contradição entre a fixidez da escrita das línguas nacionais, imaginadas e produzidas pelo capitalismo editorial, e a mobilidade da criação afetiva

e fluida. A poética selvagem assume um regime específico de identificação e pensamento das artes, um modo específico de articulação entre maneiras de fazer, formas de visibilidade dessas maneiras de fazer e modos de pensabilidade de sua relação, implicando sua própria partilha do sensível.

### **C) O portunhol selvagem não tem limites**

O vocábulo selvagem, quando para caracterizar a natureza, indica elementos que cresceram e se desenvolveram livremente, sem o envolvimento do homem. O portunhol selvagem continuamente é comparado por seus sujeitos a este contexto: “El portunhol selvagem brota de la nada como flor selvagem de la buesta de las vakas” (Entrevista I). Nessa perspectiva, a língua selvagem aparece como sem limites, considera-se livre de normas convencionais e regulares, embora, discursivamente, ainda esteja inscrita na FD1. O movimento portunhol selvagem acredita superar as regras formais das línguas padronizadas, apresenta-se como espontâneo e inventado ao mesmo tempo em que é familiar, sentimental e símbolo de uma resistência. Com isso, ele vai além do mero encontro de línguas, já que permite o funcionamento ora só do espanhol, ora só do português, ora de outra língua, num mesmo discurso, num mesmo texto literário. Se há regras internas, o dizer do sujeito constrói um efeito de sentido de que elas nascem espontaneamente e estão sempre em efervescência, sendo aquelas de quem escreve.

Abaixo, seleciono alguns exemplos de sequências discursivas retiradas das entrevistas de Diegues que abordam o fato de o portunhol selvagem não ter limites, a fim de tratar das diferenças entre as posições-sujeito que posso identificar a partir dessas negações, o que marca o processo de contraidentificação. Inicialmente, há uma superposição entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal, reconhecendo uma suposta unidade linguística, que fornece a ele sua realidade enquanto sistema de evidências; contraidentificado, esse mesmo sujeito toma nova posição. Essa nova posição-sujeito (PS 2) acaba por ficcionalizar sua prática discursiva tendo como referência a posição-sujeito 1 (PS 1).

Nesta indissociabilidade entre língua e discurso, busco definir o universo do dizível e especificar, em suas diferenças, o limite imaginário do dizer para os sujeitos



em suas distintas posições, conforme o quadro elaborado a seguir. A perspectiva discursiva implica entender que essas sequências são desestabilizadas por uma exterioridade que permeia a materialidade significativa, colocando em cena as contradições ideológicas.

#### ENTREVISTA I

**Su relación con el portugués parece estar marcada por el goce y por eso se justificaría. Y no parece estarlo por una postura política (aunque los efectos de ese goce lo sean) ni lingüística, ni literaria (como era el caso de Kafka quien, de acuerdo con la interpretación de Deleuze y Guattari, llevaba hasta sus extremos el alemán de Praga, como una lengua menor). ¿Cómo definiría su relación con esa o esas otras lenguas? ¿Está o están marcadas por otros rasgos?**

D.D.: Yo diría que puede estar marcada también por el goce como postura post politika. El goce como post literatura. El goce como liberdade de lenguaje. Todas las lenguas tienen su poesía. No creo en la existencia de lenguas superiores o inferiores. Ni creo en que existan lenguas maiores o menores, mejores o piores, altas o baixas. Todas las lenguas del mundo son importantes para mío portunhol selvagem, todas las lenguas pueden ser amadas a la moda antigua. Diría que tengo un caso de amor con las lenguas de la triplefrontera. Un caso de amor libre, que no excluye a otras lenguas, ni deja de lado a las lenguas que no circulan por la triplefrontera. Todas las lenguas pueden ser aprovechadas para se escrever un poema-nouvelle o un relato-poema o una protonouvelle en versos desde el portunhol selvagem. Hoy día creo en que existen duas vertentes literárias que se imponen sobre cualidades y logros estéticos y exigencias y verdades inventadas y bersiones falsificadas: las literaturas aburridas y las no aburridas. Yo intento hacer del portunhol selvagem la base para fazer una literatura propia, no aburrida, que los lectores (que no sei que son ni quem serán) puedan ser disfrutar de este y de los otros lados de las fronteras. A la vez, esta experiencia, este goce como postura post política, post nazionale, post real, es un riesgo que decido correr, sacrificando todas las regalías que te rodean cuando escribis nel

contexto de uma língua oficial, com apoio estatal, sistema de premiações, promoções nacionais et alia...

PS 1 - “Regularidade”	PS 2 – “Selvageria”
Línguas limitadas.	El portunhol selvagem non tem limites!
Línguas constituídas de unicidade.	Non existe portunhol selvagem único.
Línguas fiéis a verdades absolutas.	Puedo agregar que, em materia de portunhol selvagem, non existem verdades absolutas.
Línguas excludentes.	Um caso de amor libre, que non excluye a otras lenguas, nim deixa de lado a las lenguas que non circulan por la triplefrontera.

É possível observar que as atualizações ideológicas podem motivar aproximações ou repulsas em relação à formação discursiva, fomentando também alguma instabilidade quanto às posições-sujeito. O sujeito que se identifica com o movimento poético portunhol selvagem, politicamente, sinaliza o seu lugar em uma contraidentificação. Contudo, **não há como, para o portunhol selvagem, se filiar a alguma verdade que não a da invenção e da ficcional ausência de limite a cada nova produção poética.** Mais do que um produto, quer-se um patrimônio da tríplice fronteira, mas não só dela. Em suma, essas sequências discursivas evidenciam a presença do discurso-outro, assinalando uma dependência do portunhol selvagem quanto à ideologia [da classe] dominante para se estabelecer discursivamente, ainda que em situação de contraidentificação.

Mais uma vez, a fronteira invisível, o entre-lugar, torna-se tangível pelo viés da resistência política e poética, captar esse dizer em portunhol selvagem ajuda a pensar o modo de funcionamento da sua produção literária politicamente, como um gesto de resistência, e evidencia a captura e recaptura do sujeito em seu processo de identificação e reidentificação. Essa escrita poética na qual se insere a antepimeira língua (DERRIDA, 2016) configura também toda uma contradição histórica e, com

isso, o sujeito pode dizer-se engajado, a sua poética se coloca no interior de uma condição cujos limites são os da sua fronteira ficcional.

#### **D) O portunhol selvagem é um não movimento.**

O sujeito do portunhol selvagem afirma fazer parte de um movimento que “No es competitivo, non quiere ser, simplemente lo es” (DIEGUES, ENTREVISTA I, ANEXO). Pelo seu discurso, o sujeito se coloca como se estivesse de fora de todo um eixo literário instituído, de prêmios e feiras literárias, indicando no seu propósito um certo despropósito. Em uma era capitalista e mercadológica, reconhecer-se fora do regime de concorrência é, de fato, um passo para uma postura resistente. Ademais, o “non-movimiento del portunhol selvagem puede ser considerado también el primer non movimiento post literario del mundo” (DIEGUES, ENTREVISTA I), ou seja, também se autorrelaciona a um movimento de luta e contestação, de marcar uma posição de contraidentificação no interior de uma formação discursiva ou de dada ideologia dominante.

Trata-se, com isso, de um espaço de discursivização, de uma língua que significa na resistência e quer traçar este caminho na sua produção de sentidos, não outro. O caráter de não ser oficializado é significativo para o movimento poético portunhol selvagem, já que marca uma oposição ao centro linguístico, geográfico, cultural, discursivo; marca o lugar específico que quer para si esta língua. **Supor algum tipo de igualdade ou equiparação com o sistema vigente serve especialmente para fomentar a sua resistência, ainda que, para isso, siga comparando a não regularidade do portunhol selvagem com modelos regulares pré-existentes.** Tal resistência visa legitimar um lugar em que momentos atualizados de socialidade são possíveis, a partir de línguas que são mobilizadas ainda que não sejam oficialmente reconhecidas, mas ainda tendo como referência a compreensão convencional sobre o que é produzir sentido em uma língua.

Há um movimento processual de afastamento da identificação à contraidentificação, que funda a resistência, uma posição-sujeito atualizada. O processo de negação no discurso em e sobre portunhol selvagem acontece atrelado a processos de filiação ideológica dos sujeitos, emergidos por meio desses enunciados que trazem o “não”. A nova posição-sujeito (PS 2) no interior da FD 1 é

constitutiva, por exemplo, das seguintes sequências discursivas, recortadas da Entrevista II: “un estilo propio de hacer libros en formato non-único” e “Los libros não tem preço. Podem custar entre 10 y 5 mil reais. Você põe o preço. Quem quiser pagar, que lo pague. És uma arte muito livre”.

O movimento poético portunhol selvagem tem sua maneira específica de trazer sua obra à esfera social, ligando-se ao processo de produção e distribuição das editoras cartoneras, gesto que indica uma atenção distintiva à sucata, ao lixo em que vai se convertendo o vestígio de produtos efêmeros, próprios do capitalismo. Esse arranjo, bem como as marcas de negação do discurso em e sobre portunhol selvagem, permite observar como a identificação e o processo de subjetivação vão sendo reiteradamente reatualizados no modo de existir desse movimento, para tornar de algum modo existente e visível a margem não visível. Ocorre algo da ordem da raridade, buscando representar a concretização de uma utopia.

O espaço discursivo reivindicado pelo portunhol selvagem pode ser visto como utópico, por sua não regularidade extrema, porém, a utopia é também isso, o não lugar, ou, parafraseando Rancière (2005), o grau máximo de uma reconfiguração polêmica do sensível, que busca romper com as categorias da evidência; ainda que, simultaneamente, seja a configuração de uma continuidade, de uma partilha não polêmica do universo sensível, onde o que se faz, se vê e se diz se ajustam exatamente na nova posição-sujeito. E essa é uma contradição constitutiva da insubordinação do portunhol selvagem.

A posição-sujeito atualizada (PS 2) oportuniza que se resista às evidências da ideologia dominante, a partir dela o sujeito contraidentificado questiona as causas que o determinam/dominam, aquelas que ele conhece bem na sua prática-teórica e na sua prática política. Se a prática política tem como função transformar as relações históricas pelo discurso, reformulando a demanda social, essa demanda será atualizada nas modalidades de subjetivação: a identificação do sujeito com determinado posicionamento é o que define como e quais sentidos ele produzirá a partir de seu dizer. Não estou tratando apenas do lugar social da poética selvagem, trata-se de um espaço que se configura no interior do discurso, sendo dele constitutivo.

Portanto, o funcionamento do portunhol selvagem no que diz respeito a sua constante necessidade de negação e selvageria, tendo como referência a ideologia

[da classe] dominante, reproduz o discurso do outro como primitivo e indômito, uma vez que este tipo de discurso só consegue se estabelecer tendo como contraponto o dito “civilizado”, que é quem toma para si a história oficializada, pois detém o poder do discurso oficial. E é esta tensão entre ser sujeito colonizado em processo de identificação-contratidentificação-desidentificação e ser sujeito que reproduz a ideologia do colonizador que será problematizada/explorada na segunda parte desta análise e interpretação.

## SEGUNDA PARTE

### POEMA II

*non adianta ter segundo grau completo  
graduación pós-graduación doctorado en la gaveta  
um bom curriculum que garanta um buen emprego  
quem nasceu pra ser uma bestia sempre será una besta  
non adianta domínio de la lengua sem la gosma de la experiênciã  
almoçar jantar cagar vomitar grandes assinaturas  
que se estendem como grifes de la más alta cultura  
quem naceu pra ser una bestia siempre será una bestia  
non adianta saber ler y escrever correta  
mente, coleccionar diplomas que los otários veneram  
Exibición de erudición nunca foi sabiduria nem aqui en la China nem pra lá du Irán  
quem nasceu pra ser una bestia sempre será una besta  
muchos posam de sábio en la mais badalada de las fiestas  
mas como diria titia Gertrude: una bestia es una bestia es una bestia*

(Do livro *Uma Flor...*, publicado em 2005 por Eloisa Cartonera, em Buenos Aires.)

### 3.4 SOBRE AS CONTRADIÇÕES DE UMA RESISTÊNCIA

Levando em consideração a visão da selvageria como algo produzido por determinadas condições de produção proporcionadas pelo político e a atividade poético-literária em efervescência do portunhol selvagem, esta segunda parte é destinada a mobilizar os conceitos que envolvem língua, sujeito e discurso para dar continuidade ao gesto analítico e interpretativo quanto ao discurso em e sobre portunhol selvagem. Relembro que, para desenvolver a questão teórica desta tese, foram selecionadas três entrevistas concedidas por Douglas Diegues nos anos de 2012 (Entrevista I) e de 2009 (Entrevistas II e II) como *corpus* principal, e, nesta parte, incluo mais três poemas publicados pelo mesmo escritor como *corpus* acessório.

A materialidade de análise foi selecionada com base nas condições de produção de seu discurso, as quais proporcionam a reiteração constante do conceito e da história do portunhol selvagem, retomando a questão escrita e política do movimento poético e marcando determinado processo de identificação do sujeito desta língua. O *corpus* acessório foi delimitado como exemplo da produção literária pela plasticidade em relação à língua portunhol selvagem. Essas entrevistas e esses poemas são uma amostra da dinâmica do discurso sobre e em portunhol selvagem. A questão analítica a ser desenvolvida neste gesto interpretativo quer saber como os efeitos de sentido e as contradições erigidos dessa língua amalgamada, que se coloca como resistência, mostram-se no seu funcionamento discursivo. Isso em conjunto com o gesto de problematizar a posição do sujeito do portunhol selvagem.

Para começar, suponho necessário verificar de que modo o portunhol selvagem, assim como seu sujeito, assume para si uma posição de resistência na atividade poético-literária contemporânea. Por meio de sequências discursivas (SD) retiradas tanto dos poemas quanto das entrevistas, é possível reconhecer esse movimento de se colocar como algo que está na contramão, resistindo.

SD 1
sin apoio da usp da vitae da varig da puc da nasa y além disso – com el nombre no SERASA/ el artista selvagem está solinho. (POEMA I)
SD 2
portunhol michi miri tem uma gracia que impacta: es bizarro, feo, bello, contudente, desprendido, menor que menor (...) (ENTREVISTA I)
SD 3
Y non cuenta com apoio financeiro estatal, editorial, midiatico, para gozar de uma situacione pribilegiada. (ENTREVISTA I)
SD 4
Es um riesgo que decidi correr, sacrificando todas las regalías que te rodean cuando escribis nel contexto de uma lengua oficial, com apoio estatal, sistema de premiaciones, promociones nacionales et alia. (ENTREVISTA I)

As quatro sequências discursivas acima indicam o cunho da resistência assumida pelo sujeito do portunhol selvagem. Trata-se de um sujeito que, segundo seu discurso, não conta com nenhum apoio estatal ou empresarial, que passa por dificuldades financeiras e que, por isso, está longe de qualquer privilégio. Assim, para ser sujeito do portunhol selvagem, é preciso se sacrificar, é uma atividade-poética exercida à margem, pois trata-se de uma língua tida como menor, desprendida. Essa posição assumida pelo sujeito do portunhol selvagem se dá no interior de um funcionamento maior (cf. seção 3.3.1), a formação discursiva do discurso oficial (FD 1), aquela faz funcionar o mercado editorial, que reconhece línguas nacionais e oficiais, que impõe certos conceitos normativos e totalitários a serem seguidos, em resumo, a ideologia [da classe] dominante em funcionamento. Porém, ainda assim, o sujeito do portunhol selvagem se automarca totalmente fora dela.

**Como o sujeito se constitui pelo esquecimento daquilo que o determina, afirmações tão definitivas e fáceis em relação a uma posição certamente trazem em si outras que não são ditas, ouvidas, ou escritas.** O sentido produzido pelo discurso não existe em si mesmo, não se trata de uma relação transparente com a língua, ele é determinado de maneira opaca pelas posições ideológicas que estão em



jogo no processo histórico no qual as palavras, expressões e proposições são (re)produzidas.

Ainda que a posição-sujeito envolva uma rede de lugares discursivos, transitar entre uma posição e outra não significa escapar à ideologia dominante. E, mesmo quando o sujeito acredita escapar, em um processo de contraidentificação e até de desidentificação, essa posição-sujeito atualizada se dará ainda em contraposição e luta quanto à ideologia que sempre o domina. Dizer-se resistente não significa por si só resistir. Também não significa apenas resistir. A partir disso, procuro alcançar os efeitos de sentido produzidos pelo discurso em e sobre portunhol selvagem, problematizando a afirmada resistência desde as suas contradições, filhas dos esquecimentos do sujeito.

### **Uma questão econômica, histórica e de classe**

A primeira contradição que gostaria de marcar é quanto aos possíveis reveses econômicos do sujeito que se inscreve no portunhol selvagem. Como, historicamente, a questão econômica está atrelada à desigualdade e a uma questão de classe, isso claramente afeta a qualidade da educação, da leitura, da escrita, do conhecimento de língua/linguagem. Basta pensar um pouco e constatar que, em um país desigual como o Brasil, ser um artista é algo muito difícil, algo que não combina com dificuldades financeiras; mas, sim, muitos artistas resistem – em caráter de exceção –, ainda que passando por adversidades, inclusive de sobrevivência quanto à vida prática. Seria esse também o cunho da resistência do sujeito do portunhol selvagem?

Para responder esse questionamento, há uma mesma questão que atravessa as três entrevistas e podem ser recuperadas no exemplo de três sequências discursivas por mim selecionadas: a possibilidade de suporte financeiro, seja para o trabalho, seja para a vida. Como sintetiza Pechêux (2004), a manifestação da ideologia caracteriza-se por uma materialidade específica, mesmo assim, articulada e dependente da materialidade econômica, uma vez que a materialidade ideológica deve ser reconhecida como condição para que a base econômica se reproduza.

Começo, então, pela SD 1, grifada no excerto a seguir:

## ENTREVISTA I

**O que é que o portunhol selvagem michi mirim tem? Em que consiste, para você, a potência de dizer nessa língua e, mais precisamente, de nela dizer poesia?**

D.D.: El portunhol michi miri tem uma gracia que impacta: es bizarro, feo, bello, contudente, desprendido, menor que menor, dibertido, alucinógeno, anacronico, selvagem, civilizadíssimo, delirante, en fin... Non se trata dum portunhol encenado desde um gabinete, pero sim ouvido primeiramente en las calles de la frontera de Punta Porã (Brasil) y Pedro Juan Caballero (Paraguay), y em ñande roga mi (nossa pequena casa), onde el portunhol era la lengua mais falada por mio abuelo, la xe sy (mi madre), la empregada, los parientes que venían a comer allí los domingos kuê [SD 1]. La primeira lengua en la kual me he expressado quando aprendi a falar non fue el portugues nim el español nim lo guarani, mas sim el portunhol de indole selvática. Por que selvagem? Porque que brota de las selvas de mio corazon y de los corazones de los habitantes de las selvas desconocidas de la frontera del Brasil com el Paraguay. Quanto a lo de la potencia, es muy original el portunhol selvagem, es una lengua neoantigua, que existe como habla y escritura, pero non como idioma y me permite dizer coisas antiguas de forma nueva, además de permitirme hacer poesia ou prosa com um power bem mais amplo de expresiões que se escribiera limitado al português brasileiro ou al castellano paraguayo apenas, una potencia que consiste, obviamente, en selbagem y hermosíssima liberdade de linguagem.

Para deixar claro que o portunhol selvagem sempre foi a sua língua do lar, o sujeito retoma a rotina de sua “pequena casa”, de seus parentes e familiares, com estes sempre se valendo da mesma língua, assim como “la empregada”. Essa SD, em seu funcionamento no nível da evidência, busca remontar de modo até mesmo poético um aspecto familiar da língua amalgamada, e que, ao mesmo tempo, expõe uma situação tipicamente brasileira, a empregada “doméstica”, ali, “como se fosse da família”, como predomina o discurso da proximidade afetiva na cordialidade do país. No entanto, ela não é da família. Isso gera um incômodo, um desconforto, uma contradição. Expõe uma questão de classe.

Estar à margem, resistir com dificuldade, mas reproduzir uma forma de dominação histórica são posições contraditórias. Muitos lados constituem o sujeito, mas, de algum modo, alguns deles vão sendo esquecidos quando se fala em resistência. A possibilidade de ter alguém em posição de servo para resolver questões domésticas, dando continuidade a uma prática que tem suas raízes em um sistema colonial de servidão e escravidão, é um exemplo. O Brasil herdou do passado colonial, imperial e escravista uma profunda desigualdade, assim, ainda que o trabalho doméstico não tenha sempre e necessariamente vínculo com a escravidão em si, o tem com a dinâmica que se estabeleceu após a abolição, com a ordem para manter a hierarquia dissolvida. A prática de ter uma “empregada” descende ideologicamente de mecanismos utilizados para impedir que certo grupo ascendesse ao mesmo tempo em que expiavam a culpa e o constrangimento do “patrão”, em uma relação forjada no oportunista laço afetivo.

Continuo tratando da questão econômica com a SD 2, destacada abaixo:

#### ENTREVISTA II

**A “Yiyi Jambo” foi definida por você, em uma entrevista, como a primeira “kartonera nômade” e (ao menos duplamente) desobediente, na língua e no projeto editorial. Como nasceu, cresceu e sobrevive a editora cartonera “Yiyi Jambo”?**

D.D.: A Yiyi jambo fue fundada em Asunción, Paraguay, en la primavera del 2007, en el Barrio Sajonia, con mucha alegría y un estilo propio de hacer libros en formato non-único y cosido a mano. Su nombre inicial fue Jambo Girl. Pero decidimos paraguayizarlo convirtiéndolo en Yiyi Jambo. Yiyi es una palabra popular, cuya origen se verifica en los bajofondos, y significa mulher, novia, amada, amante, chica, muchacha. Jambo es una fruta abundante en el nordeste brasileiro; a la vez se refiere a un color achocolatado de piel femenina. Yiyi Jambo significa chica morena piel tono chocolate. La grafia correcta es Yiyi Jambo y no YiYi Jambo como muchos suelen grafar. Fundamos Yiyi Jambo durante duas ou três festas en la mansion fake que alugamos nel bairro de Sajonia da capital paraguaya [SD 2]. Foi muito divertido y depois

de algumas semanas eu estava nel fliporto, la festa literária de Porto de Galinhas, Pernambuco, lançando los livros com leituras impagabelles numa mesa com Xico Sá e Joca Terron. Pouco a pouco Yiyi Jambo, la primeira Cartonera do Paraguay, ficou conhecida no mundo inteiro. Una de las especificidades de Yiyi Jambo: los textos em portunhol selvagem que publicamos.

Como já mencionado, os livros em portunhol selvagem são, em sua maioria, publicados por editoras cartoneras, um mercado que se considera alternativo em relação às editoras oficiais. Na SD destacada acima, é abordado como se deu o lançamento de uma dessas cartoneras. Mais uma vez, há uma informação evidente que carrega sentidos outros. Ocorreram “duas ou três festas” de lançamento e, além disso, elas aconteceram em uma mansão alugada em um dos bairros mais tradicionais da capital do Paraguai, onde há residências suntuosas do final do XIX e início do século XX, quando abrigou muitas das famílias mais ricas de Assunção. Ainda que haja o efeito de sentido de ironia na referida SD, quanto à “mansion fake” e ao número incerto de festas (duas ou três), esse jogo de relações entre os universos logicamente estabilizados mais cointribui para indicar a opacidade dos processos discursivos.

A atualização do sentido desequilibra o institucionalizado e assinala uma ruptura com aquilo que se depreende sólido e coerente no discurso legitimado, é uma atualização constituída de múltiplos significados. Ao mesmo tempo em que a SD traz a ideia de chiste com um ambiente elitizado, ao introduzir nele o “marginal” portunhol selvagem com toda a pompa de uma língua oficial, ela também indica a possibilidade de o sujeito do portunhol selvagem de circular por esse meio, levando sua arte e sua língua consigo. De ambos os modos, a resistência constituída de dificuldades econômicas, assumida pelo sujeito do portunhol selvagem, não se relacionaria a uma dificuldade em relação à vida prática e à possibilidade de manter e pôr adiante a sua arte poético-literária. Esse sujeito não está sozinho ou sem nenhum apoio.

Finalizando a questão, a SD 3, sublinhada a seguir:

### ENTREVISTA III

**E falando de vida... como é viver numa língua que você mesmo criou? Poderíamos, claro, falar em "linguagem", mas é língua mesmo, porque você a fala no dia-a-dia. Não é como o Guimarães Rosa, que escrevia uma coisa e falava outra... Será que o que falta, aos nossos criadores literários, não é, justamente, uma convicção como a sua — de vestir a própria criação, além de lambê-la e incensá-la para a platéia? Os rebeldes vão dizer que, hoje, ninguém mais tem coragem de viver segundo os próprios ideais; e os fracassados vão falar que "quem vive" paga um preço alto. "La poesia está morta mas continua viva" é um verso seu — tem a ver com isso? Quer dizer: o fato de "todo mundo" querer ser poeta matou a poesia; mas a coragem de abraçar a própria poesia, brandindo os versos contra a indiferença, é algo que só poucos poetas, "com o fogo da palavra", podem realizar?**

D.D.: Es importante aclarar que el portunhol selvagem, como observa el poeta Sérgio Medeiros, existe enquanto habla, pero non como lengua. Y agora, obviamente, enquanto escritura, com um korpus de textos que brotam de la buesta de la post-hystória y se expande em mio caso permanentemente 25 horas por dia, hoy dia hasta puedo sonhar em portunhol selvagem [SD 3]. Agora, mudando rumbo a Guimarães Rosa, discordo que ele escrevia uma coisa y hablaba outra... Conosko suas cartas a Edoardo Bizzarri y a Paulo Dantas... Konosko sua entrevista a Günter Lorenz... Ademais de la coerência vida-escritura, conozko algo de seu trabalho como diplomata: gênio inimitábel, com sua gravatita borboleta, sui generis em la historia del Itamaraty. Avanti.

Sobre el portunhol selvagem: também non me konsta que dizer que la koisa brota com flor de la bosta de las vakas seja lamber e incensar la cria.... Me encanta escribir em portunhol selvagem: is diferent. Yes: hay mucho miedo y paranóia infiltrados, pero non hay mystérios nem lugares ideales, unas ciudades son mais poéticas que outras, y la poesia segue sendo la mais inútil de las artes... Quem quiser fazer, vae y faz, usando suo repertório y competência.... Quanto ao mais — ¡Abran karajo! — Kanese konfirmeitor — silva Silvakov.

Ser artista no Brasil já implica uma série de dificuldades, ser um artista que produz uma arte marginalizada são dificuldades dobradas. No entanto, a resistência do sujeito que produz textos em portunhol selvagem não parece envolver sujeitos que se afastam completamente da ideologia dominante quanto à questão econômica. O discurso flagrado nessa SD lança mão do exagero – 25 horas por dia (!) –, marcando a dedicação do sujeito do portunhol selvagem ao seu ofício e revelando sentidos outros: Afinal, quem pode disponibilizar, ainda que de modo hipérbólico, as 24 horas de seu dia a viver para a sua arte? Certamente não um artista que depende da renda de seu trabalho para sustentar a sua vida prática.

A primeira constatação de meu gesto interpretativo sobre a questão econômica da resistência do portunhol selvagem é que resistir, para o movimento poético, não se trata de uma resistência econômica ou de classe, como o discurso sobre e em portunhol selvagem deixa muitas vezes parecer por meio de seus efeitos de sentido. No que tange a questão financeira e de classe, apesar da anunciada contraidentificação, não há uma efetiva resistência, mas vence a identificação à ideologia dominante. Assim, a classe que tem os meios materiais de produção segue dispondo, ao mesmo tempo, dos meios de produção morais, poéticos e ideológicos, ainda que por um viés atualizado.

Assim como a sua língua, na qual e pela qual se constitui, o sujeito do portunhol selvagem também é amalgamado, pois é produto de uma instabilidade de cruzamentos entre posições-sujeito. O que o determina é sobretudo um nó paradoxal entre ser colonizado – tendo alguma possibilidade esclarecimento quanto a esta condição, o que faz com que se contraidentifique com a ideologia do colonizador – e ao mesmo tempo reproduzir a ideologia [da classe] dominante (cf. página 112), pois não há como escapar dela. Essa é a contradição primeira, que faz desenrolar todas as outras: quem é o público do portunhol selvagem, o que é (re)produzido no discurso em e sobre a língua amalgamada, o modo como as línguas indígenas são mobilizadas, e a necessidade de resistir a partir de uma língua ficcional, ancorada em um processo de adição não estável.

## De quem e para quem é o portunhol selvagem?

Seguindo minha questão teórica, a respeito de uma língua que, por sua designação e por seu funcionamento, implica determinadas contradições e efeitos de sentido, tratarei de uma questão de público. Quem são esses sujeitos que produzem, consomem e fazem circular o portunhol selvagem? Para abordar esse assunto, selecionei mais algumas sequências discursivas que apresentam contradições que erigem do discurso em e sobre portunhol selvagem. Na Entrevista I, por exemplo, ao mesmo tempo em que o sujeito afirma que sua língua “híbrida” é primeiramente ouvida “en las calles de la frontera”, ele assume que se expressa “mejor por escrito”. Essa é uma contradição que, se não afasta o portunhol selvagem da oralidade e aproxima essa língua de um ambiente letrado, no mínimo origina uma tensão.

A língua escrita é uma questão de poder, é por ela que o sujeito se aproxima das leis, expõe seu modo de pensar de maneira oficial. Em condições de produção de desigualdade e injustiça social, o letrado é tido como superior, é o respeitado e, muitas vezes, o representante de outras vozes sem a oportunidade da leitura e da escrita. **Quem escreve e tem sua escrita reconhecida, especialmente em condições de produção que envolvem desigualdades históricas, encontra-se uma posição privilegiada, e esta é uma grande contradição do portunhol selvagem: lidar com a marginalização e com o privilégio.**

Ainda assim, o portunhol selvagem se coloca como universal, no sentido de ser/estar acessível a todos:

(...) cualquier princesa, cualquier anjo, cualquier vagabundo puede inventar su propio portunhol selvagem. (Entrevista I)
---

Qualquer um puede inventar su portunholito selvagem onde quer que esteja. (Entrevista III)
--

Entretanto, a possibilidade de leitura e de escrita não é para todos. A leitura e escrita em mais de uma língua oficial é uma condição de produção ainda mais seletiva. Ser fluente em várias línguas e ainda ter capacidade artística de colocá-las em funcionamento de modo conjunto, conhecendo suas regras internas de modo a

reproduzi-las com algum sentido, é algo bastante exigente. Não é para todos. Produtores e público do portunhol selvagem fazem parte de um reduzido recorte:

#### ENTREVISTA I

**Isso que você chama de “pose” poderia ser entendido como uma determinada “política da literatura”? No seu entendimento o portunhol selvagem permitiria “zafar” dos discursos por demais “acadêmicos” ou “teóricos”?**

D.D.: Poderia fazer uma pose nuebamente! Y justificar assim el portunhol selvagem com alguna respuesta que seja conbincente y pueda engatusar a los teóricos profesionales ou non...Pero que hermoso va a ser kuando empiezen a escribir ensayos academikos ou teóricos em portunhol selvagem! Diria que el portunhol selvagem es como água. Se ubika siempre en lugares bajos. Y sirve a todos sin distincion: teoricos, lectores comuns, profesionales, amateurs, doctorandas, articulistas, periodistas, etc\*. Politicamente, es um negócio incorrecto. Sua naturaleza escurridiza non se deixa domesticar por uma hegemonia absoluta sobre el resto de los domínios teóricos ou akademicos. Es uma disfunción literaria incorrigíbelle. Corregirlo sería matarlo. Gramatificarlo equivale a suicidarlo. No es competitivo, non quere ser, simplemente lo es, com su mambo irracional, su libertad sem limites. Es local, es internacional, es transnacional, es literario, es post literario. Es uma neo lengua, a falta de um termino mejor o peor, desregulada y desregularizante. Tiene una gracia que molesta y encanta a la vez. Es menos literario y mais literario. Y non cuenta com apoyo financeiro estatal, editorial, midiatico, para gozar de uma situacione pribilegiada respecto a los otros modos de entender, hacer, vivir la literatura de manera transgressora e insurrecta... Cada estado tiene sua literatura ofiziale. Y el portunhol selvagem es uma literatura non-oficial que pode ser situada, temporariamente, nesse lugar ninguno, entre ambos lados de las fronteras. ¿Me desexplico?

*\*grifo meu*

Na sequência discursiva destaca acima, o “todos sin distincion” a que serve a língua selvagem é, na vida fluida, bem limitado: teóricos, leitores, estudantes de pós-graduação, periodistas, isto é, todos os que fazem parte de uma cultura letrada, que



tiveram e têm oportunidades de formação, as quais permitem alcançar o funcionamento poético de uma língua que funciona em um processo de adição não estável de outras línguas. Além disso, o sujeito que produz o portunhol selvagem, como é privilegiado economicamente, também goza de privilégios educacionais, possuindo um amplo paradigma cultural, um sujeito que conhece a tradição literária e linguística e consegue jogar com a língua exatamente por esse conhecimento que, na maioria das vezes, fica restrito a uma elite letrada. Isso pode ser pensado a partir das sequências a seguir:

SD 1
(...) mios sonetos selvagens shakespeariensis. (Entrevista I)
SD 2
Te puedo decir también que Haroldo de Campos em muchos fragmentos de Galáxias inventa um portunhol selvagem diferente. (Entrevista I)
SD 3
(...) o portugues selvagem de Souzandrade del Inferno de Walt Street y nel portunhol primitibo de los trovadores galaiko portugueses como algunos de los precursores del movimiento del non-movimiento del portunhol selvagem. (Entrevista I)
SD 4
El portunhol selvático que viene sendo inventado desde los trovadores galaiko portugueses como Martim Codax et alia, passando por Sousandrade, Oswald de Andrade, Haroldo de Campos y Wilson Bueno... (Entrevista II)
SD 5
Existem vestígios de lo proto-portunhol selvagem enquanto escritura em algunas páginas de Sousândrade, Oswald de Andrade, Haroldo de Campos, Héctor Olea, Wilson Bueno, Nestor Perlongher, Antonio Fraga... (Entrevista II)
SD 6
La poesia puede estar muerta... Pero habemus Augusto dos Anjos, Glauco Mattoso, Sebastião Nunes, Mário Bortolotto, Vera Albers, Manoel de Barros, MaicknucleaR, Sérgio Medeiros, Bruno Napoleão y miles de outros, (Entrevista III)

SD 7

Y muy antes disso había ficado feliz por Glauco Mattoso (y non um bundón de las Akademias) haber publicado mios sonetos selvagens em suo sonetário brasileiro digital, antes mismo saíssem en libro. (Entrevista III)

Essas sete sequências discursivas são apenas uma amostra do que perpassa todas as entrevistas e indica o quanto o sujeito do portunhol selvagem é culto, letrado, filho de um arcabouço cultural bastante amplo, o qual envolve a tradição medieval, Shakespeare e grandes nomes da literatura brasileira e latino-americana. Ainda que o sujeito afirme que o portunhol selvagem “non le deve nada a nadie” e que “es um fenomeno de la naturaliza” (DIEGUES, ENTREVISTA I), a instabilidade da contradição expõe, por meio dos processos discursivos, que o portunhol selvagem é sim devedor da tradição literária e da regularidade das línguas que o compõem, além de ser um fenômeno cultural, e, por consequência, ser de caráter colonizador e construído, não natural (cf. seção 3.4).

Todo esse conhecimento, e sobretudo a possibilidade de acesso a todo esse conhecimento, faz pensar que ser sujeito do portunhol selvagem está mesmo longe de ser para todos e sem distinções. Ser um intelectual é um privilégio, marca uma diferença econômica, social e de classe. Há um abismo histórico entre “todos” e o intelectual. Deste modo, a resistência do portunhol selvagem também não diz respeito ao oprimido e sem oportunidades de formação resistindo como pode, com sua arte rudimentar, feita como pode. A resistência do portunhol selvagem ainda é de outra ordem.

### **A reprodução da ideologia [da classe] dominante**

Ao considerar o discurso como objeto que materializa a ideologia na língua e que alcança a relação entre o que é interno e externo, considero que, no próprio funcionamento da linguagem, no qual residem os processos discursivos, instaura-se a resistência. Isto é: na aparente estabilidade de sentido da língua, produzida pelo

efeito de evidência da ideologia, materializa-se a contradição ideológica, representada, assim, pelo equívoco.

Todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classes, com o portunhol selvagem não é diferente. Mesmo que o sujeito suponha que é origem do seu dizer e se veja como uma posição de resistência, ele segue assujeitado a uma ideologia dominante, que o constitui de maneira tão significativa, que o faz esquecer dessa dominação. Sendo a questão econômica e intelectual do sujeito do portunhol selvagem devedoras da ideologia dominante, é de se esperar que em seu discurso ascendam sequências que reproduzam o *statuos quo* da ideologia que o interpela. O discurso do portunhol selvagem é contraditório especialmente por ser um discurso de borda, em uma tensão que se quer resistindo no interior de uma ideologia. A questão a ser pensada neste momento é por que ainda o “selvagem”? Por certo, envolve a necessidade de uma ilusão pela qual um objeto de pensamento pressupõe a existência de um objeto real que ele designa.

Ilusão, porque, como já visto, economicamente e culturalmente, não estou falando de margem quanto ao portunhol selvagem. Esse cruzamento entre posições-sujeito até contraditórias – Marginalização X Oportunidades – não deixa de implicar a reprodução da ideologia dominante. É próprio de toda FD dissimular, na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso que determina essa FD como tal. Por exemplo:

SD 1
non adianta domínio de la lengua sem la gosma de la experiêncía poema. (Poema II)
SD 2
non adianta saber ler y escrever corretamente. (Poema II)
SD 3
La grafía correcta es Yiyi Jambo y no YiYi Jambo como muchos suelen grafar. (Entrevista II)
SD 4
Corregírló sería matarlo. (Entrevista I)

As sequências discursivas do quadro anterior assumem a perspectiva de que há um domínio da língua, um jeito correto de ler e de escrever, ou seja, filiam-se à ideologia dominante, a qual determina que, para a língua, há um jeito certo de colocá-la em funcionamento. Mais do que isso, esse modo correto é trazido para o interior do funcionamento do próprio portunhol selvagem. Conforme a SD 3 (“La grafia correcta es Yiyi Jambo”), há também um modo certo de grafar mesmo na língua amalgamada, assinalando que não se trata de uma língua livre, sem regras, que funciona de modo espontâneo. Quando o sujeito afirma que “corregírlo seria matarlo” (SD4), ao mesmo tempo em que se coloca como resistência, reconhece que há algo de incorreto com o portunhol selvagem, algo passível de ser corrigido. **O portunhol selvagem deve se realizar incorretamente, isto é, não se trata de um movimento original, mas sim de um movimento impróprio em relação à ideologia que o interpela.**

Uma língua considerada oficial e sua gramática, sendo compulsórias, exercem um projeto de organização de nação por processos de linguagem, o qual tem como ideal um modelo de cidadão com uma língua, uma aparência, uma configuração institucional específica (ORLANDI, 2008, p. 176). A ideologia dominante é mais do que forte, é constitutiva: o sujeito consegue resistir porque está dentro dela. Não há como estar fora. No interior desse processo ideológico, o sujeito reconhece as línguas indígenas e as condições do portunhol selvagem ainda sob o paradigma da ideologia que o oprime:

SD 1
Mio portunhol selvagem pode incorporar palabras de todos los idiomas que existen, indigenas, aliens, civilizados. (Entrevista I)
SD 2
(...) selvas desconocidas de la frontera. (Entrevista I)
SD 3
[O portunhol selvagem] puede incorporar, además del guarani, palabras de otras lenguas, sean estas lenguasselvagens, tipo amerindias; lenguas civilizadas, ouropéias and anglo-americanas. (Entrevista I)

Ao analisar a SD 1, é possível observar que a visão das línguas existindo como oficiais ou nacionais, sendo idiomas estanques, é compartilhada pelo sujeito do portunhol selvagem. Nesse funcionamento ideológico, as línguas indígenas continuam sendo não civilizadas. Não há um movimento de legitimar essas línguas por elas mesmas, mas segue sendo feito o movimento de comparar o indígena ao branco para classificá-lo. Isso se repete na SD2 e na SD3, em que as línguas ameríndias seguem consideradas selvagens em relação às civilizadas europeias ou anglo-americanas. Além disso, a fronteira do portunhol selvagem é tomada como selva. Ainda que a via seja uma procura por resistência poética, certos estereótipos acabam sendo reforçados pelo assujeitamento. Contraditoriamente, o que é negado para si pelo sujeito do portunhol selvagem deve existir como tal, já que supor a igualdade ou alguma comparação quanto às línguas oficiais reforça a resistência, o portunhol selvagem precisa seguir se comparando com modelos pré-estabelecidos.

Como padrões da ideologia dominante são reproduzidos mesmo em uma tentativa de resistir, isso acaba por afetar também a questão da publicação da atividade-poética literária. Assim como o mercado editorial oficial, as editoras cartoneras tem os seus acordos, suas seleções com base em características específicas, como é bem exemplificado em uma sequência da Entrevista II: “conbidamos sempre los autores que nos gustan”. Isso faz pensar que o portunhol selvagem também tem suas próprias regras de exclusão e de participação, sendo talvez mais pessoal do que especificamente coletivo.

No entanto, antes de partir para essa linha interpretativa, gostaria de seguir na questão de reprodução de normas e de arranjos totalitários, para tratar da questão do guarani e das demais línguas indígenas no funcionamento do portunhol selvagem:

SD 1
(...) ñande roga mi (nossa pequena casa). (Entrevista I)
SD 2
la xe sy (mi madre).(Entrevista I)
SD 3
(...) como teko eté (em guarani el modo de ser autentico, verdadero, original nel sentido que tiene uma origem própria). (Entrevista I)

SD 4
(...) e mio portunhol selvagem es que ele pode ser feo, bizarro, bello, tuerto, ruprestre, diferente, dislexico, tarová (loco em guarani). (Entrevistas I)
SD 5
(...) Um caso de amor libre, que non excluye a otras lenguas, nim deixa de lado a las lenguas que non circulan por la triplefrontera. (Entrevista I)
SD 6
(...) Procuero traduzir el espirito del texto, el quem de la poesia, el teko ete (o modo de ser de la energia del texto). (Entrevista II)

Conforme abordam as SDs acima, o guarani, ou alguma expressão em outra língua indígena, aparece comumente marcado por um uma tradução entre parênteses, e isso também costuma acontecer em algumas glosas nos poemas. Tal ocorrência deixa antever que o guarani não está compondo o portunhol selvagem de modo orgânico como as outras línguas. Palavras em português, espanhol, inglês, italiano, etc. não vêm acompanhadas de algum tipo de tradução. **O já dito conclui que o leitor pode compreendê-las sem a necessidade de uma glosa. E essa obviedade em relação ao outro está no sujeito que produz em portunhol selvagem. O outro letrado como ele. O outro enxergando a língua indígena diferente... Como ele?** Essa contradição põe em xeque a SD 4, a qual afirma que a sua língua híbrida “non excluye a otras lenguas, nim deixa de lado a las lenguas que non circulan por la triplefrontera”. O guarani segue sendo “pessoa estranha” mesmo no interior da poética selvagem.

Outra reprodução da ideologia dominante está relacionada ao movimento discriminatório como elemento do interdiscurso re-inscrito no discurso do próprio sujeito. Apesar de ser uma língua não oficial e de se colocar como marginal, o portunhol selvagem trata-se mais de uma resistência de quem pode resistir do que de uma resistência dos oprimidos e dos excluídos de modo geral. Posso abordar essa questão do ponto de vista de duas esferas vítimas de opressão que seguem tendo esse lugar no discurso em e sobre portunhol selvagem:

SD 1
Nunca me iludi com antologias. Se me convidam, participo. Se non, tá tudo bem, non fico me lamentando como um passarinho viadinho ressentido (POEMA III).
SD 2
el artista selvagem está solinho mas nem por isso fica se lamentando como um passarinho viadinho (POEMA I).

As duas sequências discursivas acima são de poemas diferentes e tem como ponto em comum um enunciado: “passarinho viadinho”. Essa expressão, discursivamente, carrega uma série de efeitos de sentido, sobretudo em condições de produção de discriminação, desigualdade, violência. Nela, estão concentrados uma série de já ditos de uma formação discursiva homofóbica. Chorar, lamentar-se, demonstrar algum tipo de fraqueza é algo atribuído, mesmo em uma esfera que se reconhece como resistência, ao homossexual, nomeado pejorativamente de “viadinho”. Ora, esta não é uma resistência em que o sujeito homossexual, ainda que marginalizado, possa se sentir à vontade, fazendo parte de algo que o represente. O sujeito do portunhol selvagem tem re-inscrito no seu discurso o discurso da ideologia [da classe] dominante, que é patriarcal e, como consequência, machista e homofóbica.

No interior da ideologia dominada é que se exerce a ideologia dominante, numa relação de dependência que marca a contradição e as falhas, mascaradas, porém, sob o efeito de evidência da oposição/antagonismo. É necessário perceber e problematizar a ilusão de um uno ideológico, efeito de interpretações simplórias que permeiam o imaginário social acerca da revolta e que se materializam no discurso de resistência. De acordo com Pêcheux:

Desligar-se do efeito religioso que aí se veicula é antes de tudo reconhecer que, mesmo no espaço ideológico feudal-monárquico, e a fortiori nas condições contemporâneas, as ideologias dominadas se formam sob a dominação ideológica e contra elas, e não em um “outro mundo”, anterior, exterior ou independente. (PÊCHEUX, [1982], 1990, p.16)

Isso se repete quanto à ideologia patriarcal, presente no discurso em e sobre portunhol selvagem. Essa ideologia dominante, entendida como instância definida pelo processo histórico-discursivo, tem sua materialidade enraizada na produção dos sentidos e na produção do sujeito. A figura feminina, em geral, aparece na produção do portunhol selvagem como musa, a Yiyi:

Jambo es uma fruta abundante en el nordeste brasileiro; a la vez se refiere a un color achocolatado de piel feminina. Yiyi Jambo significa chica morena piel tono chocolate. (Entrevista III)

Me faz bem que miles de yiyis hermosas como Márcia Tiburi me leiam... Hasta Maitê Proença, que debe ser muchíssimo mais hermoza de lo que aparenta en la moldura de la tele, dicen que recentemente hay leído um trecho d'El Astronauta Paraguayo en suo programa pollerita mykymy justita... ¡Baaaaaaah!... Non quer dizer nada, pero fico feliz, porque escrevo sobretudo también ou também sobre tutti kuantu para ustedes, hermozas yiyis de toda la Gluebolândia, escribo para ustedes, non para los boluditos (Entrevista III).

Enquanto os homens são majoritariamente citados em um rol de referências culturais para o sujeito do portunhol selvagem, reconhecidos intelectualmente, as Yiyi são as “hermosas” que leem a produção selvagem. Isso satisfaz o sujeito sem que, para ele, signifique algo muito relevante: “Non quer dizer nada, pero fico feliz”. Mesmo citando uma filósofa renomada por seu trabalho e uma atriz/escritora muito reconhecida, em seu discurso, isso é apagado, o que interessa ao portunhol selvagem é que elas sejam “hermozas yiyis”.

### **Uma não coletividade: a ficcionalização do portunhol selvagem.**

A ideologia fornece as evidências pelas quais todo mundo sabe o que é algo. Essas evidências mascaram, sob a transparência da linguagem, o caráter material do



sentido das palavras e dos enunciados. No caso do portunhol selvagem, parto do sentido de determinadas palavras e enunciados para tratar do cunho ficcional e pessoal dessa língua. Um traço linguístico que marca a questão de pessoalização e não coletividade da língua dita selvagem e representativa de determinada fronteira são os pronomes possessivos e pessoais “mio/meu” “suo/seu”, “me”. Eles são recorrentes no discurso do sujeito:

Entrevista I	<b>mio</b> portunhol selvagem.
	[o portunhol selvagem] brota de las selvas de <b>mio</b> corazon y de los corazones de los habitantes de las selvas desconocidas de la frontera del Brasil com el Paraguay.
	Cada um tem <b>suo</b> propio portunhol selvagem. <b>Mio</b> portunhol selvagem pode incorporar palabras de todos los idiomas que existen (...)
	Mandei mio primeiro libro [em portunhol selvagem] ao Manoel de Barros, que é mio amigo y mio abuelo selvagem, y ele me mandou uma carta dizendo que de hecho había yo encontrado <b>mio</b> verdadeiro modo de ser.
	<b>mio</b> portunhol selvagem pode ser feo, bizarro, bello, tuerto, ruprestre, diferente, dislexico
	Todas las lenguas del mundo son importantes para <b>mio</b> portunhol selvagem.
	Poco importa se el portunhol selvagem <b>me</b> escolheu ou si yo lo he escogido.

As recorrências linguísticas acima elencadas são um indício, colocam em xeque o fato de o portunhol selvagem ser reconhecidamente uma língua representativa de uma fronteira geográfica, como o portunhol de vertente comunicacional e pragmática, que faz parte da vida ao mesmo tempo em que é marginalizado oficialmente. Essa contradição me ajuda a problematizar a questão

dessa multilíngua como acessível a todos, desta vez pelo viés de que talvez não seja algo que de fato funcione de modo espontâneo, como algo que “brota de las selvas de mio corazon y de los corazones de los habitantes de las selvas desconocidas de la frontera del Brasil com el Paraguay”.

Por esse entendimento, o portunhol selvagem não seria algo representativo de uma coletividade fronteiriça, mas sim uma espécie de criação poética, representando também um paradigma ficcional. Se o real precisa ser ficcionado para ser pensado, a política e a arte, assim como os saberes, constroem suas ficções, rearranjos das materialidades, das relações entre o que se vê e o que se diz, entre o que se faz e o que se pode fazer. Isso pode ser observado quanto ao projeto de tradução textos literários já publicados na língua selvagem:

#### ENTREVISTA I

**Para finalizar, poderia nos comentar sua prática de tradução para o seu portunhol selvagem?**

D.D.: Desde que publiqué el primer libro, vengo teletransportunholizando textos que me interesan al portunhol selvagem, como fragmentos de Gombrowicz (Ferdidurke, a partir de la versión de Virgilio Piñera et alia y “Kontra los poetas”, a partir de uma versão ao portugues brasileiro de Marcelo Paiva)... Uso vários nombres para realizar esa operación de traduzione inbentada, digamos: transdeliramientos, transinbenciones, transdidiversiones, teletransportunholizaciones... Me gusta la idea de teletransportunholizar, que implica em teletransportar textos de autores de todas las direcciones y épocas al portunhol selvagem del siglo XXI. Procuo traduzir el espirito del texto, el quem de la poesia, el teko ete (o modo de ser de la energia del texto) em vez de traicionarlo fielmente ou simplemente traicionarlo ou traduzir literalmente apenas el significado. Algunas vezes me parece que tengo exito, como en la teletransportunholización del Ayvu Rapyta, joya rara mbyá guarani de la literatura ameríndia. Considero también esas operaciones como ejercicios free-style, training para la própria escritura, y a la vez, ejercicios de teletransportunholizaciones...\*  
Pretendo también juntar em um bolumen intitulado Teletransportunhol Selvagem las

transdeliraciones que fiz de Edgar Allan Poe, Malcom Lowry, Baudelaire, Rimbaud, Fernando Pessoa, Manoel de Barros, Ezra Pound, entre outros poetas que curto, teletransportando assim textos de distintas épocas y lenguas a esta língua neoantigua que es mio portunhol selvagem del siglo XXI...

*\*grifo meu*

Se a tradução se constitui como um exercício, treino para a escritura em portunhol selvagem, o efeito de sentido que advém disso é o fato de a atividade poético-literária desse sujeito não se caracterizar por ser algo espontâneo. Trata-se de um projeto. E esse projeto é construído por meio de uma ficcionalização, uma história de “suo” próprio portunhol selvagem:

Mas aos dois anos tive de voltar com a minha mãe para a fronteira. Ela precisava me ensinar o portunhol selvagem, uma língua que não existe, mas que foi la língua em que sempre nos comunicamos inventando-a no calor da hora (Entrevista II)

Non houvesse nascido yo del amor de uma paraguaya e um brasileiro, certamente non haveria o meu portunhol selvagem (Entrevista II)

A volta com a mãe para a fronteira, toda uma mudança de vida, não se daria exclusivamente para o ensino/aprendizagem do portunhol selvagem, uma língua que “não existe”. A sequência discursiva marca tal atividade como uma necessidade, narrativizando a língua com ares poéticos de ser criada “no calor da hora”, de ser algo da família. Isto é, ou ela se trata de uma língua espontânea, ou ela exige treino para sua produção. Contradições como essa expõem a ficcionalização do portunhol selvagem e sua existência como um ato de resistir mais da ordem do poético, do estilístico e do simbólico do que qualquer outra coisa. Como sintetiza o próprio discurso do sujeito: “Em mio caso, atenti, es el portunhol quem es selvagem, non el Douglas Diegues” (Entrevista III). Depreende-se um objetivo de desestruturação mais relacionado à ordem do simbólico.

## Uma in(cômoda) resistência poética e simbólica

O gesto de interpretação que desenvolvi até aqui problematizou a posição de resistência reivindicada para si pelo portunhol selvagem. A partir disso, pude reconhecer a resistência deste movimento como sendo simbólica, antes de ser econômica, linguística e social, conforme seu discurso apresenta como evidência, na transparência do sentido que nele se forma.

Sob tal interpretação, apreendo a instabilidade na tomada de posição do sujeito, a qual também indica a identificação com a formação discursiva que o domina. Isso apóia-se no fato de que os elementos do interdiscurso que constituem, no discurso do sujeito, os traços daquilo que o determina, são re-inscritos no discurso do próprio sujeito. A primeira instabilidade no cruzamento de posições a que me refiro é quanto à reprodução do juízo de valor excludente, ou seja, o sujeito do portunhol selvagem, ao fazer acepções literárias, reproduz o expediente usado pela literatura “oficial” e (re)conhecida .

SD 1
Hoy dia creo en que existem duas vertentes literárias que se imponem sobre cualidades y logros estéticos y exigencias y verdades inventadas y bersiones falsificadas: las literaturas aburridas y las non aburridas. (Entrevista I)
SD 2
[o portunhol selvagem] tem como interlocutores los lectores cansados de la normalidade literaria, por um lado, y de las literaturas aburridas, por outro... (Entrevista I)
SD 3
Aliás: el mundillo literário oficialezko es algo protokolar, falso, burocratizado, solenezko, vanidosamente aburrido... (Entrevista II)
SD 4
Literatura ruim parece gordura vegetal hidrogenada: non convence nem las baratas (Poema III).
SD 5
(...) antologias raras, ou vergonzosas, ou para enganar a los tontos (POEMA III)

Todo julgamento de valor assenta-se em um processo de exclusão, o critério que inclui ou exclui um texto não é literário nem teórico, trata-se de algo ético, social, ideológico, ou seja, sempre algo de viés extraliterário. Conforme o discurso em e sobre portunhol selvagem, existem dois tipos de literaturas (SD 1), as “aburridas” e as “non aburridas”, e, conseqüentemente, o portunhol selvagem se autolegitima como uma produção literária “non aburrida”, colocada em posição privilegiada em relação às demais. O mundo literário oficial, ao qual o portunhol selvagem diz não (querer) pertencer, é tomado de maneira pejorativa, sendo desqualificado (“el mundillo literário oficialezko” SD 3). Nisso, se assume um juízo de valor de todo modo excludente, que diminui o outro para se legitimar. Há uma literatura ruim (SD 4) ou aburrida, mas quem a qualifica dessa maneira? É ruim e chata para quem? Por quê? E, ainda, por qual motivo a literatura precisaria convencer (SD 4) alguém de alguma coisa? Já que se coloca como fora desse sistema “oficialezko”, falso e vaidoso, o sujeito do portunhol selvagem qualifica de modo generalizado a obra produzida por ele, como na SD 4. Tal procedimento funciona de modo próximo ao que afirma Ranciére (2012): muitas vezes, o sujeito pode zombar das ilusões de um sistema, mas reproduz sua lógica.

Diante disso, o entendimento do sujeito do portunhol selvagem segue dividindo a atividade poético-literária de maneira quase maniqueísta, fundando o seu próprio mundo oficial. As sequências discursivas em destaque no último quadro são bastante elucidativas quanto ao fato de que, para esse movimento, a resistência se dá justamente nesse ponto de discordância em relação à atividade poética, nessa necessidade de novos e atualizados recursos simbólicos. **Escolhi chamar essa resistência de (in)cômoda por considerá-la, muitas vezes, conveniente e confortável ao sujeito do portunhol selvagem ao mesmo tempo em que perturba e desafia padrões poéticos e literários fortemente estabelecidos.**

A resistência é cômoda ao sujeito pois ele tem condições de resistir, ele pode se manter à margem do mercado editorial oficial, pode escolher ser multilíngue, uma vez que tem o aporte financeiro e todo um arcabouço cultural, intelectual e linguístico para ler e escrever desta maneira. Contudo, a resistência é incômoda para as línguas oficiais, para o mercado editorial, para padrões normativos e totalitários que configuram a ideologia [da classe] dominante. É um resistir necessário, mas ainda um resistir no/do alto, que não desestrutura o íntimo de questões econômicas, sociais,

políticas e de classe, como pode sugerir a evidência. A vitória dessa resistência é poder existir poeticamente sendo exatamente quem é. As sequências discursivas abaixo condensam um pouco a respeito disso:

SD 1
Voltando a los libros cartoneros, digo que son una espléndida fuente de lecturas e inspiraciones para jóvenes de todas las edades y, a la vez, una hermosa oportunidad para conocer parte de lo mais significativo que se escreve nel calor de la hora selvática post-latrinoamericana (Entrevista III)
SD 2
Foi muito divertido y depois de algumas semanas eu estava nel fliporto, la festa literária de Porto de Galinhas (Entrevista II)
SD 3
Yiyi Jambo, la primeira Cartonera do Paraguay, ficou conhecida no mundo inteiro (Entrevista II).

Retomar a sequência discursiva “Non creo en la existencia de lenguas superiores ou inferiores” ajuda a problematizar a contradição constitutiva das sequências discursivas acima. Como indica a SD 1, os livros cartoneros são apresentados como uma mais significativa e esplêndida alternativa de leitura e inspiração para quem está interessado em uma atividade poética atualizada. Por sua vez, a SD 2 e a SD 3 assinalam o quanto, em seu funcionamento, o portunhol selvagem não está completamente à margem, mas sim é algo que segue circulando em festas literárias, sendo publicado em revistas importantes não só na esfera científica, acadêmica, mas também na de cultura geral. A “lengua” selvagem, de modo concomitante, coloca-se como marginal, não fazendo parte de determinado sistema, e como superior, por resistir e, ainda assim, desenhar a sua história:

O Cristian de Napoli propôs a publicação de um livro meu a Eloisa cartonera. Eles toparam publicar e **fui leerlo no festival Salida al Mar de 2005 em Buenos Aires**. O homenageado do festival foi o poeta Raul Zurita. Depois fui apresentar “Uma flor” en la libreria se Buenos Aires, em 2006. **A Revista Ñ publicou três sonetos salvajes en sua página dedicada a la poesia**. Depois **o livro vendeu pra cacete en la editora-instalación da Eloisa Cartonera durante a Bienal de SP** (DIEGUES, 2009, grifo meu).

Discursivamente, então, a designação selvagem, para este portunhol, corrobora as relações de referência instáveis, produzidas pelo cruzamento de diferentes posições-sujeito, sendo necessário relativizar a evidência do laço nome-coisa para que erija a contradição. A resistência precisa ser considerada na contradição entre a sujeição ao poder e a luta contra o poder. Há uma alternância do movimento portunhol selvagem: ora o sujeito apresenta certo reconhecimento em relação à norma, à tradição e a critérios totalitários; ora usa esse reconhecimento para desprezar tais fatores e se estabelecer como diferença; ora os reproduz, já que é interpelado pela ideologia [da classe] dominante.

A relação instável constatada entre objeto e discurso, visto a não estabilidade dos discursos, expõe o objeto teórico à diferença. Resistir, nessa condição de produção, carrega uma combinação de identificação e contraidentificação com as evidências das formações discursivas imbricadas com as formações ideológicas, as quais se encontram reguladas hegemonicamente pela ideologia dominante. Como língua e movimento poético, portunhol selvagem tem seus processos discursivos inscritos em uma relação ideológica de classe e os desenvolve a partir de uma base linguística que se sustenta em regras internas de bases linguísticas e históricas determinadas, ainda que funcione de modo a desestruturá-las.





## ÚLTIMAS PALAVRAS

*Isso de poetas maiores o menores me parece una bobagem que deriva de la vanidad de los sábelo tutti cagadores de reglas. Solo hay poemas maiores o menores. La gran mayoría de los poetas son unos boludos que se creen más importantes que um pelo de bola para el universo.  
(DIEGUES, 2018)*

Quando tive a oportunidade de conhecer o portunhol selvagem, por meio de minha orientadora, mais do que alguma estranheza em relação à língua, logo me chamou atenção a sua capacidade de resistência. Por mais que, para olhos exteriores, o espaço da arte se apresente comumente como um quase “vale-tudo”, é fato que a Literatura tem suas regras, seu grande peso formalista, que imprime domínios e margens. Resistir em um espaço que, a princípio, seria também seu, mas que na prática você precisa fazê-lo seu, faz parte do cotidiano de quem habita a margem. E esse princípio revolucionário sempre me interessou.

A questão de pesquisa desta tese explorou os efeitos de sentido da designação selvagem e as contradições que a poética desse portunhol produz ao se colocar como resistência. Meu objetivo, no interior da questão teórica proposta, foi problematizar o funcionamento do portunhol selvagem como poética de resistência a partir de discursos selecionados em e sobre o portunhol selvagem. A todo tempo, defendi uma abordagem discursiva nesta tese, procurando, com isso, inseri-la em uma prática linguística não linear, mas sim que considera os equívocos, os encontros e desencontros, as quebras de percurso, os contatos. Se a irrupção do equívoco afeta o real da história, isso se revela especialmente pelo fato de que todo processo revolucionário incide também na língua.

Retomando Pêcheux, rememorei em meu texto que a pretensão revolucionária se dá a partir deste contato entre o que é da ordem do visível e o que é da ordem do invisível. A língua é um lugar em que é possível a produção do invisível, ou seja, essa resistência em funcionamento no interior da ideologia dominante manifestando-se também linguisticamente. Onde há poder, existem também formas de resistência a esse poder, e o portunhol selvagem é um exemplo disso, o exemplo que escolhi recortar. O resistir, em todo caso, não se dá sem tensões, uma vez que as relações de poder funcionam contraditoriamente, e as contradições se inscrevem na língua. Como o ritual da linguagem é sujeito à falha, esta é constitutiva da língua, e isso que torna possível a resistência. Por sua vez, a resistência é também concomitante ao processo de interpelação do indivíduo em sujeito do discurso, sendo esse processo necessário para que haja qualquer transformação das práticas históricas e a instituição de novos e outros sentidos.

O portunhol selvagem, muitas vezes, supera as regras formais das línguas padronizadas, forjando-se simultaneamente em uma suposta espontaneidade e no

empolado trabalho artístico. Essa constituição permitiu que, durante este trabalho de pesquisa, eu reconhecesse nele o funcionamento da língua como objeto do simbólico, político e poético. Ao passo que a relatividade histórica, coadunada a uma ideologia de unidade e nacionalidade, coordena um julgamento de valor que marginaliza o portunhol selvagem sem ter em conta o seu funcionamento interno, este ganha existência como uma atividade poético-literária que tem um objetivo de desestruturação. Esse objetivo não é da ordem do linguístico, mas do simbólico.

Para concluir essa série de resultados de meu gesto interpretativo, lembro que minha questão analítica se ramificou em várias etapas, que foram respondidas no decorrer do texto e que, em síntese, eu recupero neste último momento:

1) Por que esse portunhol é designado selvagem?

Como a língua está sempre relacionada com a história e com os sujeitos, a designação nunca só classifica, ela sobretudo identifica, lembra que o selvagem possui materialidade histórica. Disso resultam relações de referência instáveis, produzidas pelo cruzamento de diferentes posições sujeito. Esses encontros e desencontros de posições demarcam os objetos e fazem com que a mudança de posição-sujeito recorte uma outra memória de dizer. As mesmas palavras, expressões e proposições mudam de sentido na atualização da posição-sujeito e sua obviedade de significação está no próprio sujeito. Para o sujeito do portunhol selvagem, parece óbvio que essa designação trabalha de modo revolucionário, de modo a valorizar o que sempre foi desprezado pelo centro, pelo “civilizado”. Então, o portunhol é designado selvagem por um entendimento de que esse nome, o qual historicamente carrega a questão indígena de modo pejorativo e excludente, funcione de modo atualizado e positivo.

2) O que significa, em tais condições de produção, ser selvagem e que efeitos de sentido e contradições essa designação produz?

Quando designa o seu portunhol de selvagem, a partir de sua obviedade, o sujeito que o nomeia deixa entrever também as posições-sujeito que estão se cruzando nesse processo. Uma delas se dá pelo fato de que esse sujeito está inscrito em uma regularidade histórica que o faz, de fato, ver-se como margem, ver-se hoje como habitante da “selva”, como alguém que não faz parte. A ideologia dominante segue trabalhando no inconsciente, mesmo na resistência. Ao se identificar, como

selvagem, o sujeito deste portunhol, no processo de designação, acaba assumindo a visão do colonizador para lutar contra ela.

### 3) Como isso faz funcionar determinada poética?

Tendo em vista que o portunhol selvagem, como processo de escritura, não é da ordem do categorizável, meu percurso investigativo identificou-o como uma poética literária que conduz uma resistência simbólica, jogando com as as categorias da gramática normativa, da unicidade e uniformidade de idiomas estanques, bem como desafiando esse tipo de concepção de língua. Ainda assim, a escrita em e sobre portunhol selvagem é responsável por ampla difusão e consolidação do movimento poético, conferindo-lhe um status atualizado, uma hierarquia social, cultural e política outra, não apenas à margem de um centro, mas habitando o centro de uma outra história. A partir dessa perspectiva, foi possível reconhecer no portunhol selvagem o funcionamento da língua como objeto do simbólico, do político e do poético, um lugar de reconhecimento considerando a historicidade do sujeito que vive nesse mobilizar de línguas na/da fronteira, resultando em uma atividade poética específica. A manifestação do equívoco na língua é caracterizada como prática revolucionária e política, esse é um dos movimentos observáveis nos efeitos de sentido e na significação da atividade poética do portunhol selvagem.

### 4) De que fronteira estou tratando ao abordar o portunhol selvagem?

Em condições de bilinguismo ou multilinguismo em um mesmo espaço, as quais são características de fronteiras geográficas, há variadas formas de encontros linguísticos, o que pode originar espaços atualizados de discursivização. Assim, a fronteira quase nunca é só econômica, territorial, pragmática; pode também ser afetiva, cultural, artística. No caso do portunhol selvagem, a fronteira configura-se como um espaço que significa, sobretudo, simbolicamente. Essa força simbólica consegue, a partir de seu movimento de resistência, colocar-se acima das fronteiras geográficas. Por meio de uma reconfiguração simbólica, há possibilidade de construção/existência de um lugar discursivo atualizado.

Esse breve resumo de como fui conseguindo responder minhas questões analíticas por meio de análise e interpretação foi o que sustentou o desenvolvimento da questão teórica. As respostas acima trouxeram com elas a importância de problematizar especificamente que, por meio do portunhol selvagem, o sujeito que se constitui na e por essa língua busca realizar o seu ideal de unidade, o modo como

ideologicamente podem e devem funcionar juntas todas as línguas que o compõem, até mesmo com lugares bem estabelecidos para cada uma delas no interior desse funcionamento, como é o caso, sempre destacadamente especial, das línguas indígenas (cf. seção 3.5).

A evidência faz antever de maneira simplista que a designação selvagem indicaria o fato de esse portunhol ser inovador, original, espontâneo. Contudo, esses atributos pressupõem, ainda, uma comparação com características regulares ditadas para as línguas pela ideologia dominante e centralizadora. A originalidade e a inovação não passam de um efeito de sentido e de uma ilusão do sujeito ao se supor origem do seu dizer. O sujeito se constitui pelo esquecimento daquilo que o determina, contudo, não deixa de ser determinado, constituindo-se o caráter intrinsecamente contraditório de todo modo de produção que se baseia numa divisão de classe. O decorrer de minha pesquisa me permitiu dizer que a institucionalização das línguas oficiais segue funcionando na organização interna do portunhol selvagem. As línguas mobilizadas pelo sujeito, assim, já têm sentido.

Por mais que o termo selvagem esteja sendo retomado por uma posição-sujeito atualizada, que tem outro tipo de identificação com a forma sujeito e recorta uma outra memória de dizer, ele carrega, na opacidade de sua materialidade, sentidos históricos. E não se livra da comparação com o centro, com o que é regular, uma vez que os elementos do interdiscurso que constituem, no discurso do sujeito, os traços daquilo que o determina, são reescritos no discurso do próprio sujeito. Há uma configuração própria segundo a qual o nome portunhol selvagem possui sua historicidade de sentidos, identificação que se dá a uma formação discursiva dominante. A designação não é algo abstrato, mas linguístico e histórico.

O selvagem não o é por si só, o portunhol é historicamente selvagem. Designá-lo assim lhe garante uma existência histórica turbulenta. Por isso, o caráter tão contraditório dessa resistência poética. As palavras, expressões, proposições, recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas, e a objetividade material contraditória do interdiscurso que determina uma FD como tal é dissimulada na transparência do sentido que nela se forma. O movimento portunhol selvagem trava uma luta contra o poder ao mesmo tempo em que se vale desse privilégio de poder para conseguir resistir. Não é por mera contraposição direta e dicotômica entre

ideologia dominada e ideologia dominante que se dá a resistência, ela tem seu lugar na falha constitutiva da língua, na própria ideologia.

Outro destaque importante que gostaria de fazer nestas últimas palavras é acerca da resistência que encontrei, em momentos de compartilhamento científico do meu trabalho de pesquisa, no que diz respeito ao fato de eu estar tratando a Literatura como arte e não como ciência. A sensação que tive é de que, ao falar sobre a arte em efervescência que é o portunhol selvagem, meus pares esperavam que eu falasse sobre tudo: as capas dos livros cartoneros, suas cores e relevos, a transgressão das artes plásticas, o reaproveitamento do papel, a forma; mas falar sobre a arte das palavras, da língua, parecia pouco, não era suficientemente arte.

Contudo, esse foi exatamente o meu recorte, e não me dispus a abrir mão dele. Sempre que me referi a arte neste trabalho, eu estava tratando de Literatura. E esta atividade artística foi colocada como mais um modo de o indivíduo se apropriar da língua e, a partir disso, constituir-se sujeito. Porque é assim que a língua faz sentido, pela apropriação do sujeito, produzindo discurso. O trabalho literário contemporâneo é majoritariamente voltado para as editoras e pensado em relação ao livro como parte de um mercado. Aliado a isso, de um ponto de vista formalista, a literatura aparece como necessariamente vinculada a uma ideia de Estado-Nação.

Nessa compreensão, tratar de literatura é tratar também de livros e de línguas oficiais/nacionais. A determinação de línguas nacionais reguladoras trabalha para cingir o modo como o sujeito se apropria da língua, sua almejada ilusão de unidade, regularidade e normatividade funciona como um mecanismo político de segregação do outro. O espaço de funcionamento e de constituição do portunhol selvagem configura-se pela presença e encontro de línguas ditas oficiais e nacionais, por seu pertencimento normativo a determinado território. O não reconhecimento da língua amalgamada se dá por meio da ideologia, funciona pela dominância de práticas históricas que asseguram, teoricamente, a sua marginalização.

No entanto, o sujeito se constitui na e pela língua das mais variadas maneiras, não só pela limitação imaginária Estado-Nação, e produz literatura não só por meio das grandes editoras. Isso propicia à Literatura, especialmente, a sua efervescência, o seu ser arte por excelência. No caso do portunhol selvagem, há um sujeito que se apropria desta língua plural, produzindo, em seu discurso, determinados sentidos. Assim, e sem perder de vista o conceito de língua para a AD, esta tese transcorreu

tendo como ponto central o fato de o portunhol selvagem ser uma língua e de sua produção ser literatura. Toda vez que isso foi, de algum modo, negado, foi sob uma perspectiva oficial-nacional-totalitária, usada como base para a contra-argumentação.

O portunhol selvagem, como língua, desenvolve seus processos discursivos a partir de um eixo linguístico que é sustentado por regras internas de bases linguísticas, sociais e históricas diversas, ainda que funcione de modo a desestruturar essas mesmas regras. A partir de tal interpretação, o portunhol selvagem é uma língua de todos e de nenhum lugar, ao mesmo tempo produtora e produto desse encontro de línguas. A língua dita selvagem expõe, poética e simbolicamente, um panorama linguístico heterogêneo, que vai muito além da dualidade português-espanhol e que se dá em efervescente funcionamento. Uma língua considerada desterritorializada e que funciona em um espaço cultural das línguas oficiais é, de certo modo, um interdito. Ela tem suas raízes questionadas, seu pertencimento faz-se concomitantemente vários e nenhum.

A escrita em portunhol selvagem tensiona as categorias de nação e de literatura nacional, pois desestrutura as noções de língua única, língua materna, identificação e território. Já não se trata de uma língua da fronteira geográfica, ser arte dá a ela um poder de transpor limites imaginários, que, por serem imaginários, parecem ainda mais fortemente estabelecidos. O ato linguístico não foi o objeto principal desta pesquisa, mas busquei, através dele, perseguir certo efeito, de ordem histórica, uma vez que é dessa maneira que a literatura pode ser revolucionária: jogando com a língua para (tentar) mudar a vida. Nesse caso, a insubordinação mostrou-se um componente do sentido.

É imperioso para o funcionamento do portunhol selvagem que ele se filie a uma constante invenção, sustentadora da ficcional ausência de limite a cada nova produção poética. Essa língua precisa se realizar “incorretamente”, isto é, não se trata exatamente de um movimento original, mas sobretudo de um movimento impróprio em relação à ideologia que o interpela. Conceber igualdade ou alguma comparação quanto às línguas oficiais enfatiza a resistência, o portunhol selvagem tem a necessidade de seguir se comparando a modelos pré-estabelecidos. Por meio das contradições, são expostas a ficcionalização do portunhol selvagem e sua existência como um ato de resistir mais da ordem do poético e do simbólico, fazendo funcionar, na arte, o político. O efeito de sentido da liberdade também é necessário para inventar



a selvageria: é preciso NÃO ser para resistir, seu “não” revela sentidos outros em sua contraidentificação. Aliás, a língua designada selvagem só existe e produz sentido em condições de produção de contraidentificação.

A resistência se dá justamente nesse ponto de discordância em relação à atividade poética, nessa necessidade de novos, atualizados e representativos recursos simbólicos. Prefiro chamar essa resistência de (in)cômoda por considerá-la, do ponto de vista histórico, cultural e econômico, conveniente e exequível ao sujeito do portunhol selvagem, ao mesmo tempo em que perturba e desafia padrões linguísticos, poéticos e literários tradicionalmente estabelecidos. Trata-se de um resistir necessário, no entanto, ainda um resistir que se dá sobretudo pelo poder, não desestruturando de modo profundo, por exemplo, questões econômicas e de classe da fronteira, do Brasil, do Paraguai.

Essas conclusões têm como base contradições constitutivas do discurso de resistência do portunhol selvagem – que é também o que o torna capaz de resistir: seu funcionamento de luta contra o poder se dá ao mesmo tempo em que seu sujeito é enraizado na classe dominante, originária de uma ordem colonial e patriarcal. O sujeito do portunhol selvagem não escapa à sua experiência de classe, vive de maneira em que pode usufruir da intelectualidade dos privilegiados. O privilegiado não é apenas quem tem capital de consumo, mas sobretudo quem dispõe de capital cultural. Em condições de produção fundamentadas em desigualdades históricas, escrever e ter sua escrita reconhecida é poder, é habitar uma posição privilegiada. O sujeito do portunhol selvagem é teoricamente (ou formalmente) marginal ao mesmo tempo em que goza deste privilégio. Por vezes, o cerne do movimento portunhol selvagem não inclui de modo significativo grandes interessados que ressignificam a língua: os indígenas, os pobres da fronteira, a população marginal. Nas oficinas de produção de livros cartoneros, talvez, mas quem de fato lê, continua sendo, majoritariamente, intelectuais que não vivem a margem.

O ambiente literário não é, nem de longe, nem como uma produção dita alternativa, um ambiente inclusivo. E, com o portunhol selvagem, a questão não se coloca de modo muito diferente. Não é porque o sujeito se posiciona como representante poético de uma fronteira por ele ficionalizada, que o seu discurso e a sua língua representarão a fronteira em sua fluidez. Muitas vezes, o sujeito do portunhol selvagem partilha de uma experiência de classe que é contrária à sua

posição assumida como evidência. O real da língua não é costurado nas suas margens como uma língua lógica, ele é cortado por falhas. Em minha tese, busquei embrenhar-me no discurso do movimento selvagem. Por um período, estive tão envolvida com a poética, que assumi sua evidência, a tal ponto de precisar voltar e me apropriar do gesto interpretativo a contrapelo, lembrando o que determina o sujeito do portunhol selvagem e reconhecendo isso. Nem sempre se pode escolher não escrever como um bom aluno obediente à língua oficial do Estado. De modo que, agora sim, penso que escrever em portunhol selvagem tenha mesmo mais delícias que importâncias.

DIÁRIO 07/01/19

*Parece que los hijos de pueta están querendo oficializar el portunhol. Seria uma de las formas de empezar con la destruizione del portunhol. Por outro lado, el portunhol selvagem non existe. Enton será mais difícil destruir algo que non existe.*

*(Del diário de Douglas Diegues)*

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, J.L.C. As fronteiras do portunhol selvagem. In: **Revista TB**. Rio de Janeiro, 196: 89/108, jan.-mar., 2014

ALMEIDA, M.L.; SILVEIRA, A.C.; WEBER; A.F. Como o fantasma de solano rojas: o idioma guarani, seus silenciamentos e políticas linguísticas. In: **Cadernos do IL**, n. 52. Porto Alegre-RS: UFRGS, 2017.

ALÓS, A.P. Portuñol Selvagem: da “língua de contato” à poética da fronteira. In: **Caderno de Letras da UFF – Dossiê: América Central e Caribe: múltiplos olhares** n.45. Niterói – RJ, 2012.

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. Lisboa: Presença, s. d.

ATTI, F. D. Considerações acerca do movimento do Portunhol selvagem : o paradigma da osmose e a resistência cultural. **Babilônia**: Revista Lusófona de Línguas, Culturas e Tradução, 2013.

AUGUSTINI, C.L.H.; GRIGOLETTO, E. Escrita, alteridade e autoria em análise do discurso. In: **Matraga**, Rio de Janeiro, v.15, n.22, p.145-156, jan./jun. 2008.

AUROUX, S.. **A revolução tecnológica da gramatização**. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.

BECK, M. Aurora Mexicana. Processos de resistência-revolta-revolução em lutas populares da América Latina: O exemplo do discurso zapatista. **Tese** (Doutorado). Santa Maria, RS: UFSM, 2010.

COMPAGNON, A. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Tradução: Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. 2.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

COURTINE, J.J.; MARANDIN, J.M. (1980) Que objeto para a análise de discurso? In: CONEIN, B. et al. (orgs.). **Materialidades Discursivas** (A espessura da linguagem). Campinas, SP: Editora Unicamp, 2016.

COURTINE, J. -J. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCar, 2009. 250 p.

DERRIDA, J. **Gramatologia**. Trad. Míriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2008.

\_\_\_\_\_. **Mal de arquivo**: uma impressão freudiana. Trad. Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

\_\_\_\_\_. [1996] **O monolinguismo do outro** (ou a prótese de origem). Tradução de Fernanda Bernardo. Edições Chão da Feira, Belo Horizonte, 2016.

DIAS, L. F. **Os sentidos do idioma nacional**: as bases enunciativas do nacionalismo no Brasil. CampinasSP: Pontes, 1996.

DIEGUES, D. Corregirlo sería matarlo – Entrevista. In: **Revista abehache**. Ano 2. nº 2. Associação Brasileira de Hispanistas, 2012.

DIEGUES, D. **Tudo lo que você non sabe es mucho más que todo lo que você sabe**. VentoNorte Cartonero (Brasil). Julho, 2015.

\_\_\_\_\_. (2016) Translidação Selvagem – Entrevista. In: **Blog Malha Fina Cartonera**. Disponível em: <https://malhafinacartonera.wordpress.com/2016/03/09/transdeliracao-selvagem/> Acesso em 12Nov2017.

FERREIRA, M.C.L. O caráter singular da língua na Análise do Discurso. **Organon**. v. 17, n. 35. Instituto de Letras UFRGS, 2003.

FIORIN, José L. A construção da identidade nacional brasileira. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 115-126, 1o sem. 2009.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 13 ed. Tradução Laura F. A. Sampaio. São Paulo: Loyola, 2006.

GADET, F. Trapacear a língua. In: CONEIN, B. et al. (orgs.). **Materialidades Discursivas** (A espessura da linguagem). Campinas, SP: Editora Unicamp, 2016.

GADET, F.; PÊCHEUX, M. **A língua inatingível**: o discurso na história da linguística. Campinas: Pontes, 2004.

GRIGOLETTO, E. Do lugar social ao lugar discursivo: o imbricamento de diferentes posições-sujeito. In: **Anais do II SEAD** - Seminário de Estudos em Análise do Discurso. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

GUIMARÃES, E. **Semântica do acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. Campinas, SP: Pontes, 2ª edição, 2005.

\_\_\_\_\_. Política de línguas na linguística brasileira – Da abertura do curso de Letras ao Estruturalismo. In: ORLANDI, Eni P. (org.). **Política linguística no Brasil**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

\_\_\_\_\_. A marca do nome. In: **Revista RUA**. v.9 n.1. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

\_\_\_\_\_. **Os limites do sentido**. Campinas: Pontes, 1995.

HENRY, P. Fundamentos teóricos da análise de discurso de M. Pêcheux. In: **Uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas, UNICAMP, 1990.

INDURSKY, F. A fragmentação do sujeito em Análise do Discurso. In: INDURSKY, F. & CAMPOS, M.C. **Discurso, memória e identidade**. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2000.

\_\_\_\_\_. A noção de sujeito em análise do discurso: do desdobramento à fragmentação. In: ENCONTRO DA ANPOLL, 15., 2000, Niterói. **Anais**. Porto Alegre: ANPOLL, 2002.

LAGAZZI-RODRIGUES, S. A discussão do sujeito no movimento do discurso. 1998. 120 f. **Tese** (Doutorado em Linguística)-Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

LECOMTE, A. (1980) A fronteira ausente. In: CONEIN, B. et al. (orgs.). **Materialidades Discursivas** (A espessura da linguagem). Campinas, SP: Editora Unicamp, 2016.

LIMA, A.T. Nos cruzamentos da selvageria: uma poética do portunhol selvagem. **Dissertação** (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.

MARIANI, B. Subjetividade e Imaginário Linguístico. In: **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 3, Número Especial, p. 55-72, 2003.

\_\_\_\_\_. MARIANI, Bethania. Quanto vale uma língua? O apagamento do político nas relações econômicas e linguísticas. **Revista Encontros de Vista**. Ed. 2, p. 1-12, jul/dez 2009.

MARTINES, L. A. A política linguística de cooficialização da língua guarani em Tacuru/MS e seus desdobramentos políticos, sociais e pedagógicos. Ponta Grossa: UEPG, 2014. **Dissertação** (Mestrado em Linguagem, identidade e subjetividade) – Programa de Pós-Graduação em Linguagem, identidade e subjetividade, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2014.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **As formas do silêncio** — no movimento dos sentidos. 3 ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1995.

\_\_\_\_\_. **Discurso e texto**. Formulação e circulação de sentidos. Campinas, SP: Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Língua e conhecimento linguístico**: para uma história das ideias no Brasil. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. Nota introdutória à edição brasileira. In: CONEIN, B. et al. **Materialidades Discursivas**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016

\_\_\_\_\_. **Terra à vista** - Discurso do confronto: Velho e Novo Mundo. 2.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.

PAYER, O. Processos, modos e mecanismos da identificação entre o sujeito e a(s) língua(s). In: **Gragoatá**. v.18, ed.34. Rio de Janeiro, 2013.

PÊCHEUX, M. **Análise de discurso**. Textos selecionados por Eni Orlandi. Campinas, SP: Pontes editores, 2011.

\_\_\_\_\_. (1982) Delimitações, Inversões, Deslocamentos. In: **Caderno de Estudos Linguísticos**. Tradução: José Horta Nunes. , nº 19, Campinas, jul./dez, 1990: pp. 27-24.

\_\_\_\_\_. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni P. et al. (org.). **Gestos de leitura: da história no discurso**. Tradução: Bethania S.C. Mariani et AL. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994.

\_\_\_\_\_. (1975) **Semântica e Discurso**: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi, Lourenço Chacon Jurado Filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa e Silvana Mabel Serrani. 3. ed. Campinas. Ed. Unicamp, 1997.

\_\_\_\_\_. (1983) **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 4ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006, 68 páginas.

RANCIÈRE, J. **Políticas da escrita**. Tradução: Raquel Ramallete. Rio de Janeiro, RJ: Editora 34, 1995

\_\_\_\_\_. **A partilha do invisível**: estética e política. Tradução de Mônica Costa. São Paulo: Exo experimental, 2005.

\_\_\_\_\_. Política da Arte! (2005). In: **Urdimento**. Revista de Estudos em Artes Cênicas. Vol. 1, Nº15. UDESC, Florianópolis, 2010.

\_\_\_\_\_. **O espectador emancipado**. Tradução Ivone C. Benedetti. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

SCHERER, A.E. O nome da língua...Um modo de fazer... In: **Gragoatá**, Niterói, v.24, n. 48, p. 14-24, jan.-abr. 2019.

SERIOT, P. Limites, bordas e normas: a delicada constituição do objeto de conhecimento nas Ciências Humanas. In: *Organon*. Revista do Instituto de Letras da UFRGS. v.30. n.59. 2015.



MOREIRA, A. S.; O ato de nomear – da construção de categorias de gênero até a abjeção. In: XVI Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 2010, Rio de Janeiro. **Cadernos do CNLF**. Rio de Janeiro: Instituto de Letras da UERJ, 2010. v. 14. p. 2914-2926.

STURZA, E., TATSCH, J. A fronteira e as línguas em contato: uma perspectiva de abordagem. In: **Caderno de Letras da UFF**. v.26, n.53. Niterói-RJ, 2016.

VARGAS, F.A. Fronteiras literárias: as línguas ibéricas e o portunhol. **Anais do VI Congresso Internacional Roa Bastos**, Foz do Iguaçu, 28-30 set. 2011. Disponível em [http://www.nelool.ufsc.br/simposio2011/fronteiras\\_literarias.pdf](http://www.nelool.ufsc.br/simposio2011/fronteiras_literarias.pdf) Acesso em 21Jun2016.

ZANDWAIS, Ana. A forma-sujeito do discurso e suas modalidades de subjetivação: um contraponto entre saberes e práticas. In: **Actas do I SEAD**, Porto Alegre, 2003 .

ZOPPI-FONTANA, M. Identidades (in)formais. Contradição, processos de designação e subjetivação na diferença. **Organon**. Revista do Instituto de Letras–UFRGS. Porto Alegre, v. 17, n.35, jul/dez, 2003, p. 245-282. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/30027>>. Acesso em: 12 jul. 2018.

## ANEXOS

### ANEXO I

Entrevista I: “Corregirlo sería matarlo”

Entrevista a Douglas Diegues, poeta em “portunhol selvagem miri michi”. Pablo Gasparini, Ana Cecilia Olmos, Maite Celada (USP) 2012/1

Criado em Ponta Porã, fronteira do Brasil com o Paraguai, Douglas Diegues (Rio de Janeiro, 1965) desdobra uma língua poética que combina erraticamente os imaginários do portunhol e do guarani numa escrita que se pretende libertadora das instituições literário-linguísticas. Alguns de seus livros são *Dá Gusto Andar Desnudo por Estas Selvas* (Travessa dos Editores; Curitiba, PR, 2003); *Uma Flor na Solapa da Miséria* (Eloisa Cartonera, Buenos Aires, 2005); *Rocio* (Jakembo Editores, Asunción, Paraguay, 2007) e *DD Erotikon & Salvaje*, (Felicita Cartonera, Asunción, 2009). Convidado para o número sobre “fronteiras” de nossa revista, Douglas aceitou responder as perguntas via correio eletrônico e em seu “portunhol selvagem”. O espírito libertário da proposta de Douglas invadiu, discretamente, a formulação das perguntas que oscilaram entre o português e o espanhol. Decidimos apresentar o prazeroso diálogo sem nenhum tipo de intervenção. Encerra a entrevista um poema inédito, que o poeta, em consonância com a generosidade com que se posicionou nesta troca, nos enviou.

**Em qual língua você gostaria de responder para a nossa revista: em português, espanhol, portunhol ou “portunhol malhado de guarani”?**  
Prefiro responder vostras perguntas em mio portunhol selvagem michi miri. Me

expreso mejor em portuñol selvagem miri michi. Y me expreso mejor por escrito. Avanti.

**O que é que o portunhol selvagem michi mirim tem? Em que consiste, para você, a potência de dizer nessa língua e, mais precisamente, de nela dizer poesia?**

El portunhol michi miri tem uma gracia que impacta: es bizarro, feo, bello, contudente, desprendido, menor que menor, dibertido, alucinógeno, anacronico, selvagem, civilizadíssimo, delirante, en fin... Non se trata dum portunhol encenado desde um gabinete, pero sim ouvido primeiramente en las calles de la frontera de Punta Porã (Brasil) y Pedro Juan Caballero (Paraguay), y em ñande roga mi (nossa pequena casa), onde el portunhol era la lengua mais falada por mio abuelo, la xe sy (mi madre), la empregada, los parientes que venían a comer allí los domingos kuê. La primeira lengua en la kual me he expressado quando aprendi a falar non fue el portugues nim el español nim lo guarani, mas sim el portunhol de indole selvática. Por que selvagem? Porque que brota de las selvas de mio corazon y de los corazones de los habitantes de las selvas desconocidas de la frontera del Brasil com el Paraguay. Quanto a lo de la potencia, es muy original el portunhol selvagem, es una lengua neoantigua, que existe como habla y escritura, pero non como idioma y me permite dizer cosas antiguas de forma nueva, además de permitirme hacer poesia ou prosa com um power bem mais amplo de expressiónes que se escribiera limitado al português brasileiro ou al castellano paraguayano apenas, una potencia que consiste, obviamente, en selvagem y hermosíssima liberdade de linguagem.

**Borges declarou em alguma oportunidade que, assim como Goethe sentia que devia lutar com o alemão para escrever poesia, ele sentia que estava condenado a escrever poesia em espanhol e que teria gostado de escrever poesia em inglês. Nesse sentido, Barthes diz que, para o escritor, a língua é da ordem do dado, uma natureza, algo que ele não pode escolher. Poderia ser pensado nesse sentido o seu portuñol selvagem, levando em conta que foi a primeira língua na qual você se expressou, ou há algo da ordem da escolha e da invenção deliberada nela?**

Yo poderia hacer um par de poses, non? Y dizer esto y aquello. Pero para mi escribir

en portunhol selvagem es muy dibertido. Escribir em portunhol selvagem nunca foi algo massante, dificultoso, aburrido. Poco importa se el portunhol selvagem me escolheu ou si yo lo he escogido. Antes de escrever em portunhol selvagem, escribía em português brasileiro, pero he quemado uma pequena montaña de textos escritos em português brasileiro. Por qué? Porque mio português brasileiro ou fronterizo ou paraguaio, como sea, sempre me ha parecido um negócio muito falso. Entón empezei a escrever em portunhol selvagem. Y me senti muy bien. Escribir em portunhol selvagem era muito mais vuelo y dibertido. Mandeí mio primeiro libro ao Manoel de Barros, que é mio amigo y mio abuelo selvagem, y ele me mandou uma carta dizendo que de hecho había yo encontrado mio verdadeiro modo de ser, mio teko ete, mia escritura propia com leche personal e intransferibelle. Puedo agregar que, em materia de portunhol selvagem, non existem verdades absolutas. El portunhol selvagem es algo que segue inacabado, digamos, abierto, indomabelle. Además, pienso, non existe portunhol selvagem único. Cada um tem suo propio portunhol selvagem. Mio portunhol selvagem pode incorporar palabras de todos los idiomas que existem, indigenas, aliens, civilizados. El portunhol selvagem non tem limites!

**Isso que você chama de “pose” poderia ser entendido como uma determinada “política da literatura”? No seu entendimento o portunhol selvagem permitiria “zafar” dos discursos por demais “acadêmicos” ou “teóricos”?**

Poderia fazer uma pose nuebamente! Y justificar assim el portunhol selvagem com alguna respuesta que seja convincente y pueda engatusar a los teóricos profesionales ou non... Pero que hermoso va a ser kuando empiezen a escribir ensayos academikos ou teóricos em portunhol selvagem! Diria que el portunhol selvagem es como água. Se ubika siempre en lugares bajos. Y sirve a todos sin distincion: teóricos, lectores comuns, profesionales, amateurs, doctorandas, articulistas, periodistas, etc. Politicamente, es um negócio incorrecto. Sua naturaleza escurridiza non se deixa domesticar por uma hegemonia absoluta sobre el resto de los domínios teóricos ou akademicos. Es uma disfunción literaria incorrigibelle. Corregirlo sería matarlo. Gramatificarlo equivale a suicidarlo. No es competitivo, non quiere ser, simplemente lo es, com su mambo irracional, su libertad sem limites. Es local, es internacional, es transnacional, es literario, es post literario. Es una neo

lengua, a falta de um termino mejor o peor, desregulada y desregularizante. Tiene una gracia que molesta y encanta a la vez. Es menos literario y mais literario. Y non cuenta com apoyo financeiro estatal, editorial, midiatico, para gozar de una situacione pibilegiada respecto a los otros modos de entender, hacer, vivir la literatura de manera transgressora e insurrecta... Cada estado tiene sua literatura ofiziale. Y el portunhol selvagem es uma literatura non-oficial que pode ser situada, temporariamente, nesse lugar ninguno, entre ambos lados de las fronteras. ¿Me desexplico?

**O portunhol de Perlongher faria parte desse “portunhol selvagem”? Ou acha que o portunhol no caso do Perlongher está “explicado” ou “pretextado” demais, isto é, que o encontro do portunhol com a poesia neobarrosa seria uma dessas “poses” das quais você diz querer escapar?**

Nestor Perlongher fue uno de los primeiros a valorar el portunhol como lenguaje literário possible entre los lenguajes oficiales, ofizialistas, hegemonicos, nacionales. Perlongher percebeu las virtudes y las misérias del portunhol. Me encanta el modo como Perlongher lee el portunhol, aclarando que la lengua es importante, pero non lo es todo, pues que un boludo es un boludo, como también lo diria titia Gertrude, escribir en portunhol non es garantia de puerra ninguma... Non saberia dizer si el encuentro del portunhol com la poesia neobarrosa es uma pose ou non, sinceramente conozco poco lo neobarroco y lo neobarroso, he leído um par de antologias, he leído un poco a Lezama Lima em suo fabuloso talento verbal, he hablado con una hermosa Bomboncita sobre el tema, me encantan Osvaldo Lamborghini com sus frases y su ritmo impecabelles, el proceso mais que el producto, pero nunca he llegado a ninguma conclusiones definitiva... Myriam Ávila, que me leu y escreveu sobre los sonetos salvajes, dijo que mio portunhol non era uma encenacione, mas uma coisa visceral... Particularmente, siempre he preferido eso: ser visceral em vez de hacer pose, ser mais yo que eu mismo...

**E como descreveria o portunhol de Wilson Bueno em Mar Paraguayo?**

Descubrir Mar Paraguayo (antes de que apareciera en libro) en las páginas del glorioso Nicolau, la premiada revista literária que el propio Bueno dirigía, fue como descubrir um papyro raro del futur o, non escrito aun, pero ya publicado... Hermoso fue el impacto, em San Pablo, en la bilioteca dum centro cultural, quando he leído por

primeira vez algunos fragmentos del Mar Paraguayo. Y me empecé a preguntar: ¿cómo hacer literatura em portunhol después de Mar Paraguayo? Essa idea me anduvo pensando por mais de 10 años. Enton empezé a hacer mios sonetos selvagens shakespeareienses, que son sonetos y non lo son a un solo tempo. Y creo haber logrado hacer literatura em portunhol selvagem sem ser um emulo, sem ser um imitador vulgar del Mar Paraguayo... Porque el portunhol de Wilson Bueno me parece algo muy dele, muy selbajen, muy wilsonbuenienses, com su musica marafa, sus lágrimas de sangre de trabesti, su vibra própria, su guarani kontrabandeado, sus personajes di kontrabando, suo tono singular, imprevisible, elaborado, experimentale, transmarafonico, intransferible, bizarro, fantasmagoriko, elegiaco por vezes, com sus hermosos errores, que além de romper la frontera entre las lenguas de la triple frontera, se impone como literatura e post literatur a a la vez, como transpoiesis de frontera com origem propia... Considero Wilson Bueno uno de los proto inbentores de lo que llamo portunhol selvagem. Te puedo decir también que Haroldo de Campos em muchos fragmentos de Galáxias inventa um portunhol selbagem diferente, que se nutre de las palabras que circulan en las selvas urbanas de las big citys del mundo, um portunhol selvagem kosmopolita sem una única coma, um mix de lenguas que incorpora el portunhol, el latim, el alemán, el ingles, el italiano, post literário a full. Puedo agregar que penso nel portunhol selvagem de Wilson Bueno, y nel mix de lengua de Haroldo de Campos, y nel portugues selvagem de Souzandrade del Inferno de Walt Street y nel portunhol primitibo de los trovadores galaiko portugueses como algunos de los precursores del movimiento del non-movimiento del portunhol selvagem que puede ser considerado también el primer non movimiento post literario del mundo...

**¿Hay algún momento, alguna práctica en la que usa otras lenguas que no sea el portuñol selvage michi miri? (me imagino que puedo escribirlo así, huyendo de cualquier padronización).**

El portuñol sauvage es la base, la base antropofágica, neo antigua, que puede incorporar, además del guarani, palabras de otras lenguas, sean estas languasselvagens, tipo amerindias; lenguas civilizadas, ouropéias and anglo-americanas; y lenguas asiáticas, como el chino ou el ja pones, ou palabras del árabe, enquanto registro fonético. Pero la liberdade de linguagem, repito, non tem limites. Es

uma delícia y uma dádiva la gracia de poder rechazar padronizaciones, ortografias fixas, ortodoxías fonicas, ortopedías petroglíficas, em beneficio dela liberdade selvagem... Liberdade de linguagem como teko eté (em guarani el modo de ser autentico, verdadero, original nel sentido que tiene una origem própria) de la experiencia de insistir fazer literatura usando lo portuvaranhól como base, mezcla fértil de posibilidades, tercera infancia de la lengua irradiante, pero em mio caso antropofágico nel sentido oswaldreandadiensis. Esse es el portunhol selvagem que me interessa. Uma idea que tiene um power proprio. Que non le deve nada a nadie. Que es um fenomeno de la naturaleza. El portunhol selvagem que pode brotar de los corpos. El portunhol selvátiko que viene sendo inventado desde los trovadores galaiko portugueses como Martim Codax et alia, passando por Sousandrade, Oswald de Andrade, Haroldo de Campos y Wilson Bueno... ¿Cuál es esa lengua (o lenguas) y en qué espacios surge, con qué interlocutores? Essa lengua es uma non lengua neo antigua, podemos ubicar vestigios del portunhol selvagem entre los troubadores galaiko portugueses y en los kapos del macarrónico medieval, surge entre las fronteras de las lenguas ofiziales, y tem como interlocutores los lectores cansados de la normalidade literaria, por um lado, y de las literaturas aburridas, por outro... Um de los negocios hermosos de mio portunhol selvagem es que ele pode ser feo, bizarro, bello, tuerto, ruprestre, diferente, dislexico, tarová (loco em guarani), etc, pero dificilmente será aburrido... Mismo que voce non entenda muito claramente, se puede sentir algo que solamente el portunhol selvagem te lo puede dar...

**Su relación con el portuñol parece estar marcada por el goce y por eso se justificaría. Y no parece estarlo por una postura política (aunque los efectos de ese goce lo sean) ni lingüística, ni literaria (como era el caso de Kafka quien, de acuerdo con la interpretación de Deleuze y Guattari, llevaba hasta sus extremos el alemán de Praga, como una lengua menor). ¿Cómo definiría su relación con esa o esas otras lenguas? ¿Está o están marcadas por otros rasgos?** Yo diria que puede estar marcada también por el goce como postura post politika. El goce como post literatura. El goce como liberdade de lenguaje. Todas las lenguas tienen su poesia. Non creo en la existencia de lenguas superiores ou inferiores. Nim creo em que existan lenguas maiores ou menores, mejores ou piores, altas ou baixas. Todas las lenguas del mundo son importantes para mio portunhol selvagem, todas las

lenguas podem ser amadas a la moda antigua. Diria que tengo um caso de amor com las lenguas de la triplefrontera. Um caso de amor libre, que non excluye a otras lenguas, nim deixa de lado a las lenguas que non circulan por la triplefrontera. Todas las lenguas podem ser aproveitadas para se escrever um poema-nouvelle ou um relato-poema ou uma protonoubelle en versos desde el portunhol selvagem. Hoy dia creo en que existen duas vertentes literárias que se imponem sobre cualidades y logros estéticos y exigencias y verdades inventadas y bersiones falsificadas: las literaturas aburridas y las non aburridas. Yo intento hacer del portunhol selvagem la base para fazer una literatura propia, non aburrida, que los lectores (que non sei que son nim quem serán) puedan ser disfrutar de este y de los outros lados de las fronteras. A la vez, esta experiencia, este goce como postura post politica, post nazionale, post real, es um riesgo que decidi correr, sacrificando todas las regalías que te rodean cuando escribis nel contexto de una lengua oficial, com apoyo estatal, sistema de premiaciones, promociones nacionales et alia...

**Para finalizar, poderia nos comentar sua prática de tradução para o seu portunhol selvagem?**

Desde que publiqué el primer libro, vengo teletransportunholizando textos que me interessan al portunhol selvagem, como fragmentos de Gombrowicz (Ferdidurke, a partir de la versión de Virgilio Piñera et alia y “Kontra los poetas”, a partir de una versão ao portugues brasileiro de Marcelo Paiva)... Uso vários nombres para realizar esa operación de traduzione inbentada, digamos: transdeliramientos, transinbenciones, transdiversiones, teletransportunholizaciones... Me gusta la idea de teletransportunholizar, que implica em teletransportar textos de autores de todas las direcciones y épocas al portunhol selvagem del siglo XXI. Procuro traduzir el espíritu del texto, el quien de la poesia, el teko ete (o modo de ser de la energia del texto) em vez de traicionarlo fielmente ou simplemente traicionarlo ou traduzir literalmente apenas el significado. Algunas vezes me parece que tengo exito, como en la teletransportunholización del Ayvu Rapyta, joya rara mbyá guarani de la literatura ameríndia. Considero también esas operaciones como ejercicios free-style, training para la própria escritura, y a la vez, ejercicios de teletransportunholizacione... Pretendo también juntar em um bolumen intitulado Teletransportunhol Selvagem las transdeliraciones que fiz de Edgar Allan Poe, Malcom Lowry, Baudelaire, Rimbaud,



Fernando Pessoa, Manoel de Barros, Ezra Pound, entre outros poetas que curto, teletransportando assim textos de distintas épocas y lenguas a esta língua neoantiga que es mioportunhol selvagem del siglo XXI...

Disponível em:

<http://www.hispanistas.org.br/arquivos/revistas/sumario/revista2/159-166.pdf> Acesso em: 06/02/1997

## **ANEXO II**

### Entrevista II: Transdeliração Selvagem

Por: Ellen Maria Vasconcellos

09-03-2016

Douglas Diegues já é um velho e querido conhecido e praticamente dispensa apresentações. Ele é um dos maiores representantes da literatura em portunhol selvagem, “la lengua mais hermoza de la triple frontera, onde cabem todas las lenguas del mundo”; tradutor e poeta e fundador da editora cartonera Yiyi Jambo, parceira da Malha Fina Cartonera. Abaixo apresentamos a entrevista que Douglas Diegues nos concedeu ao blog da Malha Fina Cartonera, mesmo debaixo de uma febre suspeita de dengue ou chikungunya.

#### **Malha Fina Cartonera – Como foi que um nascido de frente para o mar resolve dar meia volta e vai parar no interior do continente?**

Douglas Diegues – Fue hermoso nascer do amor de minha mãe hispano-guarani y de meu pai carioca filho de um dentista baiano e uma dama mineira. Mas aos dois anos tive de voltar com a minha mãe para a fronteira. Ela precisava me ensinar o portunhol selvagem, uma língua que não existe, mas que foi la língua em que sempre nos comunicamos inventando-a no calor da hora. Minha mãe foi a minha primeira professora de portunhol selvagem. Non digo que el portunhol selvagem tenha uma origem biológica. Non houvesse nascido yo del amor de uma paraguaya e um brasileiro, certamente non haveria o meu portunhol selvagem.

**MFC – Quase quinze anos se passaram desde seu primeiro livro, de sonetos selvagens, “Dá gusto andar desnudo por estas selvas”. De onde surgiu este projeto/conceito de escrever em (uma das variantes do) portunhol selvagem e como é mantê-la viva na fala, escritura e como “non-lengua”? Viver na fronteira com o Paraguai faz com que o portunhol selvagem também se enriqueça nesta tríplice fronteira com o guarani?**

DD – Eu era o editor chefe de uma página de literatura no jornal Folha do Povo, de Campo Grande, MS. A página se chamava “palavra-bona”. Publicava entrevistas e textos com poetas e escritores de todo o Brasil. Então depois de dois anos e meio, uns jornalistas caretones que assumiram a nova direção do jornal me disseram que eu era um cara que andava sempre no mundo da lua etc e tal e que eles iriam cortar a página de literatura e me estavam despedindo naquele momento. Fiquei triste, fiquei com raiva dos caras. Entences comecei a escrever sonetos selvagens y nunca mais parei de escribirlos.

**MFC – Wilson Bueno e Manoel de Barros são alguns dos poetas que sua escritura dialoga/transdelira. Você pode citar outros escritores?**

DD – Só transdeliro los textos que me impactam; podem ser conocidos ou desconocidos, bons ou ruins, feos ou belos. Aquilo que me impacta es lo que tem a ver comigo. Prefiro non citar nomes, mas apenas ressaltar essa qualidade inexplicável de los textos que me impactam. Transdelira-los es uma maneira de hacerlos míos también, sem que deixem de ser de los autores.

**MFC – Você traduziu “Ayvu Rapyta”, uma obra prima. Você pode falar também um pouco sobre seu projeto de tradução/ adaptação/ versão/ invenção/ transcrição de autores para o portunhol selvagem? Há outros simpatizantes do movimento, não?**

DD – Traduzir el Ayvu Rapyta al portunhol selvagem es un sueño que venho tornando realidade desde 2007. Agora estou na fase de las revisiones. Traduzir Ayvu Rapyta a uma língua que non existe me parece ajudar a teletransportar a la version em portunhol selvagem el frescor de llamas y rocios. Yes, el portunhol selvagem tem muitos simpatizantes.

**MFC – “Uma flor na solapa da miséria” saiu em 2003 no mesmo ano que surgiu a Eloísa Cartonera. Como você conheceu e como surgiu seu interesse pelo projeto cartonero? O que você acha das cartoneras conquistando pouco a pouco cada vez mais adeptos no Brasil, toda América Latina e outros**

**continentes, e fugindo da burocracia e deste sistema mercadológico editorial?**

DD – Conheci el proyecto de Eloisa Cartonera com em 2003, em Asunción, quando Cucurto esteve no Paraguay e deixou livros em algumas librerias de Asunción. “Uma flor” foi publicado em 2005. O Cristian de Napoli propôs a publicação de um livro meu a Eloisa cartonera. Eles toparam publicar e fui leerlo no festival Salida al Mar de 2005 em Buenos Aires. O homenageado do festival foi o poeta Raul Zurita. Depois fui presentar “Uma flor” en la libreria se Buenos Aires, em 2006. A Revista Ñ publicou três sonetos salvajes en sua página dedicada a la poesia. Depois o livro vendeu pra cacete en la editora-instalação da Eloisa Cartonera durante a Bienal de SP. Depois outra cartoneras publicaram o livro, a Dulcinéia Catadora, a Yiyi Jambo. Quando encomendam um exemplar dessa obra, cortamos carton, fazemos um livro cartonero al toke com uma capa nunca vista y enviamos por el correo.

**MFC – Seu “Triple Frontera Dreams” saiu por pelo menos três cartoneras. Este ano seu livro “Tudo lo que você non sabe es mucho más que todo lo que você sabe” foi lançado por 5 editoras cartoneras. Como isso aconteceu/acontece?**

DD – El “Triple frontera dreams” saiu em version pocket por Yiyi Jambo, Katarina Kartonera y Eloisa Cartonera. Depois foi lançado o “tudo...” por seis cartoneras de seis países diferentes: México, Chile, Peru, Argentina, Espanha e Brasil. Acabo de assinar um contrato com la Interzona, de Buenos Aires, que publicará este ano la version integral de Triple frontera dreams.

**MFC – A “Yiyi Jambo” foi definida por você, em uma entrevista, como a primeira “kartonera nômade” e (ao menos duplamente) desobediente, na língua e no projeto editorial. Como nasceu, cresceu e sobrevive a editora cartonera “Yiyi Jambo”?**

DD – A Yiyi jambo fue fundada em Asunción, Paraguay, en la primavera del 2007, en el Barrio Sajonia, con mucha alegria y un estilo propio de hacer libros en formato non-único y cosido a mano. Su nombre inicial fue Jambo Girl. Pero decidimos paraguayizarlo convirtiéndolo en Yiyi Jambo. Yiyi es una palabra popular, cuya origen se verifica en los bajofondos, y significa mulher, novia, amada, amante, chica, muchacha. Jambo es una fruta abundante en el nordeste brasileiro; a la vez se refiere a un color achocolatado de piel feminina. Yiyi Jambo significa chica morena piel tono

chocolate. La grafia correcta es Yiyi Jambo y no YiYi Jambo como muchos suelen grafar. Fundamos Yiyi Jambo durante duas ou três festas en la mansion fake que alugamos nel bairro de Sajonia da capital paraguaya. Foi muito divertido y depois de algumas semanas eu estava nel fliporto, la festa literária de Porto de Galinhas, Pernambuco, lançando los livros com leituras impagabelles numa mesa com Xico Sá e Joca Terron. Pouco a pouco Yiyi Jambo, la primeira Cartonera do Paraguay, ficou conhecida no mundo inteiro. Una de las especificidades de Yiyi Jambo: los textos em portunhol selvagem que publicamos.

**MFC – Recentemente, vi uma nota sobre um grupo de 80 crianças no Paraguay participando da montagem/fabricação de um livro cartonero pela Yiyi Jambo. No Nordeste, há várias cooperativas funcionando gerando trabalho e dinheiro na produção de livros cartoneros. Você acha que de que maneira as editoras cartoneras podem contribuir para uma arte mais livre, além do fortalecimento da escritura e da leitura, por exemplo, por (e de) grupos com menos (ou nenhuma voz)?**

DD – Las editoras cartoneras podem contribuir muito ainda com la desmistificacion de la literatura, de la lectura y del libro. Pode salvar la vida de muitas pessoas também. Pode trazer mais liberdade para el arte de publicar livros. La coisa está apenas começando y después del libro cartonero los livros nunca mais serão los mesmos. Além disso tudo, é uma delícia fazer um livro de poesia cartonero com las propias manos. Las capas nunca se repetem. Y los livros. Não tem preço. Podem custar entre 10 y 5 mil reais. Você põe o preço. Quem quiser pagar, que lo pague. És uma arte muito livre.

**MFC – Você também é diretor, roteirista e tem uma porção de outros talentos. Já houve algum projeto envolvendo música, cinema de ficção ou documental, televisão & artes? Quais são os próximos projetos?**

DD – Escrevi apenas o argumento e o roteiro do filme doc.tv “O poeta é um ente que lambe as palavras e depois se alucina”, a convite de Manoel de Barros, que me ofereceu 5 mil reais de seu cachê para ajudá-lo a salvar o filme e filmar a sua poesia e não a sua biografia narrada por ele, etc e tal. Eu topei e fizemos esse trabalho juntos. Ele não iria participar do filme. Mas a pedido meu, ele contracena comigo na última

sequência em que nos cruzamos na Rua Piratininga, eu subindo pro norte e ele descendo pro sul. Ele todo de branco y eu disfrazado de andarilho com um saco de estopa nas costas puxando uma estrela do mar por uma corda.

Disponível em:

<https://malhafinacartera.wordpress.com/2016/03/09/transdeliracao-selvagem/>

Acesso em 06/02/2019

## ANEXO III

### Entrevista III: DOUGLAS DIEGUES

01-01-2009

Douglas Diegues, um poeta radicado em Ponta Porã (MS), com pouco mais de 40 anos, é o maior representante do Portunhol Selvagem no Brasil — embora negue que exista um único "portunhol selvagem"; que ele, Douglas, o tenha inventado; e que, ainda, tenha havido qualquer apropriação de sua idéia original por parte de outros escritores, jornalistas e editores.

Como Douglas Diegues mesmo define, seu Portunhol Selvagem nasce da "tripla fronteira" do Mato Grosso do Sul, misturando, justamente, português do Brasil, espanhol do Paraguai e variações do guarani ainda falado pelo índios (e/ou seus descendentes) na região. Reconhecido por poetas importantes de outras gerações, como Régis Bonvicino e Glauco Mattoso, Douglas é, em toda sua complexidade linguística, uma das vozes mais originais dos últimos anos. Publicou, entre outros livros, *Dá gusto andar desnudo por estas selvas — sonetos salvajes* (2002), *Uma Flor na Solapa da Miséria* (2006) e *El Astronauta Paraguayo* (2008).

Nesta Entrevista — com respostas em Portunhol Selvagem (por supuesto, sem tradução, com pouca revisão e quase nenhuma formatação) — Douglas Diegues conta da invenção de "seu" portunhol; aborda, com condescendência, a questão dos diluidores; evoca o reconhecimento (igualmente crítico); paga seu tributo a Manoel de Barros; fala, ainda, de sua própria editora, a Yiyi Jambo; e aborda, naturalmente, sua relação com a internet através de seu blog. Douglas, sem apego maior, escancara as portas do seu Portunhol Selvagem: "Quem quiser fazer, vae y faz, usando suo repertório y sua competência". Avanti! — JDB.

**1. Douglas, quem me apresentou, pela primeira vez, o seu nome foi o Régis Bonvicino. Eu tinha acabado de endossar um texto do Alcir Pécora, sobre a condescendência da nossa "crítica" e dos nossos "críticos" para com a Geração 90, quando ele me chamou a atenção para a sua poesia, dizendo que era nova mas que era diferente (despertava interesse). Trombei com algum inédito seu, na internet, através de uma entrevista com o Marcelino Freire, e gostei — mas**

**só fui me interessar mesmo quando assisti à sua mesa na Fliporto, ao lado de Xico Sá e Joca Reiners Terron. Então o Portunhol Selvagem, ou Salvaje, fez todo o sentido na minha cabeça, porque também fui criado entre o português e o espanhol... Conte-nos, portanto, como foi forjar essa língua, ou linguagem, que eu considero a mais original desde Guimarães Rosa.**

El portunhol selvagem brota de la nada como flor selvagem de la buesta de las vakas. Oui, yes, por supuesto, mejor comenzar desexplicando. Pues que de hecho toda explicación única (científica ou non) será siempre traicionera versione falsificada. Ou seja: non soy nim fui el inventor del portunhol selvagem. Soy apenas el inbentor de um concepto de portunhol selvagem, um portunhol salbahem enquanto habla y escritura y non-lengua. Um concepto falsificado, paraguayensis, pero que nim Borges y suos acólitos nim los kapos de Oxford ou de la Sorbonna lo podem refutar. Porque de hecho el portunhol selvagem se hay inventado a si mesmo em distintas épocas, antes y después de la Guerra de la Kuádruple Alianza (Londonlândia, hay que escribir solo la verdad, fue quem bankou la alianza luso-rapay-urugua-kurepí kontra Paraguaylândia).

Existem vestígios de lo proto-portunhol selvagem enquanto escritura em algunas páginas de Sousândrade, Oswald de Andrade, Haroldo de Campos, Héctor Olea, Wilson Bueno, Nestor Perlongher, Antonio Fraga... Y posso dizer também que, em ambos lados de la frontera, el pueblo inbenta-lenguas triplefrontero lo sigue inventando enquanto habla. Contudo, aqui, allá, kurepilândia, em todas las partes, konfunde-se ainda portunhol com portunhol selvagem bem como portunhol selvagem com portunhol salbahem y poro'u'ñol salvaje ... ¿Me desexplico? Digo que es um habla y es una escritura de las mais hermosas de tutti la gluebolândia, porque en los mil korazones de pneu de camión del portunhol selvagem cabem todas las lenguas del mundo habidas ou por haber. Avanti.

**2. Hoje o Portunhol Selvagem virou quase uma franquia: vejo muitos contemporâneos no seu rastro, mas sem a mesma vivacidade, como se fosse uma moda literária. Mesmo a inclusão do Wilson Bueno na genealogia, com Mar Paraguayo (1993), eu acho questionável, porque ele é mais um satirista, que**



**explora muitos outros estilos, como o do nosso pavoroso século XIX... Enfim: seguindo aquela idéia do Borges, você "inventou" seus predecessores; e você, hoje, tem seguidores, até ilustres. Vi, outro dia, uma menção ao seu blog, inclusive, numa revista de viagem e turismo. Há, ainda, essa confusão entre o seu Portunhol Selvagem e o "portunhol" que todo mundo arranha quando sai do Brasil. Sei que você não quer fixar uma forma; aliás, isso seria a morte, como já disse o mesmo Guimarães Rosa... Mas o que acha desse "auê" e das "variantes"?**

¡Bah! Diskordo 200% que el Portunhol Selvagem haya virado "quase uma franquia", porque, lo repito, ya cansado de repetirlo, non existe nem nunca existirá portunhol selvagem único. ¿Me desexpliko? Non es como Makidonall ou Burguerkin. Prefiro la imagen de miles de kurupís y yasiyaterês bailando cumbia flor de piedra com las yiyis mais hermosas de la Playa Mole. Cada persona nasce ya com suo portunhol selvagem próprio, personal, intransferíbellé. Sousândrade hay inventando el procedimiento de suo próprio portunhol selvagem nel Inferno de Walt Street, em que se mesclam el tupi ameríndio, espanhol, português y mais 4 ou 5 lenguas. Wilson Bueno hay inbentado el suyo com suo papyro mais rarófilo, el Mar Paraguayo. Xico Sá hay inventado el portunholito kabrobol xicosáensis com la nobela Caballeros solitários rumbo al sol poente. Ronaldo Bressane inventou el portunhol salbahem ronaldobressaniensis com Cada vez que ella dice X. Joca Reiners Terrón lo inbentou a suo modo terrónnnnnniensis, mesclando non guaraní, pero ishir-chamacoco a um portunhol selvagem muy dele em Monarks atravessam el Apa. Bruno Torturra lo inventa como um Waldick Soriano chaqueño esperando sua Stefanía entre baratones nocturnos paraguaianos... ¿Y como olvidar Mário y Quitéria, que participaram dum disko de los Titãs? ¿Qué lengua hermosa, fea, rupestre, post-literária, era aquella que ellos kanto-falavam?

Nem mais nem menos: cualquier princesa, cualquier anjo, cualquier vagabundo puede inbentar suo próprio portunhol selvagem. Non existe, y lo desrepito ya por milionésima primera vez, portunhol selvagem único, aunque seja como honguito lingüístico alucinógeno que si non faz bem também non faz mal pra ninguém. Brota de las selvas de los kuerpos triplefronteros, se inventa por si mismo, acontece ou non... Ya el portunhol convencional, sim, es algo único, em que se mezclam lusofonias com

hispanofonias y nada mais. Pero el portunhol selvagem non: además del guaraní, posso enfiar numa frase palabras de mais de 20 lenguas ameríndias que existem em Paraguaylândia y el resto de las lenguas que existem en este mundo. El portunhol comum es bissexual. El portunhol selvagem es polissexual. El portunhol conbencional es medio papai-mamãe. El portunhol selvagem es mais kama-sutra.

**3. O Glauco Mattoso, na orelha do seu livro pela Travessa dos Editores, evoca o Juó Bananère, e alguém já deve ter te aproximado, mais recentemente, do João Filho, um baiano caudaloso, que declamou sua prosa poética e chamou a atenção na Flip. Como você se sente em meio a essas comparações todas? Acha, primeiro, que tem comparação? Eu até entendo que jornalistas, e divulgadores, precisem te aproximar de alguma coisa que veio antes, mas, no seu caso, não sei se é a melhor opção... A pergunta, mais geral, é: você se sente compreendido nessa experimentação sem paralelos que faz com a nossa língua? Acha que existe um resíduo de crítica que pode estar notando a sua produção? Ou o reconhecimento é mais esse mesmo — dos festivais, das platéias, das gags? O Guimarães Rosa, se publicasse hoje, seguiria, igualmente, entre a invenção solitária e a veia cômica?**

Ya me han komparado también a um Don Quijote gordo, mas foi en la revista dum banqueiro'í de Rapaylândia... Y muy antes disso había ficado feliz por Glauco Mattoso (y non um bundón de las Akademias) haber publicado mios sonetos selvagens em suo sonetário brasileiro digital, antes mismo saíssem en libro. Gosto del baiano João Filho, de suo languahe mais joaonfilhoensis, seu português selvagem próprio que brota de la nada del sertonismo urbano mais paraguaio de Bahialândia. Gosto dos três autores lanzados pela Baleia (salve Nelson Provazi!): Jorge Cardoso, el Nilo y João Filho.

Também gosto de outros escribas que han brotado, en los últimos tiempos, desde el solo fértil y seco de mio querido nordeste brasileiríssimo para tutti la Gluebolândia: Xico Sá, Ronaldo Correia de Brito, Frederico Barbosa, Raimundo Carrero, Marcelino Freire, Jomard Muniz de Brito, Micheliny Verunschik y muitos otros que non lembro agora...

Nel âmbito de los estudos literários, cito com gosto Myriam Ávila, que dispensa comentários, hay escrito dois ensayos sobre mios sonetos salbahens que me gustan mucho, um deles publicados nel glorioso JB "Idéias e Livros".

Kuanto a los auês, caôs, badauês y demais surunauês, me parecem divertidos: outro dia vi nel youtube um bideo filmado en Mercearia Sam Pedro onde aparece uma yiyi, una hermosa pauslistanita leyendo un soneto salbahe de mio libro Uma Flor, pero atribuyéndolo a um poeta boliviano amigote suyo, y en la seqüência uma outra yiyi hermosa leyendo El Astronauta Paraguayo y mijándose de risa... Me faz bem que miles de yiyis hermosas como Márcia Tiburi me leiam... Hasta Maitê Proença, que debe ser muchíssimo mais hermoza de lo que aparenta en la moldura de la tele, dicen que recentemente hay leído um trecho d'El Astronauta Paraguayo en suo programa pollerita mykymy justita... ¡Baaaaaaah!... Non quer dizer nada, pero fico feliz, porque escrevo sobretudo también ou também sobre tutti kuanti para ustedes, hermosas yiyis de toda la Gluebolândia, escribo para ustedes, non para los boluditos, y mucho menos para los Pimkos (Cf. Witold Gombrowicz; Ferdurdurke; Seix-Barral; 2004)...

**4. Você ressuscitou a forma soneto, quando a poesia parecia condenada, para sempre, aos versos livres e brancos. Ou, então, quando o soneto só servia para expressar o mau gosto, a cafonice e a ignorância das pessoas. O que é um pouco culpa, convenhamos, dos poetas modernos — que emprestaram tanta coloquialidade à linguagem, a ponto de qualquer analfabeto funcional achar que pode "poetar" (verbo, aliás, horroroso que os poetastros, geralmente, adoram)... O economista que previu a crise financeira atual, sugeriu que se fechasse, por duas semanas, as bolsas de valores; o Elton John, numa investida senil contra a troca de arquivos on-line, sugeriu que se fechasse a internet (para salvar a indústria musical); mas, no caso da poesia, fechar, para balanço, a impressão, eu acho uma boa, porque, com a queda no custo das gráficas, se lança cada bomba... Qual a sua opinião sobre essa poesia "sem esperma", como você mesmo chama?**

¿Ressuscitei? Sei non... La poesia puede estar muerta... Pero habemus Augusto dos Anjos, Glauco Mattoso, Sebastião Nunes, Mário Bortolotto, Vera Albers, Manoel de

Barros, MaicknucleaR, Sérgio Medeiros, Bruno Napoleão y miles de outros, ¿quien mais?, miles de outros... Nel lado triplefrontero posso mencionar los Sonetos Soretos de Marcelo Silva, que em breve publicaremos por Yiyi Jambo... Pero si, por supuesto, los poetastros son um pé no saco... Aliás: el mundillo literário oficialezko es algo protokolar, falso, burocratizado, solenezko, vanidosamente aburrido... Sobre la poesia sin leche próprio, sin água íntima, que non fede nim cheira nim nada, recomendo la lectura de "Kontra los Poetas", el fulminante ensayo de Witold Gombrowicz (el gombro, pa los íntimos), el gran escritor polako autor de Trans-Atlantico, considerada por Ricardo Piglia, salvo engaño mio, la mejor nobela kurepí (argentina) del siglo XX...

**5. Eu vejo muitas referências suas ao Manoel de Barros, mas não consigo aproximar, muito, a sua obra da dele. Talvez seja como o dueto entre Martha Argerich e Nelson Freire — ela é uma tempestade, ele é delicado; ela parte pra cima do instrumento, ele o teme (e o respeita); ela sempre no atacado, ele sempre no varejo. No caso da poesia, encontro no Manoel de Barros um aspecto lúdico, panteísta, quase pré-verbal; enquanto você é desbocado, "selvagem" e dialoga com a nossa realidade urbana. Não duvido que a conversa, entre vocês dois, seja possível, mas, a meu ver, funciona mais como um contraste, uma oposição, uma relação dialética, de complementaridade. Estou certo ou falei bobagem? O que um veterano, consagrado, pode ensinar a um revolucionário, que é, muitas vezes, editor de si próprio? O que o mainstream da poesia, do Prêmio Portugal Telecom, pode ensinar ao autor que se equilibra na fronteira?**

Minha facultade de letras fueron las tardes com Manoel de Barros nel living de sua casa em Campo Grande, la hermoza city morena, kapital de mio querido Mato Grosso do Sul. Ouvindo atentamente el inbentor del Libro de las Ignoranzas, desaprendi miles de coisas sobre arkissemas, encantamento y néctar verbal, poesia y literatura, el Pa'í Viera y la frase em estado de sol. Manoel de Barros me hay transmitido lâmparas, águas, ignoranzas, ojos de pássaro, sabedorias vegetales sobre lo inverossímil verossímil. Solamente uma coisa que escrevi em português non es falsa y por isso nunca rasgarei: la solapa ("orelha") de la primeira edición del Libro de Pré-Koisas publicado pela editora Record.

Non sei si he podido devolver algo a mio querido Manoel de Barros, fenómeno rarófilo en la selva literária de la lusofonia, um menino que a los 92 se recusa degenerar en adulto amadurado.... Por mia kuenta, penso que prêmios como Brasil Telecom, Portugal Telecom, Non-sei-lo-que Telecom, non querem dizer puerra ninguma. Considero esses prêmios sospechosos. Y digo que Manoel de Barros merece mais até que el tal prêmio Nobel. ¡Abran Karajo! Usted diz que ele es um veterano consagrado onda mainstream y qué sei yo. Pero, la crítica oficial nacional, la mais mainstream, la top-line, la qué sei yo, todavia faz cuestión de ignorárló solemnemente.... Outra coisa: Manoel de Barros non es um poeta de fim-de-semana: ele vive la poesia de las palabras 28 horas por dia... Lo considero a Manoel de Barros y Stella mios mejores amigo de la tercera, quarta y oitava infânzia em Campo Grande... La conbersación com Manoel de Barros y Stella fue, es y será sempre, uma fiesta imperdible...

**6. Brinquei com as gráficas antes, mas gostaria de ouvir um pouco sobre a sua experiência como editor, à frente da Yiyi Jambo. Admirei a iniciativa, quase suicida, de editar em papel cartão, fazer um projeto pra lá de low cost e espalhar esses volumes pelo mundo, imagino que sem um "sistema" de distribuição. Hoje, embora haja muitas editoras, "para todos os gostos" (dizem), permanece uma dicotomia: ou você faz o jogo do mercado, dos best-sellers, da auto-ajuda (das "majors", digamos); ou você edita o que quer, mas não alcança as livrarias, e o público. Sei que podemos considerar a internet, mas eu prefiro me concentrar nos "livros físicos". Essa questão te preocupa na Yiyi Jambo? E como funciona o resto? Os autores são convidados ou apresentam seus projetos próprios? Você, efetivamente, edita (avalia, corta, dá sugestões)? Revisa também? As capas, eu já sei quem faz... Enfim, resuma essa ópera, porque eu imagino que as pessoas têm curiosidade em saber.**

Entre agosto y setiembre del 2007 y com el apoyo de Washington Cucurto y Javier Barilaro, fundadores de Eloisa Cartonera, hemos inventado Yiyi Jambo, con el bróder Domador de Yakarés, em Asunción del Paraguay, donde tuvimos el apoio de amigos poetas como Jorge Kanese, Hugo Duarte, Edgar Pou, Kuru Bogado, El conde Bazzano y Javier Viveros. Bibíamos en una pseudo-mansión del barrio sajonia.

Después conocimos periodista Carla Fabri, una de las damas selvagens de la nuebísima poesía paraguayensis, com quem realizamos anualmente el evento Kapital Mundial de la Ficción, que este año aconteceu no Hotel del Lago em San Bernardino, Sanber pa los íntimos, uma de las ciudades mais hermosas del Paraguay y del mundo, a los márgenes del mítiko Lago Azul de Ypakaraí.

Digamos que de fato Yiyi Jambo hay brotado también como flor de la buesta de las vakas. De la nada. De los futuros desconocidos. Fazemos libros com kapas de kartón komprado em vias públicas de pequeñas y grandes ciudades. Hasta el momento hemos publicado mais de 30 títulos. Em Paraguaylândia nunca tivemos apoyo de ninguma instituicione oficial para publicar los libros etc. Fazemos tudo movidos a cumbias villeras kurepas y paraguayas. Las kapas de los libros de Yiyi Jambo nunca se repetem porque son pintadas a mano por el Domador de Yakarés y colaboradores. El domatore, segundo Joca Terrón y Xico Sá y tambien Ronaldo Bressane, es uma espécie de Pollock de los Chacos. Recentemente, Yiyi Jambo fue invitada junto a Eloísa Cartonera y otros sellos del âmbito cartonero a participar dum evento em Wisconsin University, que acontecerá em 2009, em Yankeelândia.

Y lo hermozo de eso es que agora neste exato momento Yiyi Jambo es el primeiro sello editorial kartonero nômade, easy rider, itinerante, on the road... Dizem que Yiyi Jambo es una cartonera paraguaia... Pero era: porque agora non es mais... Non queremos representar a ningum país, ningum estado, ningum esquema burokrátiko oficialezko... A partir de agora moramos en la estrada, bamos y venimos driblando las alfândegas del pelotudismo... Estamos em Paraguay, em Ponta Porã, em Asunción, em Manaus, em Maceió, em Natal, em João Pessoa, em Cordisburgo, em Porto Alegre, em Curitiba, em Pedro Juan Almodóvar Caballero, em Sanber, nel hotelito del lago, por supuesto... Agora Yiyi Jambo es um sello cartonero de ninguma parte... Nim del Brasil nim del Paraguay nim nacione alguna...

Quanto a los títulos de la "Colección de poesia y narrativa transfronteriza Abran Karajo!", conbidamos sempre los autores que nos gustan, como el poeta Jorge Kanese, el inventor de la poesia de vanguardia y después del post-porno-vanguardismo en Paraguay... Ya publicamos dois libros de Kanese: Temboreí y Xamán Xapucero... Obviamente editamos los libros: revisamos etc., junto a suos autores, pero non somos perfeitos... Habemus mais de 20 títulos para publicar hasta el final deste 2008... Quanto ao mais, seguiremos kontrabandeando al Vaticano y al

resto de la Gluebolândia los bessos kalientes que nim los lovers boys mais karos de  
la selva rio-sampaulandensis vendem...

**7. E já que a internet apareceu, vamos entrar nela. Como tem sido a sua experiência com o blog? Era um desejo seu ou foi uma ferramenta que se impôs pelo seu alcance? Eu vi muitos escritores começando blogs e parando. Ou, então, matando blogs e, depois, ressuscitando. No seu caso, parece mesmo um diário de bordo. Ainda que você se derrame na mesma língua que inventou. Eu queria saber, também, se você lê outros blogs. Se a diferença de tempo, entre a internet (on-line) e a literatura (a dança dos séculos), incomoda você... A discussão é infinita e a classe dos escritores parece longe de um consenso, mas muitos evitam a exposição, criticam a "celebrização" do autor e, às vezes, até se opõem à idéia mesma do livro como "produto"... O blog pode ser uma faca de dois gumes, entre a literatura e o mercado? Você me parece tranqüilo em relação à internet, mas queria confirmar se é verdade.**

Entreí nel mundillo de los blogs guiado por una hermoza yiyi nel calor de la gracia del 2004 em la bella city morena, onde morei hasta el 2006. Konoci a esa yiyi, que ya era bloguera de las buenas, feroz sherazade afroguaranguita, y ella muy amablemente fez um bloguizito para mim. Non escribo mais nesse blog y nem lembro mais suo enderezo.... Escrevi muita porcaria alli. Non vale la pena. Amóntema. Foi. Después, fiz outro blógui, que uso como caderno de apontamentos mais do que diário: alli posteo notas, esbozos, borradores, delírios, intentos, pruebas de campo etc. Alli puedo escribir lo que quiser. Después fiz outros blóguis para postar material jornalístiko, conbersas com otros poetas, transdeliraciones y otras yerbas. Habemus también el blog de Yiyi Jambo en donde posteamos poko a poko los títulos que bamos publicando. Sei de algunos amigos que me leem pero non hay nem contador de público y nim sei bem quem me lee alli... Siento que me espionan diariamente los mails y otras boludeces: pero kago y ando para los espías, non tengo nada para esconder de ningun polítzei-system... Às vezes,c pinta um kabrón querendo usar mio blógui para insultarme, ridikularizarme, enredarme em polemikitas imbéciles... Enton, ponho

tranka pra non entrar bugiu y otros animalitos exóticos, evitando que me lo utilizem el blógui para atirar bosta em mim. Se quiserem lanzar mierda kontra mim, que se metam primeiro um yakaré de 2 porongos nel fondo del hondo y después tengam el trabajo de utilizar suos própios blóguis. Tampoko adentro en polémikas babakuaras. Aliás, difícil hoy dia polemikita que non seja mais aburrída que um tatu kure'í...

Sobre el tema libro bersus blógui: cada qual es una experiéncia estétika-sensorial diferente, cada uno tem um sabor... Non me interessa saber si es bom ou ruim: solo me interessa lo que me gusta... Espero que um dia me paguem para escrever um blógui, porque escrever gratirola nel blogspot es muy kansativo... Talvez llegue el dia em que nos paguem para usar este ou aquele www-service... Pero lo que sei es que em breve la internet se vai al karajo, chau internée, non lembro quem me hay comentado, y que será reemplazada por algo mais veloz... Quanto a lo mais, non entendo puerra ninguna de internet nim de merkado librero-editoriale on ou off-line... Non acompaño el circuito comercial... Prefiro escuchar temas de cumbia villera made in kurepilândia de los Flor de Piedra, Pibes Chorros y Damas Grátis...

**8. Esta pergunta é mais uma curiosidade minha. Como você consegue ser um poeta de alcance nacional morando em Ponta Porã (Mato Grosso do Sul)? Nossa amiga internet tem alguma coisa a ver com isso? Eu sei que tem, mas, mesmo assim, parece que não explica tudo. Afinal, você "aconteceu" de uma maneira repentina, na "Ilustrada" da Folha, e eu imagino que existam milhares de blogueiros "poetas" tentando isso agora (e não conseguindo)... Quero crer que se deve à originalidade da sua obra, mas meu realismo, mais uma vez, me impede de acreditar 100%. É sério que não é preciso mais habitar um grande centro para produzir, receber convites e sobreviver male male? Tradução: faria diferença para você, em termos de resultado, estar em São Paulo ou no Rio? Ou a produção seria a mesma, os convites, os mesmos e a sobrevivência, muito parecida?**

Lo que apresenta el poeta es la poesia que el poeta presenta me disse una vez Manoel de Barros. Y percebi que non adianta prólogo, padrino, mecenas, capas de ilustrada, producone, profissionalismo (¡bah!), kapas nel JB, resenhas positivas nel New York Times. Isso tudo pode ajudar a vender ou difundir, pero non alterará en



nada la poesia que el poeta apresenta. El gran Roman Jakobson dizia que el primero mito que um poeta cria es el mito del poeta. Avanti. Em mio caso, atenti, es el portunhol quem es selvagem, non el Douglas Diegues. Pero aki como em Kurepilândia, konfundem tudo: portunhol com portunhol selvagem, ximbo xá com Xico Sá, kola com porongo, kumbia com bola, kulo com kola, kachaka com guaripola... Avanti.

Qualquer um puede inventar suo portunholito selvagem onde quer que esteja. Obviamente cada lugar tem suas misérias y esplendores, suos infernos y paradaizes artificiales, suas kumbias flor de piedra y suas aburridas kachakas dolor de kuerno. Puede que lugares tengan influênzia em palabras. Pero la poesia non se faz com estar ou non em um determinado lugar, non-lugar, entre-lugar, post-lugar... La poesia se faz com palabras. Y com palabras se puede fazer poesia em qualquer parte. Estar em Nueva Yorki ou Ponta Porã terá alguma influencia. Pero non es garantia de puerra ninguma. Porque hay algo que está antes de las palabras, que es la energia que cada um enfia en sua palabra. Manoel de Barros por ejemplo pone sua energia, sua vida, suo amor amor. Ele expressa a si mesmo, non al "verso ideal", a la "frase perfeita". Es essa coisa que se pone antes de las palabras, la energia, el esperma, el amor amor, la buesta, non importa el nombre, ere'la'eré'a, lo que faz la diferencia.

**9. E falando de vida... como é viver numa língua que você mesmo criou? Poderíamos, claro, falar em "linguagem", mas é língua mesmo, porque você a fala no dia-a-dia. Não é como o Guimarães Rosa, que escrevia uma coisa e falava outra... Será que o que falta, aos nossos criadores literários, não é, justamente, uma convicção como a sua — de vestir a própria criação, além de lambê-la e incensá-la para a platéia? Os rebeldes vão dizer que, hoje, ninguém mais tem coragem de viver segundo os próprios ideais; e os fracassados vão falar que "quem vive" paga um preço alto. "La poesia está morta mas continua viva" é um verso seu — tem a ver com isso? Quer dizer: o fato de "todo mundo" querer ser poeta matou a poesia; mas a coragem de abraçar a própria poesia, brandindo os versos contra a indiferença, é algo que só poucos poetas, "com o fogo da palavra", podem realizar?**

Es importante aclarar que el portunhol selvagem, como observa el poeta Sérgio

Medeiros, existe enquanto habla, pero non como lengua. Y agora, obviamente, enquanto escritura, com um korpus de textos que brotam de la buesta de la post-hystória y se expande em mio caso permanentemente 25 horas por dia, hoy dia hasta puedo sonhar em portunhol selvagem. Agora, mudando rumbo a Guimarães Rosa, discordo que ele escrevia uma coisa y hablaba outra... Conosko suas cartas a Edoardo Bizzarri y a Paulo Dantas... Konosko sua entrevista a Günter Lorenz... Ademais de la coerência vida-escritura, conozko algo de seu trabalho como diplomata: gênio inimitábel, com sua gravatita borboleta, sui generis em la historia del Itamaraty. Avanti.

Sobre el portunhol selvagem: también non me konsta que dizer que la koisa brota com flor de la bosta de las vakas seja lamber e incensar la cria.... Me encanta escribir em portunhol selvagem: is diferent. Yes: hay mucho miedo y paranóia infiltrados, pero non hay mystérios nem lugares ideales, unas ciudades son mais poéticas que outras, y la poesia segue sendo la mais inútil de las artes... Quem quiser fazer, vae y faz, usando suo repertório y competência.... Quanto ao mais — ¡Abran karajo! — Kanese konfirmeitor — silva — Silvakov.

**10. Estamos encerrando e eu gostaria de ouvir seus conselhos para jovens iniciantes. Sei que "se conselho fosse bom" etc., mas você deve ter algumas indicações de leitura, alguns autores que considera fundamentais, algumas publicações que recomenda. Parece improvável que alguém aconselhe um jovem hoje a ser poeta, mas, por outro lado, as Cartas a um Jovem Poeta, de Rilke, são constantemente evocadas. O que o Douglas escreveria para um "jovem poeta"? Ou o que o Douglas escreveria para si próprio (anos mais jovem)? Além do "currículo obrigatório", de leituras, o que você recomendaria em termos de experiências? Se aventurar pelo mundo? Amar muito? Perder e, depois, ganhar tudo? O Drummond disse, do Vinicius quando morreu, que ele foi o único que teve coragem de viver como poeta. (Também tem muita gente que "vive no bar" e não escreve coisa nenhuma...) Douglas, a palavra é sua.**

Non tengo consejos para dar nim a um porco morto esticado sorridente num gancho cavernoso de hierro em una boutique de carnes, mucho menos para vender. Pero puedo sugerir que lean los libros cartoneros de Yiyi Jambo, de Paraguaylândia y todas

las estradas de la Gluebolândia; de Eloisa Cartonera, de Buenos Aires; de Yerba Mala Cartonera y Mandragora Cartonera, de Bolívia; de Felicitá Cartonera; de Murukujaramí Kartonera, de Paraguay; de Sarita Cartonera, de Almita Cartonera, de Chile; de Dulcinéia Catadora, komandada por mia querida amiga Lúcia Rosa em Sampaulândia; y también de la mexicana La Cartonera, que acaba de publicar Respiración del Laberinto (que también publicaremos em dezembro), de Mario Santiago Papasquiaro, poeta del grupo salbahem infrarrealista, com actuacione en México. Segundo Roberto Bolaño, el Papasquiaro (Ulisses Lima, en los Detetives Selvagens) ha sido el poeta mais intenso que ha conocido em sua vida.

Voltando a los libros cartoneros, digo que son una espléndida fuente de lecturas e inspiracione para jóvenes de todas las edades y, a la vez, una hermosa oportunidad para conocer parte de lo mais significativo que se escreve nel calor de la hora selvátika post-latrinoamericana. Los libros cartoneros, para quem ainda non sabe, son feitos com capas de cartón (papelão) kompradas em vías públicas de grandes y pequenas ciudades y después pintadas a mano. Tudo empezou em Buenos Aires, com Washington Cucurto y Javier Barilaro y el maravishozo nacimiento de Eloisa Cartonera en una hermosa noche de fiesta posmo-cumbiantera. Hoje, el fenómeno del libro cartonero se multiplika em várias partes del continente americano al mismo tempo. Yo y el Domador de Yakarés nos consideramos apenas astronautas multiplicadores del wawanko cartonero. Las capas pintadas a mano son como bessos calientes que nunca se repetem. Cada libro es um objeto único. Non tem precio. Y custam, aqui em Brasil, entre 5 y 20 reales el ejemplar, conforme el formato. Son libros que tienen korazón de kartón batendo, tan tán tan tán tan tán tan tán, piernas, sexo, boca, lábios, narizes, ojos y orejas... Pero non tengam miedo... Sobretudo non tengam miedo... Los libros de cartón non muerdem... Son como animalitos selvagens post-humanos... Y, por otra parte, como le dijo una vez Clarice Lispector a mio amigo José Castello: "Com miedo ninguém consegue escrrrrreverrrr"... Acrescento: sobretudo escrrribirrr em portuñol selvagem...

Disponível

em:

[https://www.digestivocultural.com/entrevistas/entrevista.asp?codigo=28&titulo=Douglas\\_Diegues](https://www.digestivocultural.com/entrevistas/entrevista.asp?codigo=28&titulo=Douglas_Diegues) Acesso em: 06/02/2019